

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**  
**Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU**

**Dissertação de Mestrado**



**Da memória ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPEl – A interação  
comunidade e universidade através da extensão**

**Maíla Machado Diniz**

**Pelotas, 2025**

**Maíla Machado Diniz**

**Da memória ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel – A interação  
comunidade e universidade através da extensão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Nirce Saffer Medvedovski

Pelotas, 2025

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

D585dDiniz, Maíla Machado

Da memória ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel  
[recurso eletrônico] : a interação comunidade e universidade através  
da extensão / Maíla Machado Diniz ; Nirce Saffer Medvedovski,  
orientadora. — Pelotas, 2025.  
151 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,  
Universidade Federal de Pelotas, 2025.

1. Projeto de extensão. 2. Métodos participativos. 3. Requalificação  
urbana. 4. DRUP. 5. Inteligência artificial. I. Medvedovski, Nirce Saffer,  
orient. II. Título.

CDD 720

Elaborada por Aline Herbstrith Batista CRB: 10/1737

Maíla Machado Diniz

**Da memória ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel – A interação  
comunidade e universidade através da extensão**

Dissertação aprovada, para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data de Defesa: 24/09/2025

Banca examinadora:

Prof.a. Dra. Nirce Saffer Medvedovski (Orientadora)

Arquiteta e Urbanista, Doutora em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Universidade de São Paulo.

.....

Prof. Dr. Eduardo Rocha (Banca interna)

Arquiteto e Urbanista com especialização em Patrimônio Cultural (CA/UFPel), Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PROPAR/UFRGS).

.....

Prof. Dra. Adriane Borda (Banca interna)

Arquiteta e Urbanista (UFPel), Doutora em Filosofia e Ciências da Educação (Zaragoza/UNIZAR).

.....

Prof. Dra. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja Elali (Banca Externa)

Arquiteta-Urbanista e Psicóloga UFRN, mestrado e doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas USP, e pós-doutoramento em Arquitetura, Universidade de Lisboa.

.....

Dedico este trabalho a todos os participantes desta pesquisa.

## **Agradecimentos**

Quero expressar minha gratidão a todos aqueles que contribuíram com este trabalho.

Primeiramente, à Professora Dra. Nirce Saffer Medvedovski, minha orientadora, pela oportunidade de formação no curso de mestrado, por sua seriedade, dedicação, apoio e incentivo ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Gratidão por todo o conhecimento compartilhado ao longo do período acadêmico e por me fazer acreditar na minha capacidade. Foi uma honra estar junto ao PROGRAU nos anos de formação como pesquisadora.

Agradeço aos amigos Luana Loureiro, parceira nos artigos, Kaynã Echevengua, Pedro Roque e Guilherme Zitzke pelo auxílio técnico para com processo de adaptação do MotivAção, assim como, por toda troca de conhecimento compartilhada no período do meu Mestrado. Ao Núcleo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo o qual fiz parte nesses anos, e à Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento da UFPel, em específico à Daniela e a Cintia, meu agradecimento por todo apoio.

Agradeço aos professores Dra. Gleice Elali e Dr. Cristhian Brum pelas valiosas contribuições na banca de qualificação deste trabalho. Meus agradecimentos se estendem à professora Dra. Adriane Borda e ao professor Dr. Eduardo Rocha por aceitarem o convite de avaliar este trabalho e serem membros da banca de defesa final.

Agradeço à minha família por me incentivar e dar força até que chegasse nessa etapa acadêmica.

A todos colegas da turma de 2023 do PROGRAU - UFPEL com quem tive a oportunidade de conviver e trocar conhecimento nas disciplinas, minha sincera gratidão!

## Resumo

DINIZ, Maíla Machado. Da memória ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel – A interação comunidade e universidade através da extensão. Pelotas, RS. 2025. Banca de defesa para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, RS.

Esta pesquisa trata de uma análise sobre a capacidade dos projetos participativos de extensão em auxiliar na criação de locais pertencentes as universidades, que tem potencial de interação com a comunidade externa, fazendo com que haja unicidade entre as ações de ambas através de seus espaços compartilhados. A proposta entende o espaço da praça como espaço de suporte para ações extensionistas da UFPEL. O trabalho busca o resgate da memória local e dos desejos sobre seu uso futuro, através de métodos participativos de pesquisa, constituindo como estudo de caso a Praça Anglo da Universidade Federal de Pelotas, RS. Para a instalação de um novo Campus foram adquiridos pela UFPel um frigorífico desativado na antiga zona industrial da cidade, zona, que inclui bairros como Balsa, Porto e Caieira, e que vem desde esta aquisição, lidando com significativas mudanças na região. A universidade, não somente adquiriu os prédios industriais, mas também um terreno de áreas verdes que outrora, a comunidade dos bairros do entorno utilizava para lazer e convívio social, dotando de valores tangíveis e intangíveis ao local. Neste contexto, o projeto de pesquisa-ação entra como ponto chave para resgatar as diferentes memórias e significados que somente a própria comunidade poderia expor através de suas vivências. O objetivo principal da pesquisa é desenvolver ferramentas para a construção de espaços compartilhados pela comunidade universitária e comunidades do seu entorno por meio da proposta da qualificação de uma praça de uso comunitário. A pesquisa levou em consideração a história do lugar, memória e patrimônio, o papel do espaço público, fenômenos sociais comportamentais, conceitos de apropriação e sentido de lugar, assim como o papel dos projetos de extensão universitária na conscientização, construção e manutenção de espaços de uso coletivo. No desenvolvimento deste trabalho foram apresentadas narrativas da comunidade externa, coletadas a partir de projetos participativos. Baseado no projeto de extensão intitulado “Desenvolvimento de métodos participativos para requalificação urbana”, pertencente ao Projeto Integrado “Aprendendo com o Usuário – III edição”, este trabalho também tem por objetivo específico desenvolver nova visão do Método MotivAção com a utilização de novas tecnologias de inteligência artificial generativa para processos participativos de melhorias urbanas, assim como, a utilização da ferramenta DRUP (Diagnóstico Rápido Urbano Participativo) método de suporte da proposta através da participação comunitária. Como resultado temos um projeto da Praça Anglo segundo os usuários da comunidade e novas alternativas de uso do MotivAção que poderão embalar projetos futuros.

**Palavras chaves:** Projeto de extensão; métodos participativos; requalificação urbana; DRUP; inteligência artificial.

## Abstract

DINIZ, Maíla Machado. From memory to belonging, the case of Praça Anglo UFPel – Community-university interaction through outreach. Pelotas, RS. 2025. Defense committee for the Master's degree in Architecture and Urbanism. Graduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Pelotas, RS.

This research analyzes the capacity of participatory extension projects to support the creation of university-owned spaces that have the potential for interaction with the external community, fostering a unified understanding of both university and community activities through shared spaces. The proposal views the square as a support space for UFPel's extension activities. The work seeks to recover local memory and the desires for its future use through participatory research methods, constituting the case study of Anglo Square at the Federal University of Pelotas, RS. To establish a new campus, UFPel acquired a decommissioned meat processing plant in the city's former industrial zone, an area that includes neighborhoods such as Balsa, Porto, and Caieira. Since then, the area has undergone significant changes. The university acquired not only the industrial buildings but also a plot of land with green spaces that the surrounding community once used for leisure and social gatherings, adding tangible and intangible value to the site. In this context, the action research project is key to reclaiming the diverse memories and meanings that only the community itself could reveal through its experiences. The main objective of the research is to develop tools for building spaces shared by the university community and surrounding communities through the proposal of qualifying a community-use square. The research considered the history of the place, memory and heritage, the role of public space, social behavioral phenomena, concepts of appropriation and sense of place, as well as the role of university outreach projects in raising awareness, building, and maintaining spaces for collective use. This work presented narratives from the external community, collected from participatory projects. Based on the extension project entitled "Development of Participatory Methods for Urban Requalification," part of the Integrated Project "Learning from the User – III Edition," this work also specifically aims to develop a new vision of the MotivAção Method by utilizing new generative artificial intelligence technologies for participatory urban improvement processes, as well as the use of the DRUP (Rapid Participatory Urban Diagnosis) tool, a method to support the proposal through community participation. The result is a project for Anglo Square according to community users and new alternatives for using MotivAção that could inform future projects.

**Keywords:** Extension project; participatory methods; urban requalification; DRUP; artificial intelligence.

## Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa da América Latina à direita, e mapa do Rio Grande do Sul à esquerda, destacando a cidade de Pelotas.....	1
Figura 2 - Delimitação da área pertencente à UFPel.....	2
Figura 3 - Área destinada à futura Praça Anglo, logo após o início das reformas dos prédios para adaptação ao novo uso.....	3
Figura 4 - Área destinada a futura Praça Anglo, atualmente.....	3
Figura 5 - Delimitação da área destinada a praça.....	4
Figura 6 - Fatores de senso de lugar.....	17
Figura 7 - Dimensões da Criação de lugares.....	18
Figura 8 - Diferentes escalas de senso de lugar.....	19
Figura 9 - Demonstração dos fatores afetivos do apego ao lugar.....	22
Figura 10 - Intervenções a partir do Programa Vizinhança.....	32
Figura 11 - Processo cíclico da ciência.....	33
Figura 12 - Área coletiva e pública de convívio social da UFV.....	35
Figura 13 - Parque Tecnológico de Viçosa.....	35
Figura 14 - Museus e Espaços de Ciência da UFV.....	38
Figura 15 - Entrada da UFSCAR.....	39
Figura 16 - Biblioteca Comunitária (BCo) da UFSCar.....	40
Figura 17 - Parque Tecnológico de São Carlos.....	41
Figura 18 - Macrorregiões de Pesquisa.....	51
Figura 19 - Sistematização das etapas da pesquisa.....	52

Figura 20 - Antigo Frigorífico Anglo de Pelotas.....	55
Figura 21 - Participação ativa da comunidade.....	61
Figura 22 - Elipse de delimitação da área de abrangência do DRUP.....	62
Figura 23 - Números de Aplicações em casa Macrorregião.....	65
Figura 24 - Marco visual, apartamentos Moradas Porto.....	72
Figura 25 - Marcos visuais, portão de entrada do Campus e fachadas das casas.....	72
Figura 26 - Kalungas desenvolvidos para inserção no aplicativo MotivAção.....	75
Figura 27: Interface do MotivAção.....	77
Figura 28 - Interface para escolha dos cenários.....	77
Figura 29 - Interface mostrando a biblioteca de kalungas.....	78
Figura 30 - Interface cenário editado.....	78
Figura 31 - Percentual de entrevistas por região.....	80
Figura 32 - Gráfico do tempo de moradia.....	81
Figura 33 - Gráfico do uso das áreas verdes ou de lazer.....	81
Figura 34 - Gráfico da Arborização do entorno.....	82
Figura 35 - Gráfico da iluminação do entorno.....	82
Figura 36 - Gráfico das atividades propostas no questionário.....	83
Figura 37 - Acúmulo de lixo e entulhos.....	84
Figura 38 - Gráfico de utilização do espaço durante a noite.....	84
Figura 39 - Gráfico da memória sobre o uso anterior do terreno.....	85
Figura 40 - Nuvem de palavras dos pontos negativos dos bairros em geral.....	86
Figura 41 - Nuvem de palavras dos pontos positivos dos bairros em geral.....	87

Figura 42 - Nuvem de palavras dos pontos negativos referente as áreas verdes dos bairros em geral.....	87
Figura 43 - Nuvem de palavras dos pontos positivos dos bairros em geral referente as áreas verdes.....	87
Figura 44 - Nuvem de palavras dos pontos positivos do bairro Porto.....	89
Figura 45 - Nuvem de palavras dos pontos negativos do bairro Porto.....	89
Figura 46 - Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do bairro Porto.....	90
Figura 47 - Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do bairro Porto.....	90
Figura 48 - Nuvem de palavras dos pontos negativos da Ocupação Marinha.....	91
Figura 49 - Nuvem de palavras dos pontos positivos da Ocupação Marinha.....	91
Figura 50 - Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes da Ocupação Marinha.....	92
Figura 51 - Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes da Ocupação Marinha.....	92
Figura 52 - Nuvem de palavras dos pontos positivos PAC Anglo.....	92
Figura 53 - Nuvem de palavras dos pontos negativos do PAC Anglo.....	93
Figura 54 - Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do PAC Anglo.....	94
Figura 55 - Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do PAC Anglo .....	94
Figura 56 - Nuvem de palavras dos pontos positivos do bairro Balsa.....	95
Figura 57 - Nuvem de palavras dos pontos negativos do bairro Balsa.....	96
Figura 58 - Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do bairro Balsa.....	96

Figura 59 - Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do bairro Balsa.....	97
Figura 60 - Nuvem de palavras dos pontos positivos do bairro Ambrósio Perret.....	98
Figura 61 - Nuvem de palavras dos pontos negativos do bairro Ambrósio Perret.....	99
Figura 62 - Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do bairro Ambrósio Perret.....	99
Figura 63 - Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do bairro Ambrósio Perret.....	99
Figura 64 - Mapa da legibilidade entrevistado 1.....	105
Figura 65 - Mapa de setorização entrevistado 1.....	105
Figura 66 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 1.....	106
Figura 67 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 1.....	106
Figura 68 - Mapa da legibilidade entrevistado 2.....	107
Figura 69 - Mapa de setorização entrevistado 2.....	108
Figura 70 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 2.....	108
Figura 71 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 2.....	109
Figura 72 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 3.....	110
Figura 73 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 3.....	111
Figura 74 - Mapa de setorização entrevistado 4.....	112
Figura 75 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 4.....	112
Figura 76 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 4.....	113
Figura 77 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 5.....	114
Figura 78 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 5.....	115
Figura 79 - Mapa da legibilidade entrevistado 6.....	116
Figura 80 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 6.....	116
Figura 81 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 6.....	117

Figura 82 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 7.....	118
Figura 83 - Cenário Virtual criado pelo entrevistado 7.....	119

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Projetos de Extensão Universitária da UFPel (2025).....	26
Quadro 2 - Projetos de Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel.....	29
Quadro 3 - Quadro 3: comparativo de alcance, impactos e desafios.....	45
Quadro 4 - Possibilidades de uso da Praça Anglo para atividades de extensão.....	49
Quadro 5 - Detalhamento da Metodologia da Pesquisa.....	53
Quadro 6 - Estrutura das entrevistas qualitativas: Passado, Presente e Futuro da Praça Anglo.....	70

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1 Identificação e Relevância do Problema	5
1.2 Justificativa	6
1.3 Objetivos	6
1.3.1 Objetivo Geral	6
1.3.2 Objetivos Específicos	6
<b>2. ESTADO DA ARTE</b>	<b>7</b>
2.1 Conceitos Orientadores - Fenômenos Sociais Comportamentais	7
2.1.1 Conceito de Apropriação	8
2.1.1.1 Apropriação por Ação/Transformação	9
2.1.1.2 Apropriação por Identificação Simbólica	10
2.1.1.3 Apropriação em Etapas	11
2.1.2 Comparação com Outros Conceitos	11
2.1.2.1 Dinâmica do Processo de Apropriação	12
2.1.3 Apropriação em Espaços Públicos	12
2.1.4 Sentido de Lugar – Sense of Place	15
2.1.5 Apego de Lugar - Place Attachment	20
2.1.6 Conceito de Lugar	22
2.2 A extensão Universitária	23
2.2.1 O papel social da extensão universitária	23
2.2.2 Novos Rumos da Extensão Universitária	25
<b>3. REVISÃO EMPÍRICA</b>	<b>32</b>
3.1 O Campus da Universidade Federal de Viçosa	33
3.1.2 Ciência na Praça	36
3.2 O Campus da Universidade de São Carlos (USP)	39
3.2.1 Interação com a comunidade do entorno	40
3.2.2 Espaços de convivência dentro do campus e o Programa Pertencer	42
3.2.3 Comparação entre o Campus USP São Carlos e o Campus Anglo UFPel	43

3.2.4 Sentido de Lugar e Apropriação nos Campi Universitários -----	46
3.2.5 A Praça Anglo como suporte para atividades de extensão universitária -----	47
<b>4. METODOLOGIA-----</b>	<b>50</b>
4.1 Memória e Patrimônio – A História do Lugar -----	53
4.2 O antigo Frigorífico Anglo-----	55
4.3 A Cidade de Pelotas e a Universidade -----	58
4.4 Métodos Participativos de Pesquisa -----	59
4.5 Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP) -----	60
4.6 MotivAção -----	66
4.6.1 Desenvolvimento do Projeto do MotivAção e sua automação -----	68
4.6.2 O processo de adaptação do MotivAção para o caso da Praça Anglo-----	69
4.6.3 Solução para a participação dos usuários do MotivAção-----	75
4.6.4 Aplicação da Ferramenta-----	76
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÕES-----</b>	<b>79</b>
5.1 Resultados do DRUP -----	79
5.1.1 Análise e Resultados Gerais da Áreas -----	80
5.1.2 Resultados Específicos por Região-----	88
5.1.4 Recomendações -----	101
5.2 Resultados do MotivAção-----	102
5.2.1 Análise dos cenários construídos -----	103
5.2.2 Potencialidades da ferramenta como instrumento participativo-----	119
<b>6. CONCLUSÃO-----</b>	<b>120</b>
<b>7. REFERÊNCIAS-----</b>	<b>122</b>
<b>8. ANEXOS-----</b>	<b>130</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a interação entre universidade e comunidade, enfatizando o papel dos projetos de extensão universitária como instrumentos de articulação entre ambas. A investigação, inserida na área de concentração *Cidade e Sociedade*, busca compreender as formas de interação entre instituições de ensino superior e as comunidades que as circundam, tendo como estudo de caso o Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), instalado no antigo Frigorífico Anglo, localizado na antiga zona industrial da cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul (Figura 1).



Figura 1: Mapa da América Latina à direita, e mapa do Rio Grande do Sul à esquerda, destacando a cidade de Pelotas

Fonte: Google Maps, e <http://www.viagemdeferias.com/mapa/rio-grande-do-sul/>

O patrimônio de um antigo frigorífico adquirido pela UFPel e adaptado para fins acadêmicos caracteriza-se pelo reaproveitamento de infraestruturas industriais, preservando elementos arquitetônicos que mantêm a identidade histórica da região. Essa preservação é fundamental para resgatar a memória local, garantindo benefícios tanto à comunidade acadêmica quanto aos

moradores dos bairros adjacentes. Conforme Michelin (2012), “a memória dos trabalhadores e os prédios remanescentes são as fontes mais imediatas e presentes para avaliar muitos aspectos que envolveram a vida dessa grande empresa e para conhecer o impacto que teve sobre a sociedade local”.

A pesquisa está vinculada à proposta de implantação de uma praça pública em área situada em frente aos prédios do Campus Anglo (Figura 2), circundada pelos bairros Balsa, PAC Anglo, Porto e pelos conjuntos residenciais Simon Bolívar e Moradas Porto. Tal iniciativa integra um processo de requalificação urbana por meio de métodos participativos, conduzido pela Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN) e pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (NAURB/FAURB).



Figura 2: Delimitação da área pertencente à UFPel

Fonte: Pró Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN) da UFPel, 2023

Historicamente, a área destinada à futura praça era utilizada como espaço de lazer pela comunidade local após o encerramento das atividades do antigo frigorífico, com campos de futebol e áreas arborizadas. Entretanto, as obras de adaptação do campus resultaram no acúmulo de resíduos de demolição e no

crescimento desordenado da vegetação, transformando o local em um espaço ocioso e inseguro (Figuras 3 e 4).



Figura 3: Área destinada à futura Praça Anglo, logo após o início das reformas dos prédios para adaptação ao novo uso  
Fonte: Acervo da autora, imagens capturadas por moradores.



Figura 4: Área destinada a futura Praça Anglo, atualmente  
Fonte: Acervo da autora, imagem autoral, 2023.

Com isso, a Universidade prevê a revitalização da área (Figura 5), devolvendo à população um espaço de convivência qualificado.

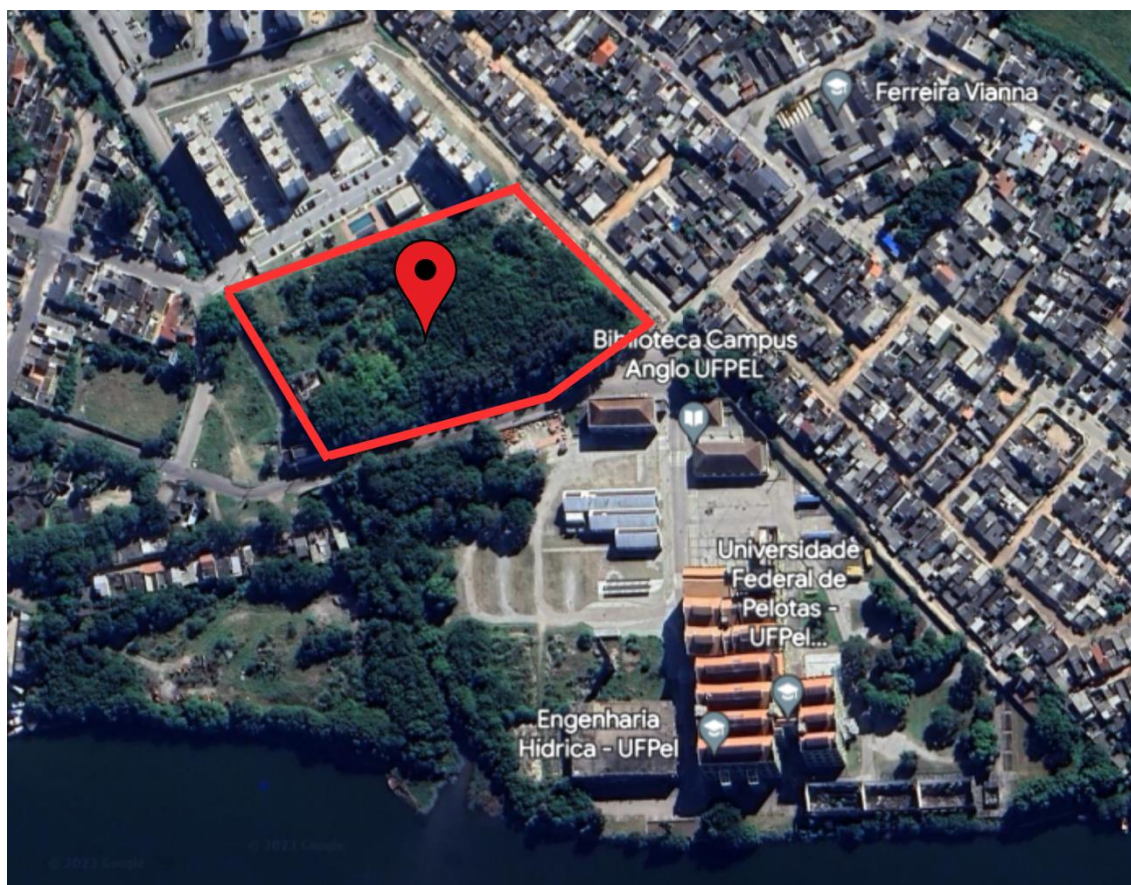


Figura 5: Delimitação da área destinada a praça  
Fonte: Google Earth, edição autoral, 2023.

O estudo utiliza métodos participativos, como o Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP) e a ferramenta MotivAção, que possibilitaram uma aproximação efetiva com os moradores e a obtenção de dados a partir de suas vivências contribuindo para a materialização de uma praça do futuro. Foram realizadas entrevistas nos bairros Porto, Ocupação Marinha<sup>1</sup>, Loteamento PAC Anglo, Balsa, Ambrósio Perret, além dos condomínios Moradas Porto e Simon Bolívar, garantindo a inserção das demandas comunitárias no projeto da praça. O objetivo central consiste em identificar o potencial de espaços compartilhados entre universidade e comunidade, analisando a interação sob as perspectivas do

---

<sup>1</sup> A Ocupação Marinha, localizada no bairro Porto, em Pelotas, é um movimento social de ocupação urbana. Esse tipo de ocupação geralmente ocorre quando grupos de pessoas, muitas vezes sem acesso a moradias adequadas, ocupam terrenos ou imóveis desocupados. A Ocupação Marinha em específico surgiu como uma resposta à necessidade de moradia e à exclusão social. Os moradores dessas ocupações costumam enfrentar condições precárias, mas se organizam coletivamente para reivindicar o direito à moradia digna e a inclusão social. Movimentos como esse frequentemente buscam regularização fundiária, melhorias nas infraestruturas e o reconhecimento legal das suas residências.

espaço, lugar e pertencimento. Além disso, busca-se resgatar a memória do local e compreender seu papel no desenvolvimento de ações extensionistas.

A proposta parte do pressuposto de que a nova praça poderá restabelecer o sentimento de pertencimento da comunidade, ao ressignificar um espaço marcado por memórias do antigo frigorífico e transformá-lo em local de convivência. Nesse sentido, a reflexão teórica apoia-se na concepção de Lamas (1993, p. 102), para quem “a rua como lugar de circulação e a praça como lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”. Parte-se ainda da premissa de que o uso é um dos principais indicadores de sucesso de espaços públicos (JACOBS, 2009; LYNCH, 1997; CARR et al., 1992), o que reforça a necessidade de compreender as demandas locais para garantir a efetividade do projeto.

### **1.1 Identificação e Relevância do Problema**

O estudo analisa a proposta de implantação de uma praça em área pertencente à UFPel, localizada no Campus Anglo, antigo complexo industrial que abrigou o Frigorífico Anglo. A formação do entorno, especialmente do bairro Balsa, está associada à fixação dos trabalhadores do frigorífico, o que confere à comunidade uma forte memória afetiva em relação ao local. Após o fechamento da indústria, a área foi apropriada pela população para atividades de lazer e esporte, suprimindo a carência de espaços públicos. Com a aquisição do terreno pela Universidade, a execução das obras gerou deposição de entulhos sobre as áreas verdes, resultando na degradação do espaço, tornando-o ocioso e inseguro tanto para moradores quanto para a comunidade acadêmica, caracterizando um vazio urbano (DUTRA, 2017).

Nesse contexto, o objetivo principal é promover a integração entre universidade e comunidade para revitalizar a área, tendo os projetos de extensão como instrumentos de diálogo e construção coletiva. A proposta busca alinhar-se aos princípios de desenvolvimento urbano sustentável e à melhoria da qualidade de vida, valorizando a autonomia da comunidade por meio de processos participativos e reconhecendo a extensão universitária como ponte entre os dois atores.

## **1.2 Justificativa**

O debate sobre cidadania e participação social tem adquirido relevância crescente, reforçando a necessidade de processos decisórios democráticos que impactam diretamente a qualidade de vida urbana. Esta pesquisa valoriza a educação e a participação como práticas fundamentais para a transformação do espaço urbano. Faundez (1993) ressalta que a aprendizagem da participação requer pertencimento, diálogo e identificação das necessidades coletivas. Assim, a incorporação da dimensão participativa não deve limitar-se à validação de propostas previamente definidas, mas constituir um processo efetivo de corresponsabilização entre os atores envolvidos.

Essa abordagem favorece a criação de espaços que expressem a identidade local, estimulando o cuidado e a apropriação pelos usuários. Tuan (1977, p. 6) observa que “o espaço se transforma em lugar à medida que ganha significado”, o que reforça a importância da participação comunitária como mecanismo de atribuição de valor simbólico e funcional ao espaço público.

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo Geral**

O objetivo principal da pesquisa é desenvolver ferramentas para a construção de espaços compartilhados pela comunidade universitária e comunidades do seu entorno por meio da proposta da qualificação da Praça Anglo. Dentro do contexto geral de objetivo da pesquisa, está o foco em relacionar potencialidades existentes dentro e fora da Universidade, e fazer com que estas potencialidades sejam compartilhadas e benéficas para ambas as partes, tendo em vista futuras propostas de atividades de extensão universitária.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

Para alcançar estas especificidades, pode-se destacar os objetivos específicos que precedem esse processo de interação, são eles:

- I) Entender como acontecem as interações entre Instituições de Ensino Superior e as comunidades que se localizam ao seu redor;
- II) Utilizar a ferramenta DRUP (Diagnóstico Rápido Urbano Participativo) método de suporte de propostas através da participação comunitária;

III) Resgatar a memória local, através de métodos participativos de pesquisa, identificando as necessidades, e expectativas da comunidade local;

IV) Análise de potencial referente ao espaço da praça nas atividades de extensão da universidade.

V) Avaliar a possibilidade de utilizar as novas tecnologias da inteligência artificial generativa para processos participativos de melhorias urbanas.

## **2. ESTADO DA ARTE**

### **2.1 Conceitos Orientadores - Fenômenos Sociais Comportamentais**

Segundo Lefebvre (1991), o espaço não é neutro, mas construído socialmente por relações econômicas, políticas e culturais. Fenômenos Sociais Comportamentais referem-se aos padrões e tendências observáveis nas interações e comportamentos dos indivíduos e grupos dentro de um contexto social. Esses fenômenos são essenciais para a compreensão de como as pessoas interagem com o ambiente urbano e como isso, por sua vez, influencia o design e a funcionalidade dos espaços urbanos. O espaço é um produto social (LEFEBVRE, 1991, p.26). As práticas cotidianas revelam táticas de resistência no espaço urbano (CERTEAU, 1994, p. 94).

Certeau (1994) analisa como as pessoas comuns transformam espaços urbanos planejados por meio de ações diárias, criando significados próprios. Neste estudo, o principal fenômeno comportamental evidenciado refere-se ao ato de apropriação de um lugar específico por uma comunidade, esta apropriação se deu por alguns fatores relevantes como, memória afetiva e carência de espaços verdes de convivência social e lazer, assim como, falta de infraestrutura adequada para suporte das poucas áreas verdes existentes na comunidade. As cidades brasileiras enfrentam problemas históricos que continuam na contemporaneidade, incluindo precariedade, loteamentos e assentamentos clandestinos, construções irregulares e falta de infraestrutura urbana. Dessa forma, há grande diversidade na maneira como as populações se apropriam do espaço urbano, os motivos e artifícios que as levam a ocupar esses lugares (IPARDES, 2010).

### **2.1.1 Conceito de Apropriação**

Atualmente, conceitos como apego ao lugar (*place attachment*), senso de lugar (*sense of place*), significado do lugar (*meaning of place*) e identidade do lugar (*place identity*) têm recebido atenção significativa na literatura de arquitetura e design urbano, especialmente no campo da psicologia ambiental. O termo Apego ao Lugar (*Place Attachment*) segundo autores como Altman & Low(1992) e Hidalgo e Hernández (2001) refere-se a ligação emocional entre indivíduos ou grupos e um lugar específico, refletindo sentimentos de pertencimento, segurança e conforto. O apego ao lugar reforça a apropriação simbólica e prática do espaço, indivíduos que sentem apego tendem a cuidar, interagir e modificar os espaços de acordo com suas necessidades. No contexto da Praça Anglo, a comunidade do seu redor, mostra sentimentos de pertencimento com relação ao espaço do Campus, assim como, demonstra preocupação sobre seu estado atual. De acordo com Tuan (1977), Relph (1976) e Cuba & Hummon (1993) o conceito de Senso de Lugar (*Sense of Place*) é a percepção subjetiva que os indivíduos têm de um espaço, incluindo aspectos emocionais, cognitivos e sociais. Refere-se ao sentido que um lugar tem para quem o vive. A relação do conceito de Senso de Lugar com Apropriação está ligada à participação ativa no espaço, uso regular e práticas sociais. Deste modo, no contexto da Praça, facilita a integração das comunidades externa e interna à universidade, pois cria significado compartilhado nos espaços coletivos. Segundo Low & Altman (1992) e Hay(1998) o conceito *Meaning of Place* se refere aos valores simbólicos, históricos, culturais e pessoais atribuídos a um espaço por indivíduos ou grupos. O significado do lugar (*Meaning of Place*) influencia como as pessoas se apropriam do espaço, como o valorizam e como participam de sua manutenção. Lugares com significados compartilhados tendem a gerar maior colaboração comunitária e respeito pelo espaço. Giuliani (2003) fala sobre a influência da identidade do lugar (*Place Identity*) no comportamento ambiental.

É evidente que todos esses conceitos exploram diversos aspectos da interação entre seres humanos e lugares, além do impacto que os lugares exercem sobre as pessoas. Tuan (1977) afirma que o lugar surge quando experiências humanas atribuem sentido ao espaço. Apropriação e sentido de lugar são conceitos fundamentais em várias disciplinas, incluindo geografia,

urbanismo, sociologia e estudos culturais, sendo assim, é de extrema relevância as suas abordagens nessa pesquisa. A apropriação de espaço, em sua definição, refere-se ao processo pelo qual indivíduos ou grupos sociais utilizam e atribuem significados específicos a um espaço físico, transformando-o em um lugar com valor pessoal ou comunitário. De acordo com Cavalcante e Elali (2011), trata-se de um processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando *um lugar seu*. Apropriar-se envolve exercer domínio sobre um espaço ou objeto, sem necessariamente possuí-los legalmente. Toda atividade humana pode ser vista como uma forma de apropriação, através da percepção, orientação e ação. A pessoa se projeta e assimila o espaço simultaneamente. A intensidade da apropriação varia, sendo o grau mínimo alcançado através do olhar, que familiariza o observador com o objeto ou lugar, criando um sentimento de domínio.

Na área da psicologia, o conceito de apropriação está ligado a Vygotsky (SPELLER, 2005) e a Leontiev (GRAUMAN, 1976; SERFATY-GARZON, 2003). Eles se referem à maneira como a pessoa entende o mundo, sua cultura e práticas sociais, permitindo-lhe se perceber como sujeito e se apropriar de sua continuidade histórica através da linguagem e da ação.

Grauman (1976; p 130) resume o conceito psicológico de apropriação atestando:

A apropriação individual é essencialmente a interiorização de significados socialmente definidos, um processo que é equivalente ao processo de humanização. [...] Toda apropriação, sendo por natureza social, reflete necessariamente a estrutura específica da sociedade em um momento da história.

Segundo Pol (1996) e Serfaty-Garzon (2005), seus conceitos abordam dois tipos principais de apropriação do espaço: apropriação por ação/transformação e apropriação por identificação simbólica.

#### **2.1.1.1 Apropriação por Ação/Transformação**

- Definição: Envolve comportamentos explícitos, como demarcar um espaço ou ocupar um território. Este tipo de apropriação é uma reação a ameaças percebidas, como densidade populacional ou invasões.

- **Comportamento Territorial:** É semelhante ao comportamento de territorialidade descrito por Fisher (1989), onde os indivíduos delimitam territórios para garantir alimentação, proteção e familiaridade.

- **Diferenças:** Embora próximo ao comportamento territorial, a apropriação por ação/transformação inclui aspectos como mudanças no indivíduo, temporalidade e análise transcultural, o que não é tratado nos estudos de territorialidade.

### **2.1.1.2 Apropriação por Identificação Simbólica**

Envolve processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos que transformam um espaço físico em um lugar cheio de significado para o indivíduo ou grupo social.

Processos Exemplificados:

I) **Processo Cognitivo:** Representações mentais que orientam a conduta espacial do indivíduo;

II) **Processo Afetivo:** A busca de bem-estar que leva a modificações no espaço para que se ajustem a um ideal;

III) **Processo Interativo:** Personalização do entorno, dando significado ao espaço tanto para o indivíduo quanto para os outros.

Embora apresentados separadamente para fins didáticos, esses processos são complementares e interligados, com o contato social sendo central na atribuição de significados e nas manifestações comportamentais.

As pessoas se apropriam do espaço de duas formas principais. Primeiramente, pela ação e transformação, onde elas demarcam e defendem territórios, quase como animais defendendo seu território para sobreviver. Mas, diferente do simples comportamento territorial, essa apropriação leva em conta mudanças no indivíduo e diferenças culturais. A segunda forma, pela identificação simbólica, é onde o espaço ganha significado pessoal. As pessoas não apenas ocupam espaços, mas os moldam e personalizam, carregando memórias e emoções. Esses processos são interligados e dependem muito das interações sociais para darem significado ao espaço (POL, 1996, p. 45-62).

Também é discutido a dimensão temporal e sequencial do processo de apropriação do espaço, destacando que esse processo ocorre ao longo do tempo por meio de comportamentos distintos, e não em um único ato isolado.

### **2.1.1.3 Apropriação em Etapas**

Fase Inicial:

I) Comportamentos de Mudança e Transformação: No começo, a apropriação envolve mudanças e ajustes no espaço para que ele adquira significado para o indivíduo. Este estágio é caracterizado por ações que moldam o ambiente, tornando-o adequado e significativo para quem o ocupa.

Fase de Identificação e Preservação:

I) Identificação e Coletividade: Após a transformação inicial, o indivíduo e a comunidade começam a se identificar com o significado criado. Isso leva a um esforço coletivo para preservar esse significado;

II) Conservação da Significação: A preservação é crucial, pois o significado atribuído ao espaço confere identidade ao indivíduo e à comunidade, tornando-se uma referência social e espacial.

### **2.1.2 Comparação com Outros Conceitos**

I) Apego ao Lugar/Vínculo com o Lugar (*Place Attachment*): O conceito de apropriação discutido por Pol (1996) é semelhante ao apego ao lugar, onde as pessoas desenvolvem uma ligação emocional com o espaço. Low e Altman (1992) defendem que o apego aos lugares é construído social e emocionalmente, moldando identidades. O apego ao lugar é um vínculo emocional entre pessoas e espaços (LOW; ALTMAN, 1992, p.7).

II) Identidade de Lugar (*Place identity*): Também se aproxima da identidade de lugar, onde o espaço se torna uma parte essencial da identidade do indivíduo e da comunidade.

A apropriação do espaço não é algo que acontece de uma vez só, mas sim ao longo do tempo. Primeiro, as pessoas mudam e ajustam o espaço para que ele se torne significativo para elas. Depois, elas começam a se identificar com esse significado e a trabalhar para preservá-lo, porque ele se torna parte de sua identidade e uma referência importante na vida social e espacial. Este processo é parecido com o *apego ao lugar* (*place attachment*), onde as pessoas criam um vínculo emocional com o espaço, e com a *identidade de lugar*, onde o espaço se torna uma parte essencial de quem elas são (POL, E., 1996, p. 45-62).

De acordo com o processo de dinâmica da apropriação do espaço, existem observações de Vilela Petit (1976) e Chombart de Lauwe (1976), além das conclusões de Serfaty-Garzon (2003):

### **2.1.2.1 Dinâmica do Processo de Apropriação**

Implicação Mútua:

I) Crescimento com o Tempo: Vilela Petit (1976) observa que a ligação entre a pessoa e os espaços que ela apropria tende a crescer com o tempo.

II) Imobilização: Alternativamente, essa relação pode imobilizar o indivíduo, fazendo com que ele fique preso à primeira forma de interação que estabeleceu com o espaço. Esse fenômeno é chamado de "*espaço apropriante*", onde o espaço também se apropria da pessoa.

Necessidade de Confirmação Contínua:

I) Reapropriação: Chombart de Lauwe (1976) ressalta que a apropriação exige uma confirmação contínua. Se o indivíduo abandonar suas conquistas, ele corre o risco de sofrer desapropriação, um fenômeno comum em espaços públicos onde a ocupação não é reconhecida ou o espaço não atende às suas expectativas.

### **2.1.3 Apropriação em Espaços Públicos**

A apropriação ocorre principalmente por identificação, embora possa incluir ocupação sem domínio legal. Serfaty-Garzon (2003) conclui que a apropriação envolve a adaptação de um espaço para um uso definido pela pessoa e as ações necessárias para alcançar esse fim. Esse processo é fundamental para a relação entre pessoa e ambiente e para a formação de lugares, marcando a presença humana no espaço.

Segundo Vilela Petit (1976), com o tempo, a relação entre uma pessoa e os espaços que ela ocupa tende a se fortalecer. No entanto, essa relação pode também prender a pessoa, fazendo com que ela não consiga mudar sua interação inicial com o espaço. Esse fenômeno é chamado de "*espaço apropriante*", onde o espaço também molda a pessoa.

De acordo com Chombart de Lauwe (1976) a apropriação de um espaço requer uma confirmação contínua. Se uma pessoa deixar de ocupar o espaço

que conquistou, ela pode perdê-lo, especialmente em áreas públicas onde sua ocupação pode não ser reconhecida ou o espaço pode não atender às suas expectativas. Por exemplo, sentar frequentemente em um banco de praça não garante que ele será reservado apenas para você.

Para Cavalcante e Elali (2011), a interação das pessoas com o espaço é medida por dimensões psicológicas e sociais, influenciando sua apropriação. A apropriação envolve processos cognitivos, afetivos e simbólicos (CAVALCANTE; ELALI, 2011, p.45).

A apropriação é mais evidente em espaços privados, onde as fases de ação/transformação e identificação são mais claras. Em espaços públicos, a apropriação ocorre principalmente por identificação, embora a ocupação sem posse legal também seja comum. Em algumas sociedades, a linha entre o público e o privado é menos definida, permitindo a privatização informal de espaços públicos. O processo de apropriação envolve adaptar um espaço para um uso específico e as ações necessárias para isso. Esse processo é crucial na relação entre pessoas e seu ambiente, contribuindo para a criação de lugares significativos (CAVALCANTE; ELALI, 2011).

Segundo o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1974), o espaço não é um recipiente neutro onde os eventos acontecem, mas sim uma produção social, moldada por relações e práticas sociais. No livro *The Production of Space*, Lefebvre expõe sete ideias principais, as quais, estão diretamente ligadas ao estudo de caso deste trabalho, são elas:

**Crítica ao Conceito de Espaço Absoluto:** Lefebvre critica a visão tradicional do espaço como algo fixo e absoluto. Ele argumenta que essa perspectiva ignora as dinâmicas sociais e históricas que produzem e transformam o espaço.

**Tripartição do Espaço:** Lefebvre propõe uma tripartição do espaço, que inclui:

I) Espaço percebido (prática espacial): Refere-se ao espaço físico e tangível, onde as atividades diárias ocorrem.

II) Espaço concebido (representações do espaço): Envolve as abstrações e representações mentais do espaço, incluindo mapas, planos urbanos e teorias.

III) Espaço vivido (espaços de representação): Engloba as experiências e significados subjetivos atribuídos ao espaço pelas pessoas que o habitam e interagem com ele.

Na produção do Espaço como Processo Social, Lefebvre (1974) argumenta que o espaço é produzido através de práticas sociais, econômicas e políticas. Ele explora como diferentes modos de produção (como o capitalismo) moldam o espaço de maneiras específicas, examina como o poder se manifesta no espaço, influenciando sua organização e uso. Afirma que as elites controlam o espaço para manter e reforçar sua dominação. É importante propor ideias de "espaço diferencial", onde as diferenças sociais e culturais podem florescer, e defender a necessidade de criar espaços que promovam a diversidade e a inclusão, em oposição à homogeneidade imposta pelo capital. Embora mais detalhadamente desenvolvido em outras obras, a ideia do "direito à cidade" de Lefebvre (1974) está presente aqui, refletindo a demanda por espaços urbanos que atendam às necessidades e aspirações de todos os cidadãos, em vez de apenas dos interesses econômicos, um desafio às percepções tradicionais do espaço e uma análise crítica de como ele é moldado por forças sociais, incentivando e impulsionando para um olhar mais dinâmico, observando o lugar como um campo de práticas e relações, instigando reflexões sobre como podemos o reconfigurar de maneiras mais justas e inclusivas. Desta forma, pode-se observar que os espaços são mesmo produzidos socialmente e se tornam lugares apropriados pelas práticas do dia a dia comunitário.

De acordo com De Certeau (1984), as práticas cotidianas e as "táticas" dos indivíduos resultam na apropriação dos espaços urbanos. O autor explora como as pessoas comuns agem e criam significados no cotidiano, resistindo às imposições e estruturas da sociedade. Na obra *The Practice of Everyday Life*, De Certeau observa a prática da vida cotidiana e como ela revela formas sutis de resistência e criatividade. Dentro do ambiente urbano é notada uma divisão de comportamentos sociais que se distinguem entre si como "estratégias" e "táticas". As estratégias são práticas utilizadas por instituições e estruturas de poder para organizar e controlar o espaço e o comportamento. As estratégias são baseadas em posições de poder, criando lugares definidos e regulamentados. As táticas são práticas criativas e improvisadas usadas pelas pessoas comuns para navegar e resistir às estratégias impostas. Táticas operam

no espaço dos outros e dependem do momento e da oportunidade. A distinção entre o espaço (estratégico e organizado) e o lugar (tático e vivido), sendo o lugar onde ocorrem as práticas cotidianas, onde constantemente é moldado pelas interações e ações das pessoas. O tempo cotidiano é caracterizado por ritmos, rituais e rotinas que estruturam a vida diária, onde precisa-se enfatizar a importância das narrativas e histórias contadas pelas pessoas comuns. Essas narrativas são maneiras de resistir à dominação cultural e de criar significados próprios. A prática de contar histórias é uma forma de tática que ressignifica a realidade, sendo assim, as práticas cotidianas podem ser vistas também como uma forma de resistência, como caminhar pela cidade, cozinhar, ou contar histórias, podem ser vistas como formas de resistência à imposição de regras e normas. Essas práticas revelam a agência de pessoas comuns em moldar suas próprias vidas e espaços. De Certeau em suas obras fala muito sobre o andar pela cidade, ele analisa esse ato como uma prática que escapa ao controle das estratégias urbanas e transforma o espaço urbano em um lugar vivido e experimentado. É importante entender como as pessoas comuns interagem e resistem às estruturas de poder com suas práticas rotineiras, importante também é valorizar e reconhecer a criatividade e a agência nas ações diárias, revelando um mundo de significados e resistências que muitas vezes passa despercebido (De Certeau, 1984). Um ponto importante a ser questionado neste trabalho, é como os diferentes grupos sociais reivindicam e se apropriam de espaços urbanos. Neste sentido, o livro *Claiming Urban Space: Street Vending, Power, and Contestation* oferece uma visão contemporânea sobre a reivindicação de espaços urbanos sob o olhar de diferentes atores de grupos sociais, incluindo vendedores ambulantes, moradores, ativistas e autoridades, que interagem e competem pelo uso do espaço urbano. A quem pertence o espaço urbano? A quem pertence a cidade?

#### **2.1.4 Sentido de Lugar – *Sense of Place***

A definição sobre o sentido de lugar refere-se à relação emocional e simbólica que as pessoas desenvolvem com um lugar específico. Este conceito envolve a identidade, o pertencimento e as experiências pessoais e coletivas associadas a um lugar. Segundo Tuan, Yi-Fu (1977), são conceitos geográficos e culturais. O "espaço" é entendido como um conceito mais abstrato e universal,

enquanto o "lugar" é visto como um espaço com significado e valor emocional, resultado da experiência e das interações humanas. Os indivíduos percebem e experimentam o espaço e o lugar, o ambiente físico é percebido, vivido e sentido pelos seres humanos e essas percepções moldam o significado que atribuímos aos lugares. As experiências pessoais e coletivas de lugares específicos, como cidades, bairros e áreas naturais, estruturam fatores importantes da percepção humana como a memória afetiva, identidade e cultura, estes também por sua vez, influenciam nossa relação com o ambiente. O espaço e o lugar são construídos socialmente e experimentados individualmente. Relph (1976), utiliza do termo deslocalização (*Placelessness*), ao qual descreve que a sensação crescente de falta de identidade e significado nos ambientes urbanos modernos, onde a padronização e a uniformidade reduzem a diversidade e a autenticidade dos lugares. Afirma que o fenômeno da deslocalização é um resultado da modernização e da globalização, que produzem ambientes urbanos homogêneos e sem caráter, levando a uma sensação de alienação e desconexão, a perda da identidade dos lugares pode afetar o bem-estar psicológico e a coesão social. A proposta é para que arquitetos e planejadores considerem o impacto emocional e cultural dos lugares ao projetar e desenvolver espaços urbanos, destacando a importância de criar ambientes que preservem a identidade e a singularidade, em vez de sucumbir à padronização. Segundo Cresswell (2004), a compreensão do lugar pode ser aplicada em práticas de planejamento urbano, design ambiental e política social, destacando a importância de considerar o significado e o valor dos lugares na tomada de decisões.

A apropriação e o sentido de lugar frequentemente se inter-relacionam, uma vez que a apropriação de um espaço contribui para o desenvolvimento de um sentido de lugar. À medida que as pessoas utilizam e se apropriam de espaços, elas atribuem significados e valores a esses espaços, transformando-os em lugares importantes para suas identidades e experiências coletivas.

De acordo com Low e Altman (1992), existem uma correlação entre apropriação e sentido de lugar, o conceito de *Attachment*, que nada mais é que o vínculo emocional que indivíduos ou grupos desenvolvem com lugares específicos, baseado em experiências pessoais, memórias e significados atribuídos aos lugares. Sendo assim, destaca a importância de garantir espaços

urbanos que respeitem e valorizem os vínculos emocionais das pessoas, para que os lugares possam contribuir na sensação de estabilidade, segurança e pertencimento.

Segundo Steele (1981), o senso de lugar envolve todas as experiências e significados que as pessoas associam aos lugares. A literatura sobre o assunto divide os fatores que criam esse senso de lugar em duas categorias principais:

1. Fatores Cognitivos e Perceptivos: Envolvem a maneira como as pessoas percebem e interpretam os lugares, incluindo suas emoções, memórias e pensamentos sobre esses espaços.

2. Características Físicas: Referem-se aos atributos tangíveis dos lugares, como a arquitetura, o design e a aparência física.

Esses fatores combinados ajudam a moldar a experiência e o significado que as pessoas atribuem aos lugares.

Os fatores cognitivos agregam os significados que as pessoas atribuem a um lugar, indo além de uma simples conexão emocional. O senso de lugar é, portanto, uma estrutura cognitiva onde indivíduos vinculam seus próprios significados. Isso significa que, dependendo de suas experiências pessoais, motivações, formações intelectuais e as características físicas do ambiente, diferentes pessoas criam diferentes sentidos de lugar. Jorgensen, em 2001, explorou essa ideia ao definir três dimensões para o lugar em sua pesquisa sobre a teoria da atitude.

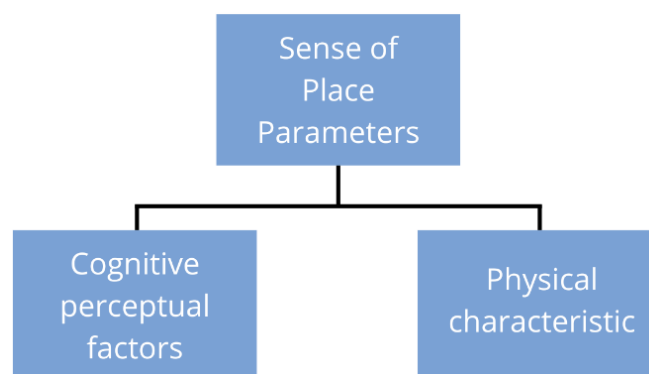


Figura 6: Fatores de senso de lugar  
Fonte: Steele, 1981

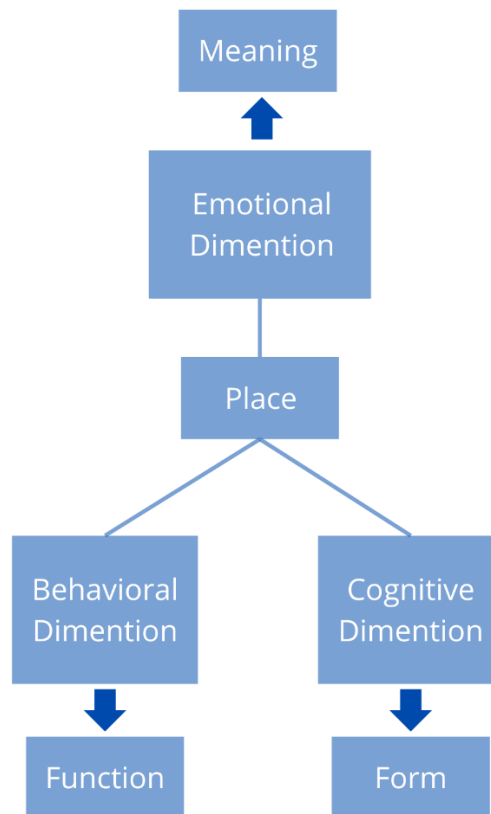


Figura 7: Dimensões da Criação de lugares  
Fonte: Jorgensen, 2001; Canter, 1977

Os sentimentos que as pessoas têm em relação a um lugar indicam a sua conexão emocional com ele. As crenças que as pessoas têm sobre o lugar constituem a dimensão cognitiva, influenciando como elas entendem e interpretam o lugar. Finalmente, o papel ou a função que as pessoas desempenham em um lugar representa a dimensão comportamental, mostrando como elas interagem e utilizam o espaço (Jorgensen, 2001). Steele (1981) descreve uma série de fatores físicos que influenciam o senso de lugar, como tamanho, escala, componentes, diversidade, textura, decoração, cor, odor, ruído e temperatura. Além desses aspectos físicos, ele também destaca fatores emocionais e psicológicos que afetam a forma como as pessoas se relacionam com os lugares, incluindo identidade, história, diversão, mistério, agradabilidade, segurança, vitalidade e memória. Esses elementos combinados moldam a experiência e a comunicação das pessoas com os lugares. Stedman (2002) argumenta que o conceito de senso de lugar é vago e difícil de definir e medir. Por isso, ele sugere usar o conceito de apego ao lugar (place attachment) como

uma alternativa mais prática e mensurável para entender e avaliar o senso de lugar.

Segundo Shamai (1991) existem cinco escalas de senso de lugar que refletem a relação entre o indivíduo e o lugar. Essas escalas variam desde a presença física no lugar até o sacrifício pessoal em prol do lugar, indicando níveis crescentes de compromisso e significado. Propõe níveis de conexão entre uma pessoa e um lugar, ilustrando o senso de lugar.



Figura 8: Diferentes escalas de senso de lugar  
Fonte: Shamai, 1991

Essa relação complexa envolve diferentes graus de significado e compromisso que as pessoas atribuem aos lugares:

1. Conhecimento do Lugar: O nível mais básico, onde a pessoa tem conhecimento sobre o lugar, mas não necessariamente uma conexão emocional ou comportamental com ele.
2. Pertencimento ao Lugar: A pessoa se sente pertencente ao lugar, com uma conexão emocional mais forte e um senso de identidade ligado ao lugar.
3. Afeição pelo Lugar: Neste nível, a pessoa desenvolve um apego emocional ao lugar, sentindo-se emocionalmente ligada e demonstrando um sentimento de carinho pelo lugar.

4. Identificação com Propósitos do Lugar: A pessoa se identifica com os objetivos e valores do lugar, mostrando uma integração mais profunda e uma continuidade com os propósitos do lugar.

5. Sacrifício pelo Lugar: O nível mais alto de conexão, onde a pessoa está disposta a sacrificar seus interesses pessoais pelo bem maior do lugar, mostrando um compromisso profundo e altruísta.

Esses níveis mostram como os lugares têm significados distintos para as pessoas e como esses significados influenciam a maneira como elas se relacionam com diferentes espaços (SHAMAI, 1991).

### **2.1.5 Apego de Lugar - *Place Attachment***

Evolução do Conceito:

- Antes dos Anos 70: O apego emocional ao lugar físico não era um foco de pesquisa.

- Últimos 25 Anos: Houve um aumento significativo nas pesquisas sobre como as pessoas se relacionam com lugares. Estudos começaram a explorar fatores como espaço pessoal, território, função do espaço para grupos e significado de lugar.

O "sentido de lugar" é um conceito que explica como um espaço físico pode ganhar um significado especial para as pessoas, tanto em termos de comportamento quanto de emoção. No entanto, estudar esse conceito é complicado porque ele está intimamente ligado à percepção, identidade e relações sociais das pessoas. O apego ao lugar, que é o vínculo emocional que as pessoas têm com os lugares físicos, só começou a ser estudado sistematicamente depois dos anos 70. Nas últimas décadas, pesquisadores começaram a investigar como as pessoas se relacionam com os lugares, considerando fatores como espaço pessoal, território, e o significado que diferentes espaços têm para diversos grupos. Resumindo, o sentido de lugar é essencial para entender como os espaços físicos se transformam em lugares significativos para as pessoas, e as pesquisas sobre apego ao lugar nos ajudam a compreender melhor essa relação complexa entre indivíduos e seus ambientes. Muitos estudos foram realizados sobre o apego ao lugar, investigando diversos aspectos como a sensação de propriedade, memórias de infância e o apego a diferentes escalas de lugar, desde a casa até o bairro. Por

exemplo, Bondi (1993) explorou como a sensação de propriedade sobre um espaço pode influenciar o apego ao lugar. Marcus (1995), Marcus (1999) e Chawla (1992) exploram em seus estudos como as memórias de infância podem afetar a ligação emocional com lugares específicos. Além disso, os pesquisadores examinaram o apego a lugares em diferentes escalas, desde o espaço mais íntimo da casa até o contexto mais amplo do bairro.

De acordo com Seamon (1993) o apego aos lugares é um dos conceitos fundamentais na relação entre as pessoas e os espaços. Os pesquisadores utilizam esse termo para descrever quando as pessoas desenvolvem uma percepção positiva sobre um determinado lugar. Esse processo, no qual o lugar se torna significativo para elas, resulta no apego ao lugar.

O conceito de lugar é intrinsecamente humano. Reduzir esse conceito a um significado puramente simbólico, como alguns arquitetos contemporâneos fazem, impede a compreensão dos conceitos que as pessoas realmente vivenciam em suas vidas. A experiência de um lugar não é apenas visual; ela envolve todos os nossos sentidos (Tuan, 1974).

As pessoas transformam um espaço em um lugar baseado em seus laços sociais, sentimentos e emoções (Stedman, 2003a). Gieryn descreve o lugar a partir de três aspectos: localização geográfica, características físicas e identidade, que é composta de significado e valor (Gieryn, 2000). Relph e Canter também sugerem que os lugares são constituídos por três elementos: características formais, atividades que ocorrem neles e seus significados (Relph, 1976; Canter, 1977a). A formação de lugares é, na verdade, um processo social resultante das interações e atividades que ocorrem neles. Os lugares desempenham um papel crucial na promoção dos laços sociais nas comunidades urbanas.



Figura 9: Demonstração dos fatores afetivos do apego ao lugar  
 Fonte: Autora, 2024

O conceito de apego ao lugar destaca a importância da conexão emocional que uma pessoa desenvolve com um lugar. Essa conexão não se baseia apenas em uma simples devoção ao lugar, mas também na interação emocional e no sentimento de pertencimento que surge ao se relacionar com o lugar dentro do contexto social. Segundo Kyle (2004), essa ideia está fundamentada na teoria do apego, que explica como as pessoas se vinculam emocionalmente aos lugares, assim como fazem com outros indivíduos na sociedade. (Kyle et al., 2004).

### 2.1.6 Conceito de Lugar

De acordo com Lalli (1992), a literatura sobre o conceito de lugar inclui três principais abordagens: Fenomenológica, Crítica e Positivista.

- Fenomenológica: Baseada nos pontos de vista de Husserl, esta abordagem se concentra nas experiências subjetivas e individuais das pessoas com os lugares. Ela é poderosa em capturar essas experiências, mas enfrenta críticas por não conseguir generalizar suas descobertas para uma população maior.

- Crítica: Esta abordagem geralmente envolve analisar como os lugares são influenciados por questões de poder, economia e cultura, questionando as suposições e estruturas subjacentes.

- Positivista: Esta abordagem utiliza métodos quantitativos e estudos comportamentais ambientais para tentar generalizar as experiências individuais dos lugares, buscando criar teorias mais amplas e aplicáveis de forma geral. Ela é valorizada por sua capacidade de exame sistemático e confirmação de hipóteses.

Essas abordagens oferecem diferentes maneiras de entender o conceito de lugar, variando da subjetividade individual à objetividade generalizada.

## **2.2 A extensão Universitária**

A extensão universitária constitui-se como um dos pilares da educação superior, assumindo relevância para além da formação técnica, pois estabelece uma relação dialógica entre a universidade e a sociedade. Segundo Parlato, Santos e Medvedovski (2020, p. 192), “a extensão universitária constitui-se como um elo entre saber acadêmico e saber popular”, evidenciando seu papel como instrumento de integração de conhecimentos. Esse caráter participativo promove não apenas a disseminação do saber acadêmico, mas também a sua reconstrução a partir das práticas sociais. Sousa, Nakashima e Gutberle (2020) complementam essa concepção ao definirem a extensão como “um espaço de comunicação e transformação social” (SOUSA; NAKASHIMA; GUTBERLE, 2020, p. 374). Assim, ela ultrapassa a lógica assistencialista, promovendo um modelo de atuação baseado na cooperação, no qual a comunidade deixa de ser mera receptora para assumir protagonismo nas decisões. No campo da Arquitetura e Urbanismo, essa prática adquire importância estratégica, pois a produção do espaço urbano não se dá de forma neutra, mas como construção social resultante de relações de poder (LEFEBVRE, 1991).

### **2.2.1 O papel social da extensão universitária**

A função social da extensão ultrapassa a simples aplicação prática do conhecimento, configurando-se como uma experiência de reciprocidade. Essa perspectiva propicia à universidade compreender as realidades locais, enquanto oferece às comunidades acesso a tecnologias sociais e processos

participativos. Pinheiro e Ferreira (2017) enfatizam que “o Escritório Modelo é uma ferramenta para a aproximação entre técnicos e comunidade”, demonstrando a potência dessas iniciativas no fortalecimento do vínculo entre academia e sociedade (PINHEIRO; FERREIRA, 2017, p.2).

Além do impacto social, a extensão contribui para a formação crítica dos estudantes, possibilitando experiências que desenvolvem competências relacionadas à responsabilidade social e à ética profissional. Ketzer, Ribeiro e Pereira (2024) destacam que essa prática rompe com barreiras institucionais, aproximando a universidade das demandas populares e fomentando a construção coletiva do conhecimento. As metodologias participativas são centrais nas ações de extensão, pois permitem a efetiva integração da comunidade nas etapas de diagnóstico, planejamento e intervenção. Tais estratégias podem incluir oficinas colaborativas, reuniões comunitárias e diagnósticos rápidos urbanos participativos, que possibilitam ouvir as demandas locais e incorporá-las ao processo projetual. Essa abordagem está alinhada à concepção de espaço como experiência vivida, expressa por Tuan (1977), ao afirmar que “o espaço se transforma em lugar à medida que ganha significado” (TUAN, 1977, p. 6). Do mesmo modo que, Relph (1976) argumenta que o sentido de lugar está vinculado à identidade, e essa relação é fortalecida quando a população participa ativamente das transformações do território. Low e Altman (1992) complementam que o apego ao lugar é fruto de vínculos emocionais e sociais, tornando-se um fator determinante para a apropriação e manutenção dos espaços urbanos. O conceito de apropriação do espaço revela-se fundamental para compreender a dimensão social do ambiente construído. Cavalcante e Elali (2011) afirmam que “a apropriação envolve processos cognitivos, afetivos e simbólicos”, o que implica reconhecer que as intervenções urbanas precisam dialogar com as memórias e percepções dos usuários (CAVALCANTE; ELALI, 2011, p.45).

Esse entendimento reforça a necessidade de processos inclusivos, que assegurem a escuta ativa e a corresponsabilidade nas decisões. Jacobs (2000) defende que a vitalidade urbana está diretamente associada ao uso contínuo dos espaços públicos, destacando que “o uso contínuo das ruas é essencial para sua vitalidade” (JACOBS, 2000, p. 49). Nesse sentido, os projetos extensionistas que estimulam a convivência e a participação contribuem para a consolidação de

lugares vivos e inclusivos, fortalecendo os laços comunitários e a identidade coletiva. A extensão universitária, quando fundamentada em metodologias participativas e voltada à apropriação do espaço, configura-se como um meio eficaz para promover inclusão social e democratização das cidades. Ao valorizar saberes acadêmicos e populares, esses processos contribuem para a construção de soluções integradas, que respondem às demandas locais sem ignorar sua dimensão cultural e simbólica. Dessa forma, reafirma-se a função social da universidade e sua capacidade de atuar como agente transformador na realidade urbana.

### **2.2.2 Novos Rumos da Extensão Universitária**

A extensão universitária tem se consolidado, nos últimos anos, como dimensão estratégica para a transformação social e para a formação integral dos estudantes. No Brasil, sua relevância foi reafirmada a partir da normatização que determinou a inserção mínima de 10% da carga horária dos cursos de graduação em atividades de extensão, conforme a Resolução CNE/CES nº 7/2018 (BRASIL, 2018). Essa diretriz promove a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, um princípio que “visa garantir a articulação permanente da produção do conhecimento com as demandas da sociedade” (FORPROEX, 2025, p. 12). A chamada *curricularização da extensão* representa um marco importante para a educação superior no Brasil. Segundo Rosso e Dalla Corte (2023), “a inclusão obrigatória da extensão nos currículos tem gerado novas metodologias que articulam teoria e prática, fortalecendo a formação cidadã e crítica dos discentes” (ROSSO; CORTE, 2023, p.45). Esse movimento atende também aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Agenda 2030 da ONU, aproximando as práticas acadêmicas dos desafios socioambientais contemporâneos.

A pandemia de COVID-19 impulsionou uma profunda transformação na forma de se desenvolver extensão universitária, introduzindo estratégias digitais que permanecem como tendência. Para Mezzari et al. (2024, p. 18), “as experiências virtuais e híbridas consolidaram-se como alternativas viáveis para ampliar o alcance das ações extensionistas”. Nesse sentido, projetos têm utilizado plataformas online, redes sociais e ambientes virtuais para integrar comunidades e instituições de ensino, otimizando processos participativos.

O impacto social permanece como princípio orientador das atividades de extensão. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) destaca que a extensão deve “atuar como prática acadêmica comprometida com a transformação social, inclusão e desenvolvimento local” (FORPROEX, 2025, p. 16). Temáticas voltadas para gênero, diversidade e direitos humanos têm se fortalecido como áreas prioritárias, promovendo ações que contemplam movimentos sociais, populações vulneráveis e comunidades tradicionais (SCHWADE; GROSSI, 2025). Outro avanço relevante refere-se à expansão da extensão para a pós-graduação. A CAPES, por meio do programa PROEXT-PG, busca integrar ações extensionistas a programas *stricto sensu*, promovendo articulação entre universidades, setor produtivo e territórios menos favorecidos (CAPES, 2025). Essa iniciativa sinaliza novos rumos para a pesquisa aplicada, associada à inovação social e ao fortalecimento regional. Os novos rumos da extensão universitária apontam para um modelo mais participativo, inclusivo e conectado às demandas sociais contemporâneas. A curricularização, a adoção de metodologias híbridas, o fortalecimento do impacto social e a ampliação para a pós-graduação são tendências que indicam uma universidade cada vez mais comprometida com a transformação da realidade.

Nesse contexto, a UFPel vem promovendo uma série de reformas institucionais e pedagógicas que visam a integração da extensão às práticas curriculares dos cursos de graduação. A Universidade Federal de Pelotas desenvolve um amplo portfólio de projetos e programas de extensão, que englobam ações estratégicas da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) e iniciativas desenvolvidas por unidades acadêmicas específicas. Tais iniciativas refletem o compromisso da universidade com a democratização do conhecimento e a integração com a comunidade.

Quadro 1: Projetos de Extensão Universitária da UFPel (2025)

<b>Área/Unidade</b>	<b>Nome do Projeto</b>	<b>Descrição</b>	<b>Fonte</b>
PREC	Cine UFPel	Sala universitária de cinema com sessões abertas à comunidade	UFPel (2025)
PREC	Coral UFPel	Grupo coral com ensaios e	UFPel (2025)

		apresentações musicais regulares	
PREC	Desafio Pré-Universitário Popular	Preparação gratuita para o vestibular de alunos de baixa renda	UFPEl (2025)
PREC	Hortas Urbanas	Cultivo urbano sustentável e oficinas com a comunidade	UFPEl (2025)
PREC	Mais Juntas	Apoio a mulheres em situação de vulnerabilidade social	UFPEl (2025)
PREC	UNAPI	Cursos e oficinas para pessoas idosas	UFPEl (2025)
CENG	Projetos Integradores CENG	Projetos multidisciplinares de engenharia com foco regional	UFPEl (2025)
CENG	Práticas Extensionistas em Engenharia de Produção	Soluções práticas com empresas e comunidade	UFPEl (2025)
FAUrb	100 Imagens da Arquitetura Pelotense	Mapeamento urbano e exposições	UFPEl (2025)
FAUrb	FAUrb no Bairro	Oficinas e intervenções urbanas em bairros	UFPEl (2025)
Museologia	MUARAN	Ações sobre patrimônio arqueológico e educação patrimonial	UFPEl (2025)
Música	Núcleo de Música Popular	Laboratórios e eventos voltados à música popular	UFPEl (2025)
Agrárias	Grupo GAE	Projetos agroecológicos com comunidades rurais	UFPEl (2025)
Agrárias	PET Agronomia	Oficinas, hortos e visitas técnicas	UFPEl (2025)
PPGCTA	Meninas na Ciência	Incentivo à participação feminina na ciência	UFPEl (2025)
PPGCTA	Rede de Guardiões de Sementes Crioulas	Preservação da agrobiodiversidade	UFPEl (2025)

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados institucionais da UFPEL (2025)

A UFPel mantém um repositório de “Dados Abertos” onde estão registrados, de forma sistemática, todos os projetos extensionistas realizados pela instituição. Esse repositório, atualizado periodicamente (última atualização em 27 de junho de 2025), é uma ferramenta importante para acompanhamento e avaliação das iniciativas em curso (UFPel, 2025). Os diversos projetos de extensão universitária da UFPel demonstram como a instituição se articula com as demandas da sociedade local, promovendo a integração entre ensino, pesquisa e extensão. A continuidade e o aprimoramento dessas iniciativas são fundamentais para fortalecer a interface universidade-comunidade, proporcionando aos discentes, experiências que extrapolam o ambiente acadêmico tradicional.

Segundo Eyng, Marques, Merkle e Dias (2025), com relação ao dossiê temático “tecendo histórias na Extensão Universitária: educação, questões étnicas, gênero e cultural” na Revista *Expressa Extensão* da Pro Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, reforça o compromisso contínuo da UFPel com a promoção da educação, evidenciando a importância da extensão universitária como um espaço de diálogo e transformação social.

A diversidade de projetos de extensão desenvolvidos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel revela um compromisso consistente com a integração entre universidade e sociedade, especialmente em áreas urbanas marcadas por desigualdades sociais. Iniciativas como o *Projeto Vizinhança* e o *Aprendendo com o Usuário* demonstram a potencialidade da arquitetura e do urbanismo em construir pontes entre saberes técnicos e saberes populares, configurando práticas de ensino-aprendizagem fundamentadas na realidade local.

Segundo Freire (1987), a educação libertadora exige diálogo e participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento. Nesse sentido, projetos como o *Aprendendo com o Usuário*, vigente desde 2004, materializam esse princípio ao adotar metodologias participativas que reconhecem os moradores como coautores do processo projetual, superando a lógica de mera transferência de conhecimento técnico. Do mesmo modo, o *Projeto Vizinhança* (2010–2018) exemplificou a articulação entre diagnóstico urbano participativo e

ação extensionista, promovendo intervenções que ampliaram a autonomia comunitária (MEDVEDOVSKI, 2017).

A curricularização da extensão, prevista no Plano Nacional de Educação (PNE 2014–2024), reforça o papel das universidades na produção de conhecimento socialmente comprometido. Como destacam Santos e Almeida Filho (2008), a extensão universitária deve constituir-se como via de mão dupla, em que a universidade se enriquece com os saberes da comunidade ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento social. Nesse quadro, a FAUrb/UFPel vem se destacando por projetos que integram ensino, pesquisa e extensão, em consonância com a tríade constitucional da universidade pública brasileira.

Outros projetos mais recentes, como *FAUrb no Bairro* e *Caminhografia Urbana com Escolas*, ampliam a atuação extensionista em direção ao território escolar e comunitário, valorizando o espaço urbano como lugar de aprendizado, cultura e cidadania. Essas iniciativas dialogam com a concepção de extensão como prática transformadora, defendida por Gurgel e Lins (2013), na medida em que favorecem a formação cidadã dos estudantes e fortalecem o protagonismo comunitário.

No campo da arquitetura e do urbanismo, a extensão assume ainda uma dimensão ética: repensar o espaço urbano a partir das demandas sociais e culturais dos grupos vulnerabilizados. Como observa Brandão (2012), “a universidade só cumpre seu papel social quando se coloca a serviço das maiorias, em diálogo com seus modos de viver e produzir conhecimento”. Assim, os projetos evidenciam a relevância de um modelo de formação comprometido com a justiça socioespacial e a democratização da cidade. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (FAURB), por meio de seus projetos de extensão universitária (Tabela X) busca a integração dos conhecimentos com foco nos processos participativos de pesquisa.

Quadro 2: Projetos de Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel

<b>Título do Projeto</b>	<b>Coordenador (a)</b>	<b>Linha de extensão</b>	<b>Eixo Temático</b>	<b>Início</b>	<b>Fim</b>	<b>Vigência</b>
--------------------------	------------------------	--------------------------	----------------------	---------------	------------	-----------------

FAUrb no Bairro: caminhar, ouvir e inscrever-se	Eduardo Rocha	Desenvolvimento urbano	Meio ambiente	01/01/21	31/12/28	Vigente
Caminhografia Urbana com Escolas	Eduardo Rocha	Desenvolvimento urbano	Educação / Cultura	01/01/25	31/12/28	Vigente
AUCS no HE-UFPeI – Hospital Escola da UFPeI	Cristhian Moreira Brum	Metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem	Educação / Saúde	01/12/22	01/12/26	Vigente
FAUrb: diálogos com a comunidade	Andre de O. T. Carrasco	Desenvolvimento urbano	Educação / Meio ambiente	27/02/23	27/02/25	Vigente
Assessoria técnica e projeto popular: construindo outras abordagens sobre o espaço	Andre de O. T. Carrasco	Organizações da sociedade civil e movimentos sociais e populares	Direitos Humanos / Meio ambiente	01/08/23	01/08/25	Vigente
Laboratório de Extensão Emau Joabem	Emanuela Di Felice	Grupos sociais vulneráveis	Comunicação / Direitos Humanos	24/04/21	31/12/23	Encerrado
Laboratório de Urbanismo	Ana Paula Polidori Zechlinski	Desenvolvimento urbano	Meio ambiente / Cultura	02/01/20 17	31/12/20 18	Encerrado
Projeto Vizinhança	Nirce Saffer Medvedovski	Desenvolvimento urbano participativo	Direitos Humanos / Educação	2010	2018	Encerrado

Aprendendo com o Usuário	Docentes da FAUrb (Equipe multidisciplinar)	Ensino, pesquisa e extensão em projeto participativo	Educação / Cultura	2004	Vigente	Vigente
--------------------------	---	--	--------------------	------	---------	---------

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados institucionais (2025)

O exemplo do **Programa Vizinhança**, instituído pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), promoveu a integração e cooperação entre a universidade e a comunidade localizada no entorno do Campus Anglo. Essa iniciativa parte do pressuposto de que a presença da instituição em uma região socialmente vulnerável implica a necessidade de atuação extensionista para o fortalecimento dos vínculos comunitários e o estímulo ao desenvolvimento local (MEDVEDOVSKI, 2017).

O objetivo do programa é facilitar a troca de saberes e experiências, contribuindo para a valorização da cultura local, a memória comunitária e o empoderamento dos moradores, por meio de ações educativas, culturais e participativas. Destacam-se metas como:

I) Organizar e fortalecer redes comunitárias para o planejamento coletivo e a promoção do desenvolvimento autônomo; II) Resgatar o patrimônio cultural e histórico da comunidade; III) Promover oficinas, palestras, exibição de filmes e outras atividades de formação e sociabilidade.

A abordagem metodológica do Programa Vizinhança consiste em etapas interligadas:

I) Reuniões de trabalho com lideranças comunitárias para estruturar a proposta; II) Realização de pré-diagnóstico e diagnóstico social; III) Criação de redes de diálogo para aprofundamento do diagnóstico e formulação de propostas de intervenção.

As instituições parceiras do Programa Vizinhança incluem associações comunitárias, representantes culturais e clubes esportivos, como a Associação Comunitária da Balsa, CUFA (Central Única das Favelas), a Banda Cultural Dona da Noite e os clubes SUDESTE e Osório Futebol Clube.

Sobre o impacto urbanístico e participativo, o Programa Vizinhança também apoiou projetos de qualificação urbana participativa. Entre as iniciativas,

destaca-se o Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP), que subsidiou intervenções (Figura 10) como a pavimentação de ruas, revitalização da Praça do PAC Anglo e ações de educação ambiental (arborização e manejo de resíduos sólidos), realizadas em conjunto com a população local (MEDVEDOVSKI, 2017).



Figura 10: Intervenções a partir do Programa Vizinhança

Fonte: Coordenadora do Programa Vizinhança, Nirce Saffer Medvedovski, 2023.

A continuidade do programa enfrentou obstáculos institucionais e políticos. Um estudo sobre sua perenidade sugere que a extensão via curricularização pode garantir maior estabilidade; propõe ainda a incorporação do programa na estrutura da Seção de Integração Universidade-Sociedade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, mitigando os riscos de descontinuidade por personalismos ou conjunturas adversas. O programa teve forte impacto na região do *Campi* Anglo, e até hoje suas heranças são preservadas na comunidade.

### 3. REVISÃO EMPÍRICA

Segundo Gil (2022) e Trujillo (2006) a pesquisa científica envolve um processo sistemático de elaboração de hipóteses derivadas de modelos teóricos, visando testar empiricamente proposições teóricas (GIL, 2022, p.45; TRUJULLO, 2006, p.43). A ciência se processa dedutivamente e, em seguida,

indutivamente e assim por diante (Figura 11). As hipóteses são derivadas de um modelo conceitual, a fim de que possamos fazer um teste empírico do valor de uma explicação ou proposição teórica. Quando as generalizações são repetidamente testadas e comprovadas por vários pesquisadores ao longo do tempo, tornam-se leis empíricas estabelecidas (BANDEIRA, 2005). Este fator reforça a importância do estudo de casos semelhantes presentes dentro da revisão de Literatura da pesquisa.

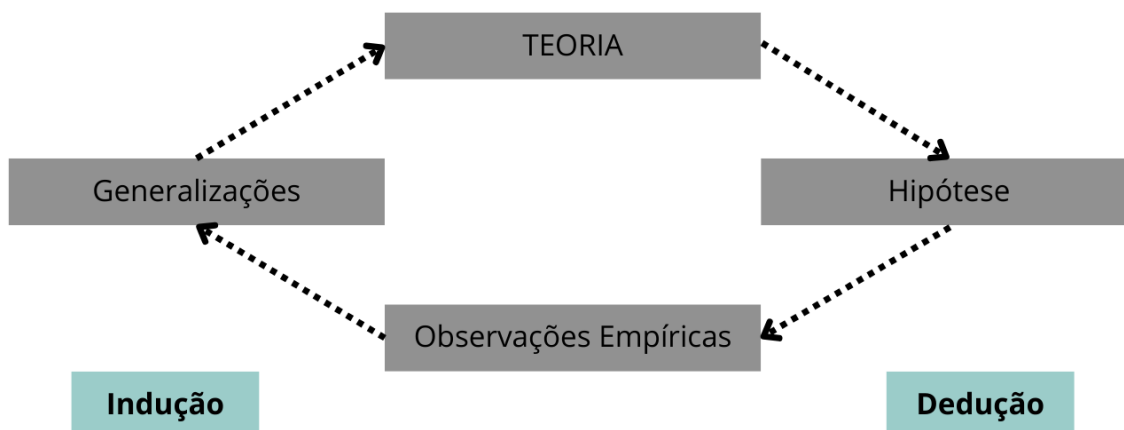


Figura 11: Processo cíclico da ciência  
Fonte: BANDEIRA, M, 2005, UFSJ, Adaptado, 2024

Portanto, a pesquisa empírica, ou como também é chamada, pesquisa de campo, trata-se de uma pesquisa que necessita a comprovação prática de algo, seja através de experimentos ou observação de determinado contexto para a coleta de dados.

Neste estudo, buscou-se referências de *Campi* universitários, que utilizam suas áreas verdes e de convívio social, como suporte para projetos de extensão universitária compartilhadas entre a população da cidade e a comunidade acadêmica. Para isso, foram escolhidos o *campi* da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e o *campi* de São Carlos (USP) como referências que compõem a revisão empírica desta pesquisa.

### 3.1 O Campus da Universidade Federal de Viçosa

A Universidade Federal de Viçosa, fundada em 1926, iniciou suas atividades sob o nome de Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav). Foi somente em 15 de julho de 1969 que a instituição adotou o nome atual de Universidade Federal de Viçosa (UFV). Desde a sua criação, a UFV tem

acumulado vasta experiência e tradição em ensino, pesquisa e extensão em seus três *campi*: Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba. A UFV é conhecida por seu belo campus e espaços externos que são amplamente utilizados tanto pela comunidade acadêmica quanto pelo público em geral. Aqui estão algumas informações sobre os espaços externos da UFV:

I) Campus Principal: Localizado na cidade de Viçosa, Minas Gerais, o campus é famoso por sua área verde, jardins bem cuidados e uma ampla variedade de plantas. É um lugar agradável para caminhadas, estudos ao ar livre e atividades recreativas; II) Lagoa da UFV: Um dos pontos mais conhecidos do campus, a Lagoa da UFV, oferece um ambiente tranquilo para lazer, piqueniques e caminhadas ao redor de sua margem; III) Bosque: O campus possui diversas áreas arborizadas que proporcionam sombra e um ambiente relaxante para os visitantes. Esses bosques são ideais para caminhadas e momentos de descanso; IV) Quadras e Campos esportivos: A UFV oferece várias instalações esportivas ao ar livre, incluindo quadras de tênis, campos de futebol, pistas de atletismo e áreas para outras atividades físicas. Esses espaços são usados tanto pelos alunos quanto pela comunidade local; V) Jardins e Praças: O campus conta com diversos jardins e praças que são cuidadosamente mantidos. Esses espaços são ideais para estudo, leitura e encontros sociais; VI) Horto Botânico: A UFV possui um horto botânico que é utilizado tanto para fins acadêmicos quanto para visitação pública. É um espaço onde se pode aprender sobre diversas espécies de plantas; VII) Espaços Culturais: A universidade também oferece áreas externas para eventos culturais, como apresentações musicais, feiras e outras atividades comunitárias. Esses espaços fazem da UFV um ambiente acolhedor e agradável, promovendo bem-estar e interação entre a comunidade acadêmica e o público em geral.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) possui um campus principal em Viçosa-MG, com diversos espaços externos de uso coletivo e público (Figura 12). Estes espaços incluem áreas verdes, praças, jardins e outras instalações que promovem a integração da comunidade acadêmica e da população local.



Figura 12: Área coletiva e pública de convívio social da UFV  
Fonte: Google imagens, *Campi UFV*, site da Universidade Federal de Viçosa.

Entre os principais espaços estão o Parque Tecnológico de Viçosa (tecnopARQ) (Figura 13), que abriga iniciativas de inovação e empreendedorismo, e o campus esportivo, que oferece infraestrutura para atividades físicas e recreativas. Além disso, o campus possui um extenso sistema de trilhas e áreas de lazer que são amplamente utilizadas por estudantes, funcionários e visitantes.



Figura 13: Parque Tecnológico de Viçosa  
Fonte: Google Imagens, 2024.

Segundo o portal de notícias do jornal Folha da Mata, publicado em 6 de outubro de 2023, o Campus Viçosa da UFV ganha espaço interativo de fomento à ciência, projeto aprovado pela Financiadora de estudos e Projetos (Finep). A matéria expõe que a Universidade Federal de Viçosa planeja construir uma Praça da Ciência no campus de Viçosa. O objetivo é estimular a curiosidade e promover o conhecimento científico entre os moradores da cidade e da região,

com foco especial em crianças e adolescentes. A proposta é aproximar a ciência e a tecnologia desse público de maneira divertida e interativa. No final de setembro, o projeto para o novo espaço da UFV foi aprovado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), dentro da chamada do Programa Praças da Ciência em Museus e Centros de Ciência e Tecnologia – 01/2022. Entre 87 propostas de todo o país, das quais apenas 39 receberam financiamento, a futura Praça da Ciência obteve um aporte de R\$ 298.954,40, valor quase equivalente ao limite de R\$ 300 mil estabelecido pela chamada. O coordenador institucional do projeto, professor Leonarde Rodrigues, do Departamento de Física (DPF), apontou alguns fatores que podem ter contribuído para a aprovação. Entre eles estão "o bom histórico consolidado da Universidade na área de extensão, o espaço físico existente e as atividades extensionistas que têm uma interface muito próxima à da Praça da Ciência, como a proposta do Museu da Ciência, que está em desenvolvimento".

### **3.1.2 Ciência na Praça**

A Praça da Ciência será construída em um espaço aberto, com cerca de 1000 m<sup>2</sup>, ao lado do prédio que abrigará o Museu da Ciência, entre a agência do Banco do Brasil e a Pinacoteca. O coordenador do projeto explicou que os recursos liberados pela Finep serão utilizados para a aquisição de novos equipamentos e para a criação de um jardim de abelhas sem ferrão. De acordo com o professor, também há recursos destinados à restauração de um avião monomotor, que será instalado na parte frontal da Praça. "A equipe se dedicará à elaboração de atividades lúdicas e dinâmicas que possam despertar o interesse dos estudantes pela ciência". Os brinquedos e o jardim de abelhas permitirão que alunos da educação básica e dos ensinos fundamental e médio complementem os conteúdos programáticos vistos em sala de aula nas áreas de física, matemática, química e biologia. A partir da liberação dos recursos, a previsão para a conclusão da obra é de 36 meses. Apesar de já existir o espaço físico, o professor mencionou que será necessária uma adaptação na infraestrutura para a instalação dos brinquedos, contando com o apoio e a participação da Pró-Reitoria de Administração. A gestão da Praça da Ciência ficará principalmente a cargo do Departamento de Física (DPF), com a colaboração de professores de departamentos como Biologia, Matemática e

Química. Docentes de outras áreas da UFV também serão convidados a participar, propondo novos equipamentos e atividades. De acordo com o professor Leonarde Rodrigues, a ideia do projeto não é recente. O Departamento de Física tem buscado aumentar suas atividades de extensão e está empenhado no retorno do antigo Parque da Ciência, agora Museu da Ciência, criado na segunda metade da década de 1990 pelo professor aposentado Evandro Passos, do DPF. Outro exemplo dessas iniciativas é a Feira de Ciências, que através de recursos aprovados em editais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) tem sido realizada desde o ano de 2020.

O Ciência na Praça é uma iniciativa da parceria entre o Programa Em Rede-Viçosa, o Departamento de Entomologia (DDE) e a Diretoria de Relações Internacionais (DRI), se tratando de um projeto de extensão que objetiva a promoção do encontro entre a Universidade Federal de Viçosa e a comunidade viçosense, trazendo a pesquisa para a realidade dos anseios da sociedade comum, fazendo com que haja certa curiosidade e interesse pela ciência, focando em crianças, adolescentes e jovens, na construção de um futuro melhor para todos. Através de exposições públicas de trabalhos científicos desenvolvidos na UFV, o Ciência na Praça permite as inscrições individuais e coletivas de pessoas que trabalham com pesquisa e/ou extensão de diferentes áreas do conhecimento, passando por uma etapa de capacitação para apresentar ao público, de forma dinâmica e simplificada, a pesquisa que estão realizando e sua utilidade para a população.

Os objetivos específicos do projeto incluem:

- I) Promover a troca de conhecimento entre a universitários, professores e a comunidade de Viçosa;
- II) Disponibilizar de forma dinâmica e interativa os principais estudos das pesquisas desenvolvidas na pós-graduação da UFV;
- III) Incentivar a participação de alunos da pós-graduação, emitindo certificados de participação em projeto de Extensão, assim como, oferecendo suporte logístico necessário para a realização do evento;

Com objetivo em divulgar o conhecimento científico para o público não acadêmico, o Ciência na Praça inclui apresentações temáticas semestrais através de suas edições que são realizadas nas praças dos bairros de Viçosa.

A iniciativa, além de beneficiar a comunidade local, também agrega valor aos alunos de mestrado e doutorado, ajudando-os a desenvolver habilidades de planejamento, preparação, execução e avaliação de trabalhos científicos voltados para o público não acadêmico, promovendo inserção social e expandindo o impacto do projeto. Espera-se que através das edições do Ciência na Praça, com as exposições abertas nas praças da cidade, haja uma instigação da população para com a carreira de pesquisa, contribuindo para a expansão da ciência através de futuros cientistas, fomentados por conhecimentos científicos advindos de produções da universidade pública.

A Universidade Federal de Viçosa conta com vários espaços de estudo e visitação, abertos tanto à comunidade acadêmica quanto à comunidade viçosense (Figura 14). A Secretaria de Museus e Espaços de Ciência SEMEC, é responsável pela organização e administração destes espaços pertencentes à universidade, mas que, porém, são de uso público e coletivo.



Figura 14: Museus e Espaços de Ciência da UFV  
Fonte: Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV, 2022.

Contudo, a Universidade federal de Viçosa segue sendo referência mundial, não somente por sua inicial especialidade nas ciências agrárias, mas também possui excelência no ensino, na pesquisa e na extensão das ciências Biológicas, Exatas e Humanas, espalhando para além do Campus todos estes conhecimentos no propósito da obtenção de melhorias na qualidade de vida de todos os cidadãos, incentivando a pesquisa, a cultura e a saúde em um contexto geral.

### 3.2 O Campus da Universidade de São Carlos (USP)

A Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (figura15), criada em 22 de maio de 1968 e inaugurada em 13 de março de 1970, constitui a única universidade federal sediada no interior paulista.



Figura 15: Entrada da UFSCar

Fonte: [https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/ufscar\\_sao\\_carlos](https://www.educabras.com/faculdades/pormenor/ufscar_sao_carlos)

Desde a sua origem, a instituição articula ensino, pesquisa e extensão com ênfase no desenvolvimento regional e na inclusão social. Este Campi, possui fortes características e evidentes potencialidades extensionistas que utiliza para aprimorar sua interação com a comunidade circunvizinha.

Instalada em área anteriormente pertencente à Fazenda Tranchan, a UFSCar consolidou-se na região por sua grande extensão espacial. O campus São Carlos ocupa 672 hectares, dos quais cerca de 20 % permanecem como vegetação nativa-cerrado, integrando trilhas educativas abertas a estudantes e visitantes externos. Essa reserva natural apoia atividades de pesquisa e extensão em educação ambiental, fortalecimento a vocação socioambiental da Universidade.

A Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) estrutura os programas extensionistas, oferece financiamento e registra projetos via sistema ProExWeb, permitindo transparência e acesso público às iniciativas, de acordo com o Observatório, Cultura e Cidade da UFSCar. Entre os eixos de atuação, destacam-se a sustentabilidade – Projetos como *Compartilhando Menos Lixo!* Conscientizam moradores e comerciantes sobre redução de descartáveis, com ações presenciais e digitais; Educação e saúde – Grupos PET organizam mutirões de doação de sangue (*Engenheiro Sangue Bom*) e campanhas de cadastro de doadores de medula, beneficiando hospitais locais; Cultura e cidadania – O programa *Mapa de Cultura – Somos Cultura* mapeia coletivos

artísticos, estimulando redes culturais inter-campi; Meio ambiente – A tradicional *Trilha da Natureza* recebe anualmente escolas públicas para vivências sobre cerrado e sustentabilidade. Essas iniciativas ilustram a capacidade institucional de mobilizar recursos humanos e físicos em benefício direto da população do entorno à universidade.

### **3.2.1 Interação com a comunidade do entorno**

Segundo o Sistema Integrado de Bibliotecas UFSCar (SIBI), a Biblioteca Comunitária (BCo) (figura 16), com 9000m<sup>2</sup> de área, oferece consulta livre ao público geral e abriga auditórios, teatro e editora, tornando-se ponto de encontro cultural para moradores da cidade. Além disso, ginásios, pistas de caminhada e áreas verdes permanecem acessíveis mediante cadastro simplificado, fornecendo lazer e bem-estar a comunidade.



Figura 16: Biblioteca Comunitária (BCo) da UFSCar

Fonte: Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o5qLTL246gk>

De acordo com a Secretaria Geral de Gestão Ambiental e Sustentabilidade da UFSCar, consultorias gratuitas em arquitetura, oficinas de planejamento participativos e laboratórios de prototipagem digital auxiliam associações de bairro em projetos de melhoria de praças e habitações. A atuação extensionista inclui ainda programas permanente de coleta seletiva, organizados em parceria com cooperativas de catadores locais, que encontram na UFSCar suporte técnico e logístico. O conjunto de práticas descritas evidencia que a Universidade Federal de São Carlos transcende os limites acadêmicos ao

compartilhar conhecimento, infraestrutura e reponsabilidade social com a cidade. A conjunção de espaços abertos, reservas ambientais e programas extensionistas confere à instituição posição estratégica na promoção do desenvolvimento territorial sustentável. A manutenção de mecanismos de escuta comunitária e a valorização de iniciativas baseadas em demandas reais garantem a relevância e a continuidade dessas ações.

A dinâmica de interação entre a Universidade de São Paulo (USP) – campus de São Carlos e a comunidade da cidade, se dá por meio do uso compartilhado de espaços verdes, em especial o Parque Ecológico Dr. Antônio Teixeira Vianna (figura 17), e das áreas de convivência instaladas pela universidade. Busca-se identificar as formas de apropriação, os usos sociais e acadêmicos, e as implicações urbanísticas dessa relação.



Figura 17: Parque Ecológico de São Carlos USP

Fonte: Disponível em

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque\\_Ecol%C3%B3gico\\_de\\_S%C3%A3o\\_Carlos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Ecol%C3%B3gico_de_S%C3%A3o_Carlos)

O campus USP de São Carlos divide-se em dois setores principais, chamados informalmente de Área 1 (campus original, desde 1956) e Área 2 (inaugurada em 2005 mais voltada à expansão acadêmica). No campus como um todo, cerca de 22,97 % da área total (35,71 ha de reserva ecológica em um campus de 155,47 ha) é dedicada à conservação ambiental, de acordo com o Anuário Estatístico da USP de 2019.

Embora o Parque Ecológico Dr. Antônio Teixeira Vianna seja mantido pela Prefeitura de São Carlos e não pela USP, sua vizinhança direta com o campus cria vínculos fortes entre universidade e população urbana. Ele ocupa 72 ha de vegetação de Cerrado, abriga centenas de recintos com fauna silvestre brasileira (diversas espécies ameaçadas) e dispõe de infraestrutura para educação ambiental, berçário, playground, lanchonete, banheiros e central de visitantes. Universitários e moradores da cidade frequentam o parque para lazer, educação ambiental, pesquisas acadêmicas e visitas escolares, sendo um elo importante de extensão comunitária.

### **3.2.2 Espaços de convivência dentro do campus e o Programa Pertencer**

A gestão recente inaugurou "centros de vivência" nas Áreas 1 e 2, com mobiliário, infraestrutura para alimentação (food trucks), banheiros, bebedouros e pontos de energia elétrica, voltados tanto para a comunidade acadêmica quanto para usuários externos de acordo com o jornal da USP. Esses espaços foram concebidos dentro do Programa "Pertencer", cujo objetivo é promover inclusão e pertencimento e transformar áreas externas em ambientes de convivência acolhedores.

Pesquisa da EESC<sup>2</sup> realizada em 2016 e 2018 com mais de 1 200 participantes indicou que, embora a maioria reconheça os benefícios das áreas verdes (conforto térmico, bem-estar), o uso coletivo ainda é autônomo e pouco institucionalizado: poucas atividades formais ocorrem nesses locais e a maioria dos usuários frequenta por iniciativa própria. No entanto, projetos de extensão e ensino ativo se utilizam dessas áreas verdes. Por exemplo, o *USP Recicla* atua promovendo redução de resíduos nos restaurantes universitários e envolve

---

<sup>2</sup> Escola de Engenharia de São Carlos (EESC)

usuários externos e internos, mobilizando sensibilização ambiental e integração comunitária.

O Plano Diretor Participativo da USP propõe a delimitação de perímetros de uso público e restrito dentro do campus (cenários que vão desde um setor definido ao campus aberto), visando compatibilizar pesquisa e ensino com atividades de lazer e visitas externas, reduzindo conflitos de acessos e protegendo áreas sensíveis. São sugeridas trilhas interpretativas, sinalização acessível (com QRCode e Braille), limitação de veículos em finais de semana, pontos de encontro para visitas assistidas, jardins sensoriais e equipamentos de apoio ao usuário externo.

Sob a perspectiva teórico-metodológica da extensão universitária como vetor de integração urbana, o campus de São Carlos apresenta potencial elevado para fomentar convívio e educação ambiental por meio de seus espaços verdes e de convivência. Contudo, há desafios, como a necessidade de institucionalizar o uso dos espaços verdes dentro do currículo, garantir infraestrutura e segurança, e delimitar claramente os perímetros compartilhados para prevenir conflitos entre uso acadêmico e recreativo.

O Campus USP de São Carlos e seu entorno, incluindo o Parque Ecológico, formam um sistema urbano-universitário capaz de promover interação significativa com a comunidade. Os espaços verdes e os centros de convivência servem como ponto de encontro entre universidade e cidade, ampliando oportunidades de educação ambiental, lazer, pesquisa e extensão. Para maximizar esses fluxos interativos, recomenda-se avançar na institucionalização dessas práticas, fortalecer a infraestrutura de apoio, e formalizar políticas que conciliem conservação ambiental com o uso público, garantindo a convivência harmônica entre usuários internos e externos.

### **3.2.3 Comparação entre o Campus USP São Carlos e o Campus Anglo UFPel**

No quesito interação com a comunidade e uso de espaços comuns, comparando as duas realidades de interação universidade–comunidade, o Campus USP de São Carlos, com seu parque ecológico adjacente e centros de convivência internos; e o Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), cujo entorno urbano vulnerável motiva projetos extensionistas,

consistem na importância de analisar a abordagem dos mecanismos institucionais, os usos sociais e as estratégias arquitetônicas adotadas por cada instituição. O Campus USP São Carlos está distribuído em áreas distintas, com significativa presença de reserva ecológica e espaços de convivência incorporadas ao campus (USP São Carlos, 2024). Em contraste, o Campus Anglo da UFPel, situa-se em área de vulnerabilidade social no bairro do Porto/Balsa, cuja requalificação urbana é foco de sua missão extensionista (UFPel, 2025; UFPel campus Anglo, 2019).

Com relação às estratégias de aproximação com a comunidade, o caso da USP, os centros de convivência, implantados via Programa Pertencer, oferecem infraestrutura para receber acadêmicos e moradores (USP São Carlos, 2024). Já na UFPel, o Programa *Vizinhança* atua diretamente no entorno imediato ao Campus Anglo, oferecendo extensão em assistência técnica habitacional, oficinas e requalificação de espaços coletivos (UFPel, 2017-2018; “Aprendendo com o Usuário”).

Em São Carlos, o parque ecológico adjacente atrai visitantes externos e serve como espaço de pesquisa ambiental por estudantes e professores, embora a maioria dos usos seja informal e pouco institucionalizada (USP São Carlos, 2018). Em Pelotas, o campus inclui um deque de madeira às margens do canal São Gonçalo — inaugurado em 14 junho 2023 — destinado ao convívio, descanso e contemplação da paisagem urbana e natural, resultante de participação comunitária no orçamento participativo (UFPel, 2023).

Além disso, o Memorial do Anglo, instalado dentro do campus Porto, exhibe a história industrial e social do antigo frigorífico Anglo, integrando visitantes e comunidade em atividades culturais e educacionais (UFPel, 2020-2024).

Enquanto São Carlos concentra ações de extensão ambiental e educação participativa via projetos como USP Recicla e ações sociais do ICMC/EESC (ICMC, 2023), o Campus Anglo da UFPel desenvolve iniciativas transdisciplinares como *Vizinhança* e *Aprendendo com o Usuário*, que atuam em habitação social, qualificação técnica, participação comunitária e comunicação estratégica para moradores da região (UFPel, 2019-2021).

Quadro 3: comparativo de alcance, impactos e desafios

<b>Aspecto</b>	<b>USP São Carlos</b>	<b>UFPel Campus Anglo</b>
<b>Relação com o espaço verde</b>	Parque ecológico independente, foco na educação ambiental	Deque urbano às margens do canal, contemplação da paisagem urbana natural
<b>Mecanismos de diálogo comunitário</b>	Centros de convivência e universos internos	Visitas guiadas, oficinas comunitárias, extensão participativa
<b>Integração com a comunidade vulnerável</b>	Menor contato com populações vulneráveis locais	Inserção em bairro historicamente vulnerável, extensão como intervenção social
<b>Desafios identificados</b>	Informalidade do uso, delimitação de perímetros, falta de institucionalização	Sustentabilidade financeira, envolvimento contínuo da comunidade, infraestrutura urbana precária

Fonte: Autoral, baseado nos dados institucionais, 2025

A UFPel enfrenta o desafio de sustentar ações integradas em região carente, mas adota abordagem participativa e multidisciplinar com impacto direto na qualidade de vida da população local. Já a USP conta com cenário natural incorporado, mas requer institucionalização de políticas de uso comunitário e extensão recorrente.

Ambos os campi demonstram experiências relevantes de interação universidade–comunidade, cada qual com características distintas: o Campus USP de São Carlos pela interface com ecossistema urbano-natural e infraestrutura interna que promove convivência; o Campus Anglo da UFPel por sua inserção urbana em contexto vulnerável e estratégia extensionista para requalificação social e espaço público.

A comparação sugere que projetos de extensão que combinam intervenção arquitetônica com processos participativos — como os do Campus Anglo — podem complementar abordagens de campus com reservas ecológicas, criando plataformas mais dinâmicas de integração social. Recomenda-se que a USP examine protocolos participativos similares na gestão dos seus espaços comuns, enquanto a UFPel poderia ampliar o uso de áreas verdes e infraestrutura de convivência como forma de institucionalizar o uso público.

### **3.2.4 Sentido de Lugar e Apropriação nos Campi Universitários**

A análise das relações entre universidade e comunidade não pode prescindir de uma reflexão acerca dos conceitos de Sentido de Lugar e Apropriação, fundamentais para compreender os modos como os espaços são vividos, significados e transformados.

O Sentido de Lugar (sense of place) remete ao vínculo afetivo, simbólico e cultural estabelecido entre indivíduos e determinados espaços. Yi-Fu Tuan (1980) ressalta que o espaço se torna lugar à medida que passa a ser experienciado, carregado de memórias, valores e práticas sociais. De modo semelhante, Relph (1976) chama atenção para a autenticidade do lugar, distinguindo experiências que reforçam a identidade e o pertencimento daquelas marcadas pela padronização e perda de singularidade. No âmbito universitário, os campi podem ser compreendidos como territórios de pertencimento, nos quais se articulam dimensões acadêmicas, sociais e culturais, extrapolando sua função institucional.

A apropriação, por sua vez, é compreendida como a prática de ocupar, ressignificar e transformar os espaços para além de seus usos formais. Lefebvre (1991) define a apropriação como a inscrição de valores e modos de vida no espaço, em um processo que tensiona sua função oficial. Assim, apropriar-se de um campus universitário pode significar tanto utilizar áreas destinadas ao ensino e à pesquisa em novas formas de sociabilidade, quanto ocupar espaços livres para práticas esportivas, culturais ou de convivência.

No caso da Universidade Federal de Viçosa (UFV), observa-se uma forte relação entre campus e cidade. O espaço universitário é apropriado cotidianamente pelos moradores, seja para caminhadas, eventos culturais,

práticas esportivas ou participação em feiras e projetos de extensão. Essa dinâmica reforça o sentido de lugar coletivo, no qual a universidade não se constitui apenas como instituição acadêmica, mas como parte integrante da vida urbana de Viçosa (COSTA, 2011). A presença da UFV na paisagem urbana, associada às suas áreas verdes e espaços de uso comum, fortalece um vínculo simbólico que amplia a identidade da própria cidade.

Na USP São Carlos, o campus apresenta um perfil distinto. A apropriação comunitária concentra-se em áreas específicas, como o Parque Ecológico, que se tornou espaço de convivência e lazer para a população local. Esse processo evidencia uma abertura seletiva do campus, em que determinados espaços se tornam atrativos e acessíveis, enquanto outros permanecem restritos à comunidade acadêmica. Essa segmentação limita a construção de um sentido de lugar mais amplo e compartilhado entre universidade e cidade, mas não impede que a população desenvolva vínculos afetivos e de pertencimento com os espaços disponíveis. Nesse sentido, a apropriação manifesta-se de forma setorial, revelando tanto o potencial integrador da universidade quanto as barreiras de acesso impostas por sua configuração espacial.

A análise comparativa permite identificar que, enquanto a UFV se constitui como patrimônio simbólico e espaço público cotidiano, a USP São Carlos apresenta um processo de apropriação mais restrito, porém significativo, que se concentra em determinadas áreas abertas ao público. Em ambos os casos, as práticas de uso e apropriação reforçam a centralidade dos conceitos de sentido de lugar e de pertencimento, fundamentais para compreender a interação entre universidade e comunidade.

### **3.2.5 A Praça Anglo como suporte para atividades de extensão universitária**

A configuração da Praça Anglo, vinculada ao campus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), abre a possibilidade de se consolidar como espaço privilegiado para o desenvolvimento de atividades de extensão universitária, ao aproximar a comunidade local do ambiente acadêmico. Como se observa em experiências de outros campi, tais como a UFV e a USP São Carlos, os espaços abertos e de uso coletivo podem atuar como pontes de interlocução entre universidade e cidade, reforçando práticas de convivência e pertencimento.

A extensão universitária, compreendida como processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa com as demandas sociais (FORPROEX, 2012), encontra nos espaços públicos compartilhados uma infraestrutura essencial. Nesse sentido, a Praça Anglo pode abrigar atividades que extrapolem a dimensão acadêmica tradicional, oferecendo suporte para feiras comunitárias, exposições, apresentações culturais, oficinas abertas, práticas esportivas e ações ambientais.

A partir do conceito de sentido de lugar (TUAN, 1980; RELPH, 1976), compreende-se que a apropriação da Praça Anglo pela comunidade tende a consolidar vínculos identitários e afetivos com o espaço, transformando-o em lugar de memória e pertencimento coletivo. Assim como o campus da UFV se tornou parte constitutiva da vida urbana de Viçosa (COSTA, 2011), a Praça Anglo tem potencial de desempenhar papel semelhante em Pelotas, funcionando como território de integração entre a instituição e os moradores do entorno.

Além disso, a noção de apropriação do espaço (LEFEBVRE, 1991) permite entender como diferentes grupos sociais poderão inscrever seus modos de vida e práticas no espaço da praça, ressignificando-a para além de seu projeto formal. Isso se aproxima do observado no Parque Ecológico da USP São Carlos, no qual a população encontrou possibilidades de lazer e convivência que fortaleceram laços com o campus. No caso da Praça Anglo, tais processos de apropriação poderão ser potencializados se acompanhados de políticas institucionais de incentivo à abertura e de uma programação de extensão continuada.

Assim, ao ser concebida não apenas como espaço físico, mas como dispositivo de interação social, a Praça Anglo pode consolidar-se como laboratório vivo para práticas extensionistas. Ela possibilita a realização de projetos de arquitetura participativa, oficinas de educação ambiental, atividades de cultura e arte comunitária, além de encontros que favoreçam o diálogo entre saberes acadêmicos e populares (Quadro 4). Nessa perspectiva, a praça pode atuar como suporte pedagógico e cultural, ampliando a presença da UFPel na vida cotidiana de Pelotas e reforçando o caráter social da extensão universitária.

Quadro 4: Possibilidades de uso da Praça Anglo para atividades de extensão

<b>Tipo de atividade extensionista</b>	<b>Necessidades espaciais na Praça Anglo</b>	<b>Referência empírica</b>	<b>Efeitos esperados</b>
Feiras comunitárias e de economia solidária	Áreas planas e abertas; pontos de energia; infraestrutura mínima para barracas e circulação	UFV – feiras livres e de produtos agrícolas realizadas no campus	Integração da comunidade com a universidade; estímulo à economia local; fortalecimento do sentido de lugar coletivo
Oficinas participativas e educação ambiental	Espaços sombreados; mobiliário flexível (bancos, mesas); áreas verdes	USP São Carlos – atividades no Parque Ecológico voltadas à educação ambiental	Estreitamento do vínculo comunidade-universidade; valorização da sustentabilidade; apropriação ativa do espaço
Apresentações culturais (música, teatro, dança)	Praça central com palco aberto ou espaço multifuncional; iluminação pública de qualidade	UFV – eventos culturais abertos no campus; USP São Carlos – apresentações pontuais em espaços livres	Promoção da diversidade cultural; visibilidade para artistas locais; reforço do campus como polo cultural
Práticas esportivas e de lazer comunitário	Quadras ou áreas abertas; pistas de caminhada/corrida; equipamentos de ginástica	UFV – forte apropriação esportiva das áreas do campus	Incentivo ao bem-estar e saúde da população; uso cotidiano e contínuo da praça
Exposições e mostras acadêmicas	Estruturas de apoio para painéis e instalações temporárias	USP São Carlos – projetos de extensão em áreas abertas do campus	Divulgação científica acessível; democratização do conhecimento produzido pela universidade
Encontros comunitários e fóruns de diálogo	Áreas de estar com mobiliário urbano; anfiteatro aberto ou espaço circular	UFV – espaços de encontro espontâneo no campus	Criação de espaços de escuta e troca de saberes; fortalecimento da universidade como mediadora social

Fonte: Autoral, 2025

A partir da sistematização apresentada no quadro anterior, é possível compreender que a Praça Anglo tem potencial de se consolidar como dispositivo extensionista fundamental para a Universidade Federal de Pelotas. A diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas em seu espaço — feiras comunitárias, oficinas ambientais, práticas culturais, esportivas e científicas —

revela a praça como lugar estratégico para a mediação entre universidade e a cidade sem ser interpretada apenas como um equipamento urbano, mas como território de interlocução de saberes, vivências e pertencimento.

#### **4. METODOLOGIA**

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como a Praça Anglo, situada em área urbana próxima à bairros residenciais, pode ser transformada em um espaço propício para atividades de extensão universitária, convivência e lazer promovendo a interação entre a universidade e a comunidade local. Para isso, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada em métodos participativos e tecnologias digitais, permitindo analisar profundamente percepções, memórias e expectativas dos moradores em relação ao espaço (LYNCH, 2017; SILVA, 2022).

A investigação estruturou-se em etapas sequenciais, combinando métodos participativos, questionários e entrevistas em campo e tecnologias digitais para construção de cenários virtuais, garantindo o alinhamento entre os desejos da comunidade e o planejamento do espaço. A pesquisa caracteriza-se como uma pesquis-ação, de natureza exploratória e descritiva, centrado na Praça Anglo e seu entorno imediato. A abordagem qualitativa possibilitou compreender experiências e percepções dos moradores, enquanto ferramentas digitais permitiram a visualização e simulação de cenários urbanos, facilitando além da participação ativa da comunidade, a visualização de suas carências (SOUZA; CAMPUS FURTADO; EVILÁSIO CAMPOS; QUINTÃO, 2021).

A coleta de dados deu-se a partir do estabelecimento de áreas denominadas macrorregiões de pesquisa (Figura 18) onde foram aplicados os questionários do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo e as entrevistas com os moradores do entorno do terreno da praça.

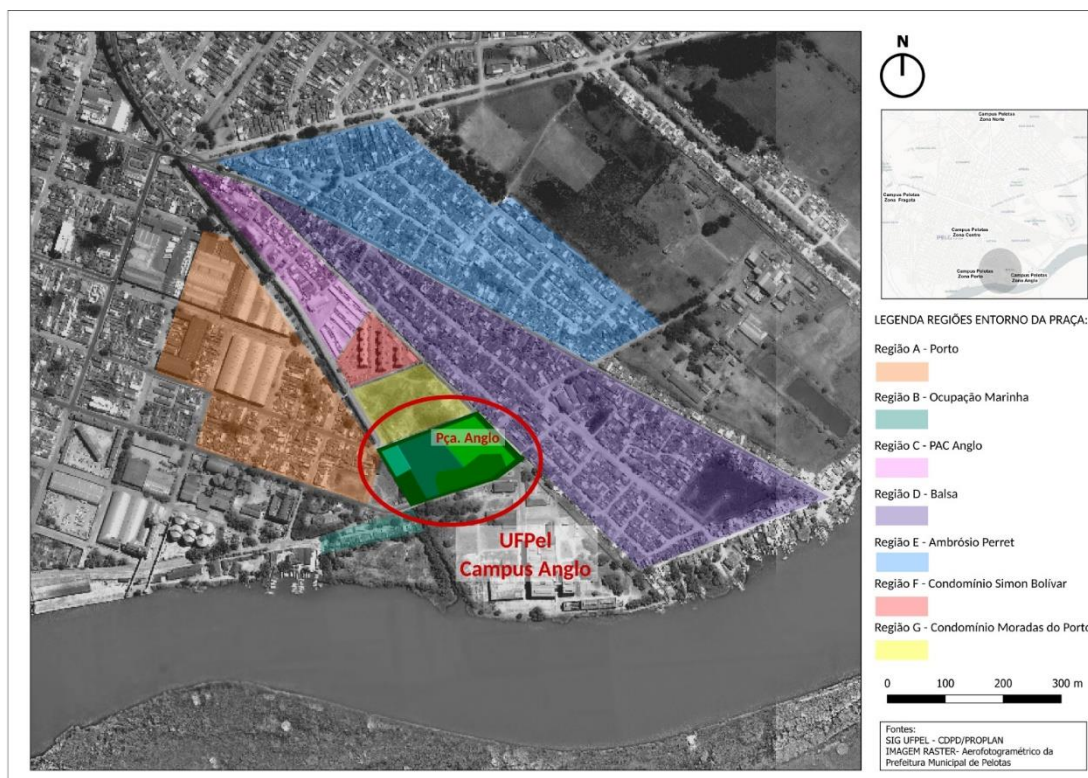


Figura 18: Macrorregiões de Pesquisa

Fonte: Proplan, 2023.

Durante o processo, os moradores mostraram engajamento ativo, como no relato:

*"Lembro que quando eu trabalhava no frigorífico, sempre sentava com as minhas colegas embaixo das árvores para almoçar, esse lugar me traz boas lembranças e eu gostaria de vê-lo acolhedor novamente"* (Entrevistada, Macrorregião A).

Foram utilizados mais de um método com a finalidade de “ressaltar a validade dos resultados e afirmar a confiabilidade da pesquisa” (REIS e LAY, 1995). A pesquisa foi dividida em seis etapas:



Figura 19: Sistematização das etapas da pesquisa  
 Fonte: Autora, 2024.

**Etapa 1** – Revisão de Literatura: Nesta etapa foi realizada a análise documental;

**Etapa 2** – Revisão Empírica: Definição de exemplos de casos de campus universitários que utilizam de seus espaços comuns para atividades de extensão;

**Etapa 3** – Metodologia: Definição da metodologia de pesquisa, tratando-se de projetos extensionistas, a escolha foi por métodos de Pesquisa-ação, metodologia participativa;

**Etapa 4** – Aplicação do DRUP<sup>3</sup>: Tratando-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, é voltada à busca e compreensão mais aprofundada de significados, valores e sentidos, através da interpretação das experiências e perspectivas, isso só é possível com a participação ativa da comunidade. A utilização do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP), possibilitou através da aplicação de questionários pré-estruturados uma grande coleta de dados relevantes à pesquisa.

<sup>3</sup> Método de pesquisa Diagnóstico Rápido Urbano Participativo.

**Etapa 5** – Adaptação e aplicação do MotivAção: Enquanto o DRUP possibilitou um grande número de informações de forma descritiva teórica, o método do MotivAção permite a criação visual do cenário urbano desejado pelo usuário de forma prática, lúdica e autônoma.

**Etapa 6** – Análise de Resultados: É nesta etapa da pesquisa em que acontece a organização dos resultados obtidos através da aplicação da metodologia, considerando a confirmação ou negação das hipóteses levantadas.

Quadro 5 – Detalhamento da Metodologia da Pesquisa

<b>Tópico</b>	<b>Descrição</b>
Instrumentos de Coleta de Dados	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionários DRUP</li> <li>• Entrevistas pré-estruturadas</li> <li>• Mapas participativos</li> <li>• Modelo 3D do terreno para construção de cenários digitais</li> </ul>
Procedimentos de Análise	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Análise quantitativa:</b> interpretação dos dados do DRUP para identificar padrões e distribuição de demandas</li> <li>• <b>Análise qualitativa:</b> interpretação de entrevistas e relatos, cruzando passado, presente e futuro</li> <li>• <b>Análise espacial:</b> mapeamento das percepções de legibilidade urbana e distribuição de usos no modelo digital</li> <li>• <b>Síntese participativa:</b> integração de resultados para propor diretrizes de planejamento e qualificação da Praça Anglo</li> </ul>
Limitações e Considerações Éticas	<p><b>Limitações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Restrições temporais e de acesso a todos os moradores</li> <li>• Complexidade na adaptação do aplicativo MotivAção</li> </ul> <p><b>Considerações Éticas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantia de anonimato e privacidade dos participantes</li> <li>• Consentimento livre e esclarecido para entrevistas e participação no jogo digital</li> <li>• Registro de memórias pessoais com cuidado ético, preservando identidades e relatos sensíveis</li> </ul>

Fonte: Autora, 2025.

#### **4.1 Memória e Patrimônio – A História do Lugar**

A reinserção da Universidade Federal de Pelotas no contexto urbano iniciou em um período de transformação da economia da cidade referindo especialmente ao setor industrial. As margens do Canal São Gonçalo abrigavam a indústria do charque e posteriormente a indústria frigorífica de carnes foi se

construindo ao longo do Canal, mais precisamente na Zona do Porto, muitos prédios industriais que foram sendo esvaziados por conta de uma estagnação e recessão desta atividade na década de 1950. A zona portuária viu-se tomada por edifícios industriais ociosos e abandonados. No ano de 1986, a professora Ester Gutierrez da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), através do projeto intitulado Universidade na Cidade, levantou a pauta da aquisição de prédios das estruturas fabris para alocar unidades que ainda não possuíam prédios próprios no Campus da UFPel. O projeto não concretizado chamado de *Aquisição e Reciclagem do prédio da antiga fábrica Fiação e Tecidos*, apresentado pela Faculdade de arquitetura e Urbanismo da UFPel em 1989, tinha a intenção objetiva correlacionada com as pautas e levantamentos do projeto Universidade na Cidade para ressaltar a competência de preservação do patrimônio histórico que a universidade deve cumprir, e assim, fazer uso e ocupação da zona Portuária e seu belo patrimônio industrial desativado (POLIDORI, 1989). Mais à frente, no ano de 2006, e também desenvolvido pela Faurb, outro projeto surgiu ao qual se intitulava *A Inclusão da Ociosidade: uma metodologia para inventariar imóveis urbanos ociosos. O caso de Pelotas (RS)*, o principal intuito deste projeto é o mapeamento sistêmico dos prédios ociosos com potencial de reutilização. De acordo com GUTIERREZ (2006), considera-se que este projeto, alinhado com outros, tenha contribuído como base para as políticas de planejamento urbano municipal, a consolidação de uma política de preservação do patrimônio edificado e, conseqüentemente, para as ações institucionais da UFPel na aquisição de imóveis e expansão nas áreas do Centro e Porto de Pelotas (GOULART et al, 2019).

Através do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, a UFPel adquiriu uma gama de prédios em sua maioria de estruturas industriais ociosas, assim como algumas de arquitetura eclética. Desde então a UFPel, além das suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, vem cumprindo um papel de recuperação de edificações e de estruturas urbanas pré existentes e, contribuindo para o desenvolvimento da cidade, do meio ambiente e conseqüentemente da economia.

## 4.2 O antigo Frigorífico Anglo

Um das aquisições da Universidade Federal de Pelotas foi o complexo de prédios e áreas pertencentes ao antigo Frigorífico Anglo, referente ao estudo desta pesquisa. Segundo Michelin (2012), o Frigorífico Anglo possuía prédios em três países, sendo eles, Uruguai, Argentina e Brasil, o da cidade de Pelotas (figura 20), não teve uma vida tão longa, nem proporcionou grande impacto na economia da cidade, comparado ao que ocorrera nos outros países como a unidade de Fray Bentos no Uruguai, porém, é indiscutível e inegável a intensa evocação de memórias que o lugar desperta, deixando sua impressão de identidade presente através de sua história e passada em gerações.



Figura 20: Antigo Frigorífico Anglo de Pelotas

Fonte: Livro: Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas: o trabalho do passado nas fotografias do presente, de Francisca Ferreira Michelin, 2012.

Pertencente ao Grupo Vestey Brothers, que teve suas origens na empresa fundada em 1879 pelos irmãos William e Edmund Vestey, após alguns anos trabalhando em Chicago, onde abasteciam a empresa de seu pai em Liverpool com carnes e laticínios. Com a experiência adquirida no mercado de alimentos, os irmãos perceberam uma oportunidade para estocar alimentos frescos e congelados. Assim, inauguraram câmaras frigoríficas em várias cidades inglesas e, posteriormente, em outros países com os quais faziam negócios. Em 1905, ingressaram no setor industrial ao abrir uma fábrica de ovos em pó em Hankin, China, cujo sucesso os levou a adquirir um navio frigorífico

para transportar produtos até a Grã-Bretanha. Em poucos anos, a frota cresceu, dando origem à companhia marítima Blue Star Shipping. A partir de 1913, os Vestey expandiram suas operações comprando terras e câmaras frigoríficas na Venezuela, Brasil, Argentina, Nova Zelândia, Austrália e Madagascar, cientes do processo lucrativo da indústria da carne incentivada pela Guerra. Acabaram por decidir sobre a necessidade de diversificação dos seus negócios, vender frigoríficos em vários países incluindo o frigorífico Anglo na cidade de Pelotas (MICHELON, 2012).

Segundo Lagemann (1985) as estruturas de produção que caracterizaram economicamente o Rio Grande do Sul no final do século XIX, foram a agricultura e a pecuária, processo iniciado ao fim do século XVIII quando o comércio da carne se dava a partir da produção do charque dando continuidade a um período de comercialização da carne no Estado. Pelotas possuía grande potencial para os charqueadores, então tornou-se referência através de sua capacidade de produção e transporte para outros Estados, porém, o charque tornou-se uma atividade não rentável pelo simples fato de advir de tecnologias de produção precárias sem condições de competir numa disputa acirrada no mercado. A frigorificação no Rio Grande do Sul se deu a partir de um momento em que havia grande necessidade e demanda por carnes de qualquer qualidade em decorrência da guerra, o que resultou num processo de crescimento econômico. Assim como na época das charqueadas, Pelotas e seu entorno continuavam favorecendo o transporte de mercadorias a partir das suas boas condições de clima e topografia, que eram características importantes também para a criação de bovinos. As carnes para exportação eram os principais produtos, passavam por um processo de congelamento ou eram enlatadas, para assim, seguir seu destino. Cerca de dois mil bois eram abatidos por dia para suprir as demandas da exportação, a mão de obra era preparada dentro da própria indústria.

No ano de 1921 a *The Rio Grande Meat Company* acenou com a compra do Frigorífico recentemente inaugurado, então o grupo dos irmãos adquiriu com escritura lavrada em 14 de março de 1921, começando a funcionar no mesmo ano no mês de novembro, com Estatuto aprovado em Decreto Federal 15.119 de 16 de novembro. Em 1924, aprovado pelo Governo Federal, foi concedida a troca de nomes de *The Rio Grande Meat Company* para Frigorífico Anglo de Pelotas. Cinco anos após sua abertura, o funcionamento começou a cair e suas

atividades foram suspensas no ano de 1926. O local se manteve desativado por 15 anos, até que em 1942 passou por obras de reestruturação do frigorífico, ao longo de 20 meses centenas de trabalhadores executaram o aterramento e drenagem da região alagadiça. No ano de 1943, foi publicada uma matéria no jornal Diário Popular, sobre a geração de trabalho na região por conta do frigorífico que potencializava a economia da cidade. A inauguração do frigorífico aconteceu em 17 de dezembro de 1943, contando com uma vasta linha de produtos, como extratos de carne e carnes enlatadas.

Segundo Michelin (2012), no ano de 1991 já não existiam mais atividades no frigorífico Anglo de Pelotas, sendo assim desativado, e deixando na história da cidade uma grande marca a partir da memória da comunidade de trabalhadores. O grupo Vestey Bhothers encerrou definitivamente suas atividades, vendendo todos os seus frigoríficos no ano de 1993. De acordo com o livro *Sociedade anônima Frigorífico Anglo de Pelotas – O trabalho do Passado nas Fotografias do presente* de Francisca Ferreira Michelin, a Fundação Simon Bolívar doou à UFPEL uma fração da massa falida do ex-Frigorífico Anglo, arrematada no ano de 2006 em leilão judicial<sup>4</sup>. Em 2007 as obras do novo campus não estavam iniciadas e o conjunto guardava, ainda, características do seu período de funcionamento. No período de 2008 a 2011 a UFPEL reformou parte dos prédios para a utilização do centro administrativo e faculdades da instituição.

DUTRA (2017), em seu trabalho referente a uma das ocupações do entorno do Antigo Frigorífico Anglo, criou uma linha do tempo para referenciar o processo de ocupação da área do extinto frigorífico, resumindo todo este período histórico:

**1914-** A Companhia de Gêneros Congelados compra da Prefeitura Municipal de Pelotas o terreno que sediará o Anglo;

**1917-** É constituída a Companhia Frigorífica Rio Grande;

---

<sup>4</sup> Em 2006, a Fundação Simon Bolívar adquiriu a fração da área de 122.582,00m<sup>2</sup> (cento e vinte e dois mil e quinhentos e oitenta e dois metros quadrados) em leilão judicial realizado no processo falimentar do Frigorífico Casarin Ltda., constituído do terreno e das construções do antigo frigorífico. O valor da aquisição foi de R\$ 700.000,00 (setecentos mil reais). Uma fração de 20.569,38m<sup>2</sup> da matrícula nº. 65.975 foi doada à UFPEL. No local, a UFPEL viria a erguer os prédios do Campus Porto - Bloco A: onde funciona a Reitoria; e, Bloco B: onde funcionam diversas unidades acadêmicas e a Biblioteca do Campus. C U - RELATÓRIO DE DEMANDAS EXTERNAS. Número: 00190.015177/2012-62 (2012).

**1920-** Fevereiro: É vendido um terreno adquirido pela Companhia Frigorífica Rio Grande a Companhia Lancashire General Investimento Trust Limited;

**1921-** É constituída no Rio Grande do Sul a Sociedade Autônoma The Rio Grande Meat Company, com sede em Pelotas;

**1924-** A The Rio Grande Meat Company passa a denominar-se, também, Frigorífico Anglo;

**1932-** O Frigorífico Anglo passa por reforma nas suas instalações;

**1979-** O Frigorífico Anglo encerra os seus abates;

**1993-** O patrimônio industrial em Pelotas do Grupo Vestey Brothers é vendido ao Frigorífico Casarin, que, após atividade reduzida, entra em falência.

**2006-** Parte da massa falida do Casarin é adquirida pela Fundação Simon Bolívar, ligada a Universidade Federal de Pelotas. A universidade instala sua reitoria em 2009, bem como a Biblioteca Central e diversos cursos.

#### **4.3 A Cidade de Pelotas e a Universidade**

A Universidade, como instituição de ensino superior com um caráter universal, tem suas raízes na Idade Média e tem evoluído ao longo dos séculos. Ela se caracteriza como um espaço de contínuas disputas e conquistas, refletindo a própria história e evolução das cidades e da sociedade (SOUZA, 1996).

Para entender como se deu o processo de origem e organização espacial referente ao estudo de caso da pesquisa, inicia-se pelo Decreto-Lei nº 750 de 08 de agosto de 1969, o qual a Universidade Federal de Pelotas foi fundada, “mediante a transformação e incorporação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul, e das Faculdades de Direito e de Odontologia e do Instituto de Sociologia e Política, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” (BRASIL, 1969).

Entre as instituições de ensino superior situadas no espaço urbano de Pelotas, destacam-se a Faculdade de Odontologia (1911), a Faculdade de Direito (1912) e o Instituto de Sociologia e Política, todos vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além dessas, o Conservatório de Música de Pelotas (1918), a Escola de Belas Artes (1949) e a Faculdade de Medicina também são notáveis, pertencendo à sociedade civil organizada, como

a Instituição Pró-Ensino Superior do Sul do Estado. Localizado no então distrito de Capão do Leão, que se tornou um município independente em 1989 e estava situado na zona rural de Pelotas, o Campus Capão do Leão era composto por três faculdades e três institutos fundamentais. As faculdades incluíam a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, a Faculdade de Veterinária e a Faculdade de Ciências Domésticas. Os institutos presentes eram o Instituto de Ciências Físicas e Matemáticas, o Instituto de Ciências Químicas e o Instituto de Ciências Biológicas e Geociências. Após a reforma de 1968, segundo Goulart, a UFPEL passou a corresponder por uma estrutura híbrida, dos modelos universitários europeus e norte-americanos, a partir de *Campus* isolado e de interação com o contexto urbano, estrutura essa, que permanece até hoje (Goulart et al, 2019).

Segundo Lima (2017) A universidade tem a capacidade de transbordar muros e paredes de sua estrutura física para constituir relações de produção de conhecimento com a rua – seja com a cidade, seja com o campo. O entrelaçar da vida das pessoas com os espaços e tempos urbanos, como as ruas onde residimos, estudamos, trabalhamos, circulamos e convivemos, criando um ambiente rico para o compartilhamento e a produção coletiva de conhecimento. A universidade pode ser vista como pública formalmente, funcionando como uma instituição republicana com acesso não restritivo. No entanto, também pode se definir como pública na medida em que se posiciona entre os espaços institucionais de educação e os espaços públicos, abrangendo tanto as artes convencionais quanto as não convencionais (LIMA, 2017). Ao falar sobre a expansão dos atributos da universidade para fora de suas paredes de concreto, vem em mente as diversas formas com que este ato se faça, umas dessas formas de interligação são os projetos de extensão universitária, que levam conhecimento “às ruas”, assim como, convidam as pessoas das comunidades externas à universidade a conhecerem e se apropriarem dos seus projetos expandindo conhecimento e fortalecendo esse vínculo afetivo de duas mãos que tende a buscar sempre por melhorias na qualidade de vida de todos.

#### **4.4 Métodos Participativos de Pesquisa**

O direito à cidade, assegurado pela Constituição, é frequentemente desrespeitado. É fácil idealizar um espaço urbano acessível e benéfico para

todos, sem considerar a diversidade de grupos e interesses que existem na sociedade. Desta forma, algumas transformações na cidade podem acarretar benefícios a uns e descontentamento a outros usuários, pelo fato de não serem detentores das mesmas necessidades e interesses de uso (BRASIL, 19880. Os métodos participativos de pesquisa buscam atrair para o mais perto possível da realidade, as necessidades das pessoas que serão afetadas diretamente pelas intervenções propostas. Deste modo, torna-se mais fácil e assertivo o êxito do projeto, pois sempre irá buscar atender as demandas reais existentes.

Segundo Thiollent (1985), as propostas de pesquisa alternativa (participativa e de ação) podem desempenhar um papel significativo nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores, bem como das pessoas e grupos envolvidos em situações problemáticas. Um dos principais objetivos dessas propostas é capacitar os pesquisadores e os participantes a responderem de forma mais eficiente aos desafios de suas realidades, oferecendo diretrizes para ações transformadoras. O foco está em facilitar a busca de soluções para problemas concretos, onde os métodos convencionais têm mostrado pouca eficácia. Devido à urgência desses problemas (como educação, informação, práticas políticas, etc.), os procedimentos adotados devem seguir prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico participativo da situação, garantindo que os participantes tenham voz ativa no processo (THIOLLENT, 1985).

#### **4.5 Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP)**

A ferramenta DRUP foi desenvolvida a partir do Diagnóstico Rápido Rural (DRR) e do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) realizados em comunidades de baixa renda na África. Este método evita pesquisas longas e dispendiosas, coleta excessiva de dados e produção tardia de resultados. Caracteriza-se por sua flexibilidade e interatividade, exigindo a participação conjunta da comunidade e dos aplicadores. A comunidade participa na obtenção dos resultados através de um método de visualização e racionalização das informações (VERDEJO, 2006, BROSE, 2010).

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, através de seu Núcleo de Pesquisa, tem se dedicado a explorar Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que possibilitem a implementação de Tecnologias Sociais (TS). Esses esforços visam aumentar a interação entre a comunidade acadêmica e a sociedade,

oferecendo soluções concretas para a transformação social. O DRUP foi criado em resposta à necessidade de realizar levantamentos de informações de maneira ágil e com o envolvimento de diversos agentes durante processos participativos em áreas urbanas. Simultaneamente, identificou-se uma iniciativa realizada por organismos públicos e ONGs no meio rural, conhecida como Diagnóstico Rural Participativo (DRP). Embora originalmente concebida para áreas rurais, essa iniciativa mostrou potencial para adaptação às características urbanas, especialmente nas regiões periféricas (BROSE, 2010). Trata-se de um processo onde a comunidade local se empodera da sua própria condição e situação, realizando uma análise própria que antecede à tomada de decisões. O Diagnóstico Rural Participativo foi introduzido no Brasil por ONGs em 1992/93, com o objetivo de promover um diálogo entre o conhecimento técnico e o saber popular. O método foi fundamental para realizar diagnósticos integrados e interdisciplinares das realidades rurais, preparar o planejamento local, avaliar recursos ambientais e sociais, analisar diferentes formas de uso e ocupação do território, estudar a viabilidade de projetos e mobilizar ações em micro bacias, entre outras atividades (BROSE, p.67, 2010). Métodos participativos similares surgiram nos anos seguintes em áreas urbanas.

Nesta pesquisa o DRUP serviu como pontapé inicial na coleta de dados, foi aplicado nos bairros ao redor do terreno da Praça Anglo, utilizando questionários estruturados para coletar informações sobre características, problemas e soluções percebidas pela comunidade (ABNT, 2015; SILVA, 2022).

Uma das principais vantagens do DRUP é que ele evita o uso de pesquisas longas e de alto custo, além da coleta excessiva e tardia de dados. Isso se dá porque o método requer a participação ativa da comunidade em conjunto com os aplicadores (figura 21).



## Figura 21: Participação ativa da comunidade

Fonte: Autora, 2023.

O processo colaborativo permite que os dados coletados sejam transformados em conhecimento de forma ágil e efetiva, com a participação dos moradores da região, que têm conhecimento prático e experiência sobre o ambiente urbano em que vivem.

Para esta pesquisa, o processo de elaboração do DRUP foi estruturado de acordo com as seguintes etapas: 1. Definição da abrangência a partir do terreno; 2. Desmembramento das regiões contempladas; 3. Definição do número de entrevistas para cada sub-região; 4. Desenvolvimento do questionário DRUP; 5. Treinamento para a aplicação; 6. Aplicação do DRUP; 7. Análise dos dados coletados.

A delimitação da área de abrangência do DRUP foi estabelecida por meio de uma elipse (figura 22), cuja maior extensão corresponde a aproximadamente 800 metros a partir do terreno destinado à futura Praça Anglo.



Figura 22: Elipse de delimitação da área de abrangência do DRUP

Fonte: Proplan, 2022.

Essa definição levou em conta o deslocamento médio a pé de até 15 minutos entre o ponto mais distante e o espaço central do estudo. Para viabilizar

uma aplicação mais eficiente da metodologia, a área abrangida foi subdividida em diferentes sub-regiões, cada uma identificada conforme características comuns relacionadas à história de ocupação, perfil populacional e presença de barreiras naturais.

A região do Porto, destacada em laranja, integra o processo de expansão da centralidade urbana. Sua formação remonta ao final do século XIX e início do século XX, período em que o porto desempenhava papel fundamental na recepção de mercadorias e pessoas provenientes de várias partes do mundo. A área apresenta uma malha urbana ortogonal e se distingue das demais por conta de uma barreira física: o Canal do Pepino.

O Loteamento PAC Anglo, assinalado em rosa, corresponde a uma área que anteriormente pertencia ao Frigorífico Anglo, utilizada como espaço de espera para o gado destinado ao abate. No final da década de 1990, após o fechamento do frigorífico, o local passou a ser ocupado de forma irregular. A partir de 2007, cerca de 150 famílias foram contempladas pelo programa PAC – Urbanização de Assentamentos Precários. Na área ainda se encontra a antiga casa de passagem, atualmente utilizada como sede da Associação de Moradores do loteamento (DUTRA, 2017).

A região da Balsa, representada em roxo, foi historicamente relevante como ponto de travessia sobre o Canal São Gonçalo, conectando o Porto de Pelotas à cidade de Rio Grande. Essa facilidade de deslocamento, somada à proximidade com a água, favoreceu a instalação de indústrias e do próprio Frigorífico Anglo. Os primeiros moradores eram, em sua maioria, trabalhadores dessas atividades produtivas. Entretanto, mesmo diante dessa importância econômica, a administração pública não promoveu políticas consistentes de qualificação urbana na região (DUTRA, 2017).

Já a área em azul corresponde ao bairro Ambrósio Perret, cuja ocupação está vinculada ao deslocamento de trabalhadores da antiga usina de óleo Alvebra, localizada na chamada “zona do quadrado”. Após a enchente de 1964, famílias desabrigadas foram realocadas para o local, que posteriormente tornou-se uma das primeiras áreas regularizadas. Atualmente, estima-se que mais de 60% dos moradores possuam escritura de seus lotes.

A região B, por sua vez, corresponde a um terreno público ocupado irregularmente, composto por aproximadamente 15 domicílios. De acordo com

informações obtidas junto à Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária, não há previsão de regularização fundiária para esta área.

Por fim, foram considerados também os dois conjuntos habitacionais verticais situados na Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira: o Residencial Simón Bolívar, construído em 2008 pela Construtora Ricardo Ramos, com 120 unidades, e o Moradas do Porto, da Construtora e Incorporadora Michelin, com 240 unidades.

Após a definição da área de abrangência e a delimitação das sub-regiões, estabeleceu-se a quantidade de entrevistas necessárias em cada setor, de forma a contemplar, no mínimo, 10% das residências existentes. Na sequência, elaborou-se o questionário do DRUP, desenvolvido em conjunto com a Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN), órgão responsável pela coordenação do projeto da praça. Este instrumento de pesquisa, contemplou tanto os aspectos positivos quanto os negativos das sub-regiões, além de levantar informações sobre os espaços verdes e de lazer utilizados pela população. Também foram incluídas questões relacionadas às memórias vinculadas ao território, às preferências de uso do espaço e a variáveis socioeconômicas consideradas relevantes.

Ressalta-se, contudo, que a execução do DRUP se estendeu além do cronograma inicialmente previsto e a pretensão inicial da pesquisa que era a abrangência de 10% da população de cada área, também não atingiu a porcentagem esperada. Foram respondidos 118 questionários, compreendendo aproximadamente 6% do total de 1.977 domicílios que contemplam as regiões de estudo. Ressalta-se que essa foi uma amostra estratificada para a caracterização das sub-regiões, dada que esta é uma pesquisa de cunho qualitativo. A única região que alcança os 10% de entrevistas é a B (Ocupação Marinha), que apresenta a menor parcela da população; As regiões A (Porto) e C (PAC Anglo) apresentam um índice de aproximadamente 8% de domicílios entrevistados e os casos mais graves de déficit de dados da pesquisa se concentram nas regiões D (Balsa) e E (Ambrósio Perret), que apresentam por volta de 6% de entrevistas e nas regiões F (Simon Bolívar) e G (Moradas Porto) que apresentam 5%. Os números referentes a cada região podem ser observados na figura 23.



Figura 23: Números de aplicações em cada Macrorregião

Fonte: Autora, 2025.

Após a realização das entrevistas presenciais, as respostas foram transferidas para um questionário online, desenvolvido na plataforma *Google Forms*, preservando a mesma estrutura de perguntas. Os dados coletados foram organizados em tabelas por região, permitindo sua classificação em categorias temáticas, que reuniram informações sobre um mesmo tópico, mesmo quando expressas de forma diversa pelos participantes.

Para dar maior consistência à análise, foram selecionadas palavras-chave representativas de cada categoria — como “pavimentação”, que agrupou todas as respostas relacionadas ao calçamento. A visualização dos resultados foi realizada por meio do aplicativo *Wordclouds*, gerando nuvens de palavras em que a frequência das respostas determinava o tamanho dos termos, evidenciando de forma hierárquica os tópicos mais recorrentes. A partir das nuvens de palavras geradas, tornou-se possível realizar a análise tanto em um panorama geral, avaliando a percepção da população sobre o entorno da Praça

Anglo, quanto em uma perspectiva por sub-região, permitindo identificar os aspectos positivos e negativos específicos de cada área. Essa abordagem oferece flexibilidade interpretativa, uma vez que demandas ou percepções presentes em uma região podem diferir das observadas em outras. Ao possibilitar análises segmentadas, os elementos favoráveis e desfavoráveis de cada recorte territorial são destacados com maior clareza, fornecendo subsídios para a formulação de propostas mais precisas e alinhadas às necessidades locais.

#### **4.6 Motivação**

Com o avanço tecnológico, as iniciativas no campo do design têm se destacado ao promover transformações no comportamento social por meio de estratégias interativas e lúdicas. Baseando-se em teorias como a *Teoria da Diversão*, proposta por Flusser (1998), que argumenta que o prazer derivado da diversão é uma maneira eficaz de motivar mudanças positivas nos hábitos humanos, esses conceitos foram aplicados em projetos de requalificação urbana voltados para habitações de interesse social. A proposta buscava romper com a monotonia cotidiana e proporcionar experiências que resgatassem o prazer através da realização de tarefas com significado.

Uma das ações elaboradas foi estruturada com base na metodologia da Teoria da Diversão, aliada a elementos do design aplicado a projetos. Para fundamentar o trabalho, foram analisadas campanhas inspiradoras como "Piano Staircase", "Coca-Cola Happiness Truck" e "National Geographic: Live Augmented Reality", que destacam o uso da tecnologia para engajamento social. A partir dessas referências, desenvolveu-se uma instalação interativa voltada para a questão do descarte inadequado de lixo, utilizando tecnologias inovadoras para envolver a comunidade local e proporcionar novas experiências. A ideia era criar momentos de surpresa e diversão, destacando os impactos antes e após as intervenções, com o objetivo de estimular práticas positivas.

O projeto original propôs o uso de interfaces virtualmente interativas, como o Kinect, capaz de captar movimentos dos usuários e simular virtualmente a limpeza do bairro. Essa abordagem buscava conscientizar os moradores sobre a importância do descarte correto de resíduos, permitindo que visualizassem os impactos positivos de suas ações no ambiente local. Além disso, foi desenvolvido

um aplicativo inovador chamado MotivAção, voltado para transformar arquitetonicamente e urbanisticamente espaços em habitações sociais através de cenários motivacionais. Com base no conceito de tecnologia social, o MotivAção visa empoderar os usuários e estimular mudanças sociais significativas.

Utilizando métodos qualitativos como o Poema dos Desejos e a Seleção Visual de Rheingantz (2008), o aplicativo incorporou ferramentas participativas que registravam a percepção dos moradores em relação aos espaços públicos ao seu redor. Através da fotografia, os usuários identificavam aspectos positivos e negativos desses locais, criando alternativas para sua qualificação. O MotivAção permitiu edições personalizadas nas imagens, introduzindo elementos urbanos num formato de jogo disponível para diversas plataformas digitais. Dessa forma, os usuários transformavam as fotografias em cenários simulados, incentivando ações reais para requalificar os ambientes estudados. O sistema permitia uma atualização autônoma dos conteúdos criados por usuários inexperientes em programação, fortalecendo a autonomia coletiva e aumentando a conscientização sobre a realidade local através de uma abordagem colaborativa e tecnológica (NOVISKI et. al, 2021)

O próximo passo do MotivAção envolveu sua implementação em uma iniciativa de extensão voltada à promoção de práticas críticas e proativas para requalificar espaços públicos. Estudantes de arquitetura da FAUrb - UFPel conduziram atividades direcionadas aos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Padre Rambo, destacando a relevância da qualidade dos espaços comunitários próximos à escola. Utilizando a interface de visualização do aplicativo, foi possível incentivar os alunos a idealizar melhorias para áreas negligenciadas. Dividida em seis etapas, a ação incluiu edições digitais realizadas pelos participantes nos cenários virtuais propostos. O resultado foi um aumento das habilidades criativas dos alunos e maior conscientização sobre a importância dos espaços públicos na vida urbana.

Os resultados demonstraram o impacto positivo do projeto ao despertar nos alunos um interesse genuíno pela arquitetura e reconhecer o papel da comunidade na construção de soluções eficazes para seus espaços. O sucesso da iniciativa foi impulsionado pela colaboração entre universidade, escola e

estudantes, evidenciando o papel transformador da extensão universitária na formação cidadã e na qualificação profissional.

Um método detalhado foi desenvolvido para transformar o aplicativo em um jogo digital colaborativo, capaz de fomentar reflexões sobre espaços urbanos por meio da aquisição e edição conjunta de imagens. Esse processo padronizado facilitou a configuração de cenários virtuais criativos. Nas versões mais recentes, foi introduzido o Construtor, permitindo que os usuários criassem seus próprios cenários virtuais com autonomia — um recurso essencial para adaptar o método às necessidades do ensino remoto durante diferentes contextos desafiadores (ROQUE, et.al, 2024). Em suma, o MotivAção é uma tecnologia social, interativa e participativa, que possibilita a criação de cenários virtuais conforme a imaginação do usuário, e que pode ser utilizado para vários tipos de pesquisa, incluindo pesquisas voltadas a melhorias através da requalificação urbana.

#### **4.6.1 Desenvolvimento do Projeto do MotivAção e sua automação**

O projeto de desenvolvimento utilizou uma estrutura dividida em duas etapas para organizar imagens e recursos que servirão em experiências lúdicas. A primeira etapa envolve a organização de arquivos de imagens fornecidas pelos extensionistas, que são utilizadas na criação das cenas. Já a segunda etapa foca na compilação da aplicação, onde as cenas interativas para os usuários são geradas. Atualmente, estão em desenvolvimento e aprimoramento duas versões de construtores: uma offline, que requer a instalação do Unity localmente no computador para a compilação do projeto, e outra online, que utiliza apenas as imagens fornecidas, enquanto o servidor se responsabiliza por todas as etapas de compilação (ROQUE, et.al, 2024).

A organização das imagens destinadas aos jogos é automatizada com scripts desenvolvidos em Python. Esses scripts organizam as imagens em pastas específicas e criam referências para os caminhos das mesmas no construtor, funcionando de forma consistente tanto na versão offline quanto na online. O Construtor, por sua vez, importa as imagens para o projeto no Unity e dá início à compilação de um novo jogo com os elementos definidos pelo usuário.

Para ampliar a usabilidade do projeto, os jogos podem ser construídos nas plataformas Windows, Linux e Web. O formato Web oferece a possibilidade

de hospedagem gratuita em servidores ou sites, como o GitHub Pages, facilitando a implementação do método MotivAção de maneira remota. As versões Windows e Linux geram arquivos executáveis prontos para uso imediato, enquanto o formato Web organiza a estrutura em pastas e arquivos que, uma vez hospedados, tornam-se automaticamente uma aplicação funcional.

Visando proporcionar uma plataforma acessível e prática a usuários com pouco conhecimento técnico, o refinamento das funcionalidades é realizado com base em feedbacks fornecidos pelos extensionistas após cada etapa do projeto. A partir dessas contribuições, são planejadas melhorias contínuas tanto nas funcionalidades quanto nos construtores.

A equipe responsável pelo desenvolvimento é composta por dois graduandos em Ciência da Computação. Eles seguem diretrizes pré-aprovadas de identidade visual para o design de telas e ajustam as funcionalidades conforme os feedbacks dos extensionistas. Esse grupo aplica a metodologia MotivAção em escolas públicas desde 2016, contribuindo significativamente para a evolução do projeto.

Como resultado, foi possível criar uma versão da metodologia mais acessível e automática. A capacidade de compilação das diferentes etapas de adição de informação trouxe maior facilidade e autonomia dos usuários durante o uso da ferramenta.

#### **4.6.2 O processo de adaptação do MotivAção para o caso da Praça Anglo**

Dentro do contexto desta pesquisa, o MotivAção foi adaptado visando a requalificação do espaço urbano e o resgate da memória local sobre estes espaços. A escolha de aplicar o MotivAção no presente trabalho, foi fundamentada pela sobreposição de objetivos dentro de ambos estudos, como a participação comunitária e a multidisciplinaridade. Esta iniciativa representa um marco para o aplicativo, que passa a estar atrelado a uma *pesquisa-ação* centrada exclusivamente na paisagem urbana da Praça Anglo, para elaboração de seus cenários motivacionais em prol de uma possível requalificação. A pesquisa visa construir cenários motivacionais para o local, enfrentando os

desafios impostos pelas condições da área, onde o acesso visual se encontra parcial ou totalmente comprometido.

O principal recurso metodológico do MotivAção é o uso de imagens do ambiente a ser trabalhado. Contudo, o terreno da praça apresenta restrições significativas devido à presença de escombros e à densa vegetação que cobre a área, tornando impossível capturar imagens diretas do espaço. Para contornar esse obstáculo, foi criado um modelo de entrevista com o intuito de explorar a percepção dos moradores do bairro sobre o estado atual do terreno. A ação teve como foco levantar programas e atividades desejados pela comunidade para o local, ativando também a memória coletiva por meio de uma curadoria de imagens históricas que destacavam a relevância do espaço para os residentes das redondezas.

As entrevistas foram feitas com sete moradores, abrangendo regiões vizinhas ao terreno da Praça, e incluíram uma conversa introdutória dividida em três etapas: Passado, Presente e Futuro (quadro 6). Na primeira etapa (Passado) buscou-se entender sobre as memórias que as pessoas tinham sobre o lugar. A segunda etapa (Presente) se respalda nos estudos de Lynch (1960) sobre a paisagem urbana da cidade e em como as pessoas utilizam elementos marcantes para se orientar no espaço. Nesta etapa, foi fornecido um mapa contendo a delimitação do terreno da futura praça e as áreas do entorno, para os entrevistados fixarem pinos coloridos referenciando os marcos, caminhos, limites, bairros e os pontos nodais.

Quadro 6 – Estrutura das entrevistas qualitativas: Passado, Presente e Futuro da Praça Anglo

<b>Etapa</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Perguntas/Instrumentos</b>	<b>Resultados esperados</b>
<b>Passado</b>	Identificar memórias e vínculos históricos dos moradores com o espaço da antiga área do Frigorífico.	<ul style="list-style-type: none"> <li>– O entrevistado possui memórias ligadas ao espaço?</li> <li>– Qual a relação pessoal ou comunitária com o local?</li> </ul>	Registro de memórias individuais e coletivas sobre o terreno e o bairro, reforçando a identidade do lugar.
<b>Presente</b>	Avaliar a legibilidade urbana do bairro segundo os conceitos de Kevin Lynch.	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Quais são os principais percursos dentro do bairro?</li> <li>– Onde os moradores percebem os limites do bairro?</li> <li>– Quem seriam os possíveis</li> </ul>	Identificação de caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos, segundo Lynch (2017).

		usuários da praça caso fosse qualificada? – Quais são os pontos de encontro? – Quais os pontos de referência?	
<b>Futuro</b>	Investigar expectativas e desejos para a futura praça.	– O que os moradores gostariam que a praça tivesse? – Como visualizam a utilização do espaço? – Onde cada atividade ou mobiliário poderia ser inserido (mapa de setorizações)?	Projeção de usos desejados, atividades e mobiliários, subsidiando a construção dos cenários digitais e a proposta de projeto.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Na terceira etapa da entrevista (Futuro), foi apresentado aos moradores uma síntese dos resultados do DRUP - Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (Medvedovski, 2015), executado na mesma região. Nesta síntese, havia uma lista dos espaços a serem qualificados mais requisitados pelos moradores, como praça infantil, quadra poliesportiva e pista de caminhada. Os moradores indicavam através de desenhos à mão livre, onde os espaços de lazer sugeridos poderiam ser dispostos na Praça, utilizando outro mapa do terreno desta vez com imagem ampliada.

Após a sessão de entrevistas realizadas com a comunidade vizinha ao terreno, considerou-se a criação de um modelo digital tridimensional para este caso da Praça Anglo. Este ambiente tridimensional teria caráter similar ao espaço real, incluindo os elementos marcantes da paisagem urbana do local, que foram apontados durante as entrevistas. Esta estratégia nos permitiu trabalhar com um terreno semelhante ao original mas ausente as dificuldades de acessibilidade visual, sendo que os usuários-alvo (moradores do entorno) conseguiriam reconhecer o espaço. O modelo digital tridimensional seguiu as diretrizes da Pró-Reitoria de Planejamento da UFPel (PROPLAN) e da Secretaria de Qualidade Ambiental (SQA) nos quesitos de destinação das áreas de proteção ambiental e manejo de espécies nativas, garantindo maior viabilidade e conformidade dos usos propostos.

Dentre estes marcos apontados pelos moradores da região, foram considerados os mais citados e relevantes para a orientação. Estes foram representados no espaço virtual de forma a priorizar suas características físicas de geometria e textura. São estes: 1) o portão de entrada do Campus Anglo da

UFPel; 2) os blocos de apartamentos Moradas Porto situados ao lado do terreno e 3) as fachadas das casas que estão voltadas para o terreno da Praça, (figuras 24 e 25). Estes elementos marcantes foram feitos através da modelagem volumétrica e fotografia destas fachadas que foram inseridas dentro do modelo virtual. Posteriormente, essa modelagem passou por um processo de renderização para adquirir um aspecto mais realista com cenário simulando céu e iluminação solar correspondente às coordenadas da região.



Figura 24: Marco visual, apartamentos Moradas Porto

Fonte: MotivAção, 2025, Pelotas.



Figura 25: Marcos visuais, portão de entrada do Campus e fachadas das casas

De acordo com o DRUP<sup>5</sup> e os cinco espaços de lazer que foram indicados como prioritários pela população, começou-se a visualizar os mobiliários que estariam presentes no local, sua infraestrutura e pavimentação. Estes espaços foram projetados e inseridos dentro do modelo tridimensional. Ao representar os mobiliários urbanos, a Inteligência Generativa foi adotada visando ampliar a biblioteca de imagens destes elementos. Era esperado que, através da I.A.<sup>6</sup> pudesse se adaptar aos diferentes contextos espaciais de cada fotografia e mudar sua materialidade conforme o exigido, por exemplo, partindo de um banco de madeira a um de metal com a mesma posição no cenário. O uso de I.A para a geração e alteração de modelos de mobiliário urbano enfrentou obstáculos consideráveis, com ênfase à exatidão das perspectivas e escalas em relação ao plano de fundo das imagens (SILVA,2024), por esse motivo optou-se pela utilização de mobiliários pré-definidos inseridos em locais fixos no terreno criado para o modelo digital tridimensional.

No processo de adaptação do MotivAção frente aos desafios apresentados no caso da Praça Anglo, foi explorada a ideia de utilizar de Inteligência Artificial Generativa (IA) na confecção dos mobiliários e equipamentos fixos urbanos, com intenção de ampliar o catálogo de opções destes elementos para os usuários e preservando as dimensões e posições da figura original para suas versões trabalhadas.

A metodologia utilizada fundamentou-se em um procedimento que explorou o uso da inteligência artificial embasado nas informações fornecidas pelo Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP). O processo incluiu a criação e refinamento de prompts textuais, a geração de imagens com IA e a análise crítica dos resultados obtidos. Os elementos visuais gerados evidenciaram o papel da IA como uma ferramenta eficaz para traduzir as demandas identificadas pela comunidade em relação à Praça Anglo, conforme apurado pelo DRUP.

A plataforma utilizada foi a KREA AI, uma solução gratuita e acessível que permite a criação ágil de variações de imagens em tempo real a partir de prompts

---

<sup>5</sup> Diagnóstico Rápido Urbano Participativo

<sup>6</sup> Inteligência Artificial

personalizados. As imagens produzidas foram integradas ao aplicativo Motivação, ampliando sua biblioteca de recursos visuais, o que possibilitará aos usuários registrar impressões e sugerir melhorias para a praça com maior precisão. O processo começou com a elaboração de prompts básicos, descrevendo itens de mobiliário, como um banco, tendo como ponto de partida uma imagem referencial que serviu para contextualizar o ambiente e orientar a geração visual. Em seguida, os prompts foram aprimorados com detalhes sobre características como posição, material, estilo e perspectiva, buscando maior alinhamento das imagens geradas às demandas identificadas. Para cada contexto visual específico, foi redigido um prompt direcionado que definia, por exemplo, a localização do mobiliário na cena. Outro aspecto importante foi a definição de materialidade, com utilização de imagens de referência e descrições detalhadas que garantissem maior correspondência com a perspectiva da cena. Por exemplo, para ilustrar um banco de pedra, o prompt foi ajustado para especificar o material e calibrar os parâmetros da IA, promovendo maior realismo e fidelidade na representação do mobiliário.

Apesar dos avanços obtidos com a KREA AI na geração de modelos de mobiliário urbano, foram enfrentados desafios substanciais relativos à fidelidade das perspectivas e escalas nas imagens geradas em relação ao plano de fundo. Ferramentas mais avançadas como MidJourney e DALL-E poderiam proporcionar maior qualidade nos resultados visuais; contudo, sua utilização foi descartada nesta etapa devido a limitações relacionadas à acessibilidade e recursos disponíveis. A escolha pela KREA AI se mostrou adequada ao contexto do estudo por ser mais viável e acessível. A avaliação inicial dos resultados foi qualitativa e envolveu a comparação das imagens geradas com referências visuais preexistentes, analisando aspectos como estética, realismo e coerência contextual. Os achados da pesquisa destacaram o potencial da inteligência artificial como um recurso valioso no planejamento de revitalizações urbanas e na concepção de mobiliário adaptado às demandas comunitárias. A integração entre IA e metodologias participativas abriu caminho para soluções mais alinhadas aos anseios locais. Contudo, também foram percebidas limitações na ferramenta utilizada, indicando que ajustes e avanços futuros serão necessários.

Embora preliminares, os resultados são encorajadores e apontam perspectivas relevantes para desdobramentos futuros, como a exploração de novas plataformas de IA e análises práticas sobre a viabilidade das propostas em escala real.

#### **4.6.3 Solução para a participação dos usuários do MotivAção**

A metodologia do MotivAção, desenvolvida para a Praça Anglo, revelou que a dinâmica de colagem possuía um importante fator motivador: a auto inserção do usuário no contexto da cena. Esse conceito já havia sido explorado anteriormente em outras aplicações da metodologia, nas quais a inserção se dava por meio de oficinas de edição de imagens realizadas com grandes grupos de participantes. Nessas oficinas, cada usuário era orientado a selecionar suas próprias imagens, recortá-las e incorporá-las ao cenário virtual.

Embora essa abordagem padrão do MotivAção promovesse etapas de alfabetização digital e ampliasse a diversidade de elementos visuais, ela dependia do uso de softwares externos de edição, que nem sempre estavam disponíveis para todos os usuários. Por isso, optou-se por adaptar o processo para que toda a metodologia pudesse ser realizada integralmente dentro do aplicativo. Com esse propósito, foi criada uma biblioteca virtual chamada "kalungas" (figura 26) integrada ao MotivAção, permitindo que essas figuras interagissem com as atividades projetadas para o espaço virtual. Esse recurso possibilitou que a aplicação do MotivAção na Praça Anglo pudesse ser realizada remotamente, nas próprias casas dos moradores, com o suporte da equipe de pesquisa na mediação entre o usuário e o aplicativo.



Figura 26: Kalungas desenvolvidos para inserção no aplicativo

### MotivAção

Fonte: MotivAção, 2025, Pelotas.

Esse modelo eliminou a necessidade de programas externos e reduziu as demandas de autonomia dos usuários, ao mesmo tempo em que manteve o caráter provocativo da auto inserção como elemento central da metodologia. No entanto, o maior desafio enfrentado durante sua implementação foi a criação de cenários realistas dentro da plataforma.

No processo de trabalho com as ferramentas de inteligência generativa para criação dos mobiliários urbanos foram usados softwares gratuitos como o Firefly, da Adobe e o KREA. Neste processo foi observado que, devido à perda de fidelidade das imagens geradas, os mobiliários criados tinham dificuldade de obedecer a regras de proporção e perspectiva do cenário. Por esse motivo, foi escolhido usar a estratégia de manter os mobiliários fixos na cena, não sendo possível a edição destes. Além disso, o método gráfico usado na plataforma utilizava de uma trama reticulada sobreposta ao cenário para inserir as figuras. Como processo, acabou um pouco limitada a liberdade de manipulação das figuras nos cenários.

#### **4.6.4 Aplicação da Ferramenta**

Com o MotivAção operante, estabeleceu-se a fase de aplicação da plataforma. Foi decidido utilizar o aplicativo com os mesmos usuários que passaram pela fase de entrevistas. Essa medida foi adotada por se entender que o conhecimento prévio é uma base sólida para as decisões dos usuários, uma vez que o contexto e o tema da pesquisa já haviam sido discutidos com os moradores específicos. Ao mesmo tempo, presume-se que o morador testemunhar a evolução de uma ferramenta em que ele fez parte promoveria a adesão e realização do usuário. A aplicação se deu por meio de um pequeno resgate da entrevista anterior e um prospecto que visou deixar o usuário a par das ferramentas disponíveis dentro da plataforma.

Ao abrir o aplicativo aparece a interface inicial (figura 27) contendo o botão para iniciar o jogo.

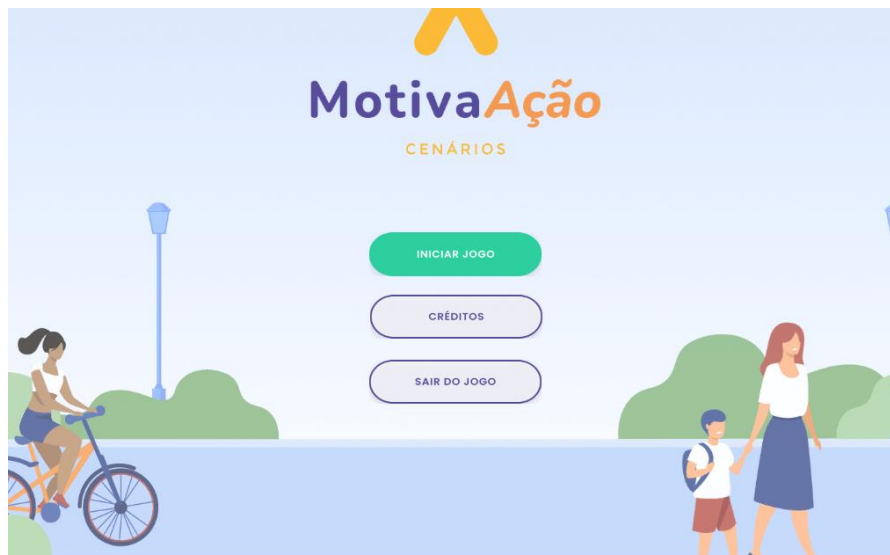


Figura 27: Interface do Motivação

Fonte: Motivação, 2024.

Logo após dar início ao jogo, abre uma nova interface (figura 28) contendo as opções de cenários a serem escolhidos.



Figura 28: Interface para escolha dos cenários

Fonte: Motivação, 2024.

Foram entrevistados 7 moradores, um em cada sub-região, eles tinham 30 cenários distintos da Praça Anglo dentro do modelo virtual onde puderam escolher até 2 cenários para intervir. A biblioteca elaborada (figura 29) estava dotada de imagens dos “kalungas” realizando atividades que casavam com os espaços qualificados, para acessá-la é necessário clicar no ícone em vermelho

na parte inferior da tela. Para verificar todos os modelos de kalungas, basta ir arrastando para o lado esquerdo da tela com o mouse, e para o direito caso queira retornar aos que já visualizou. É possível excluir um kalunga inserido na cena equivocadamente, clicando encima da imagem e no botão representado com o ícone da lixeira.

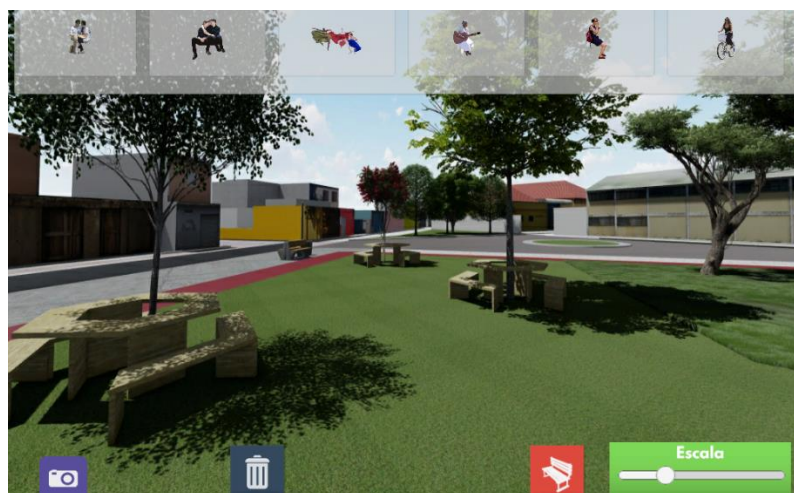


Figura 29: Interface mostrando a Biblioteca de Kalungas

Fonte: Motivação, 2024.

É importante ressaltar que é possível ajustar a escala dos kalugas para adaptar melhor à cena. Com o cenário finalizado (figura 30), basta clicar no ícone da câmera e salvar a imagem.

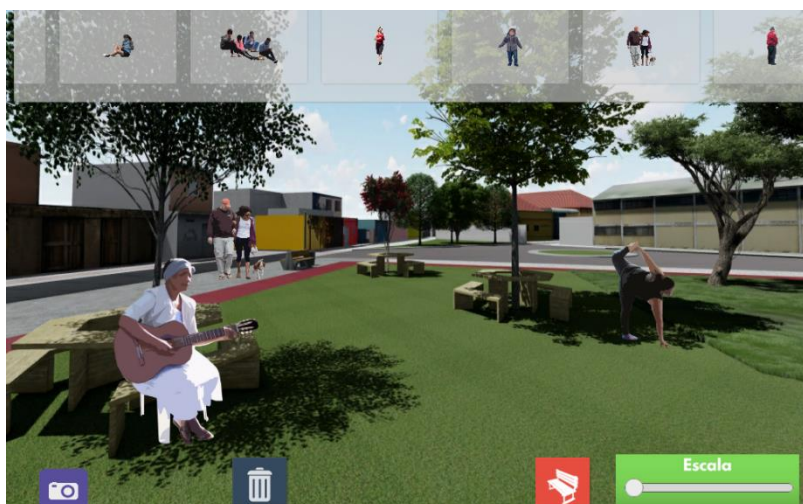


Figura 30: Interface cenário editado

Fonte: Motivação, 2024

Após a imagem ser finalizada, foi perguntado a cada um dos moradores se o ambiente virtual estava fiel ao ambiente real e como eles viam as mudanças realizadas no terreno da Praça.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da aplicação dos instrumentos metodológicos definidos no percurso da pesquisa, com ênfase no Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP) e na ferramenta MotivAção. A análise dos dados busca evidenciar as percepções, memórias e expectativas da comunidade em relação ao espaço da Praça Anglo, permitindo compreender o potencial de apropriação e pertencimento associados a esse território.

A etapa de resultados está organizada em duas partes principais. A primeira contempla os achados do DRUP, estruturados a partir de entrevistas, registros gráficos e sistematizações coletivas, que possibilitaram identificar as demandas gerais e específicas das diferentes regiões do entorno do Campus Anglo. Essa abordagem qualitativa e quantitativa permitiu observar padrões de uso e de percepção, destacando tanto aspectos positivos quanto fragilidades da área em estudo.

A segunda parte apresenta os resultados da aplicação do MotivAção, adaptado como recurso tecnológico de apoio à participação comunitária. Nessa etapa, foram apresentados e analisados os cenários projetados pelos moradores e suas proposições de transformação do espaço, o que contribuiu para ampliar a reflexão sobre a requalificação da praça e para avaliar a eficácia da ferramenta enquanto suporte a processos participativos em arquitetura e urbanismo.

Os resultados são discutidos à luz do referencial teórico previamente estabelecido, relacionando conceitos como apropriação, sentido de lugar e extensão universitária com os dados empíricos levantados. Dessa forma, busca-se integrar a dimensão prática da investigação com os fundamentos teóricos, assegurando coerência entre os objetivos da pesquisa e os achados apresentados.

### **5.1 Resultados do DRUP**

A aplicação do Diagnóstico Rápido Urbano Participativo (DRUP) permitiu a coleta de informações sistematizadas sobre as condições urbanas, ambientais e sociais da área de influência da futura Praça Anglo. O instrumento foi estruturado em etapas que contemplaram entrevistas com moradores, mapeamentos coletivos e registros fotográficos, possibilitando um levantamento abrangente da percepção comunitária sobre o espaço.

Assim, foram aplicadas dentro das sub-regiões um total de 118 entrevistas conduzidas a partir do questionário que abordou as temáticas: Arborização do entorno, iluminação pública, infraestrutura, transporte público, uso do terreno, segurança e disponibilidade e manutenção de áreas verdes.

- Região A - Porto (Laranja): 20 entrevistas (241 domicílios);
- Região B - Ocupação Marinha (Verde): 4 entrevistas (15 domicílios);
- Região C - PAC Anglo (Rosa): 10 entrevistas (164 domicílios);
- Região D - Balsa (Roxo): 47 entrevistas (686 domicílios);
- Região E - Ambrósio Perret (Azul): 19 entrevistas (511 domicílios);
- Região F - Condomínio Simon Bolívar: 6 entrevistas (120 domicílios);
- Região G – Condomínio Moradas Porto: 12 entrevistas (240 domicílios).

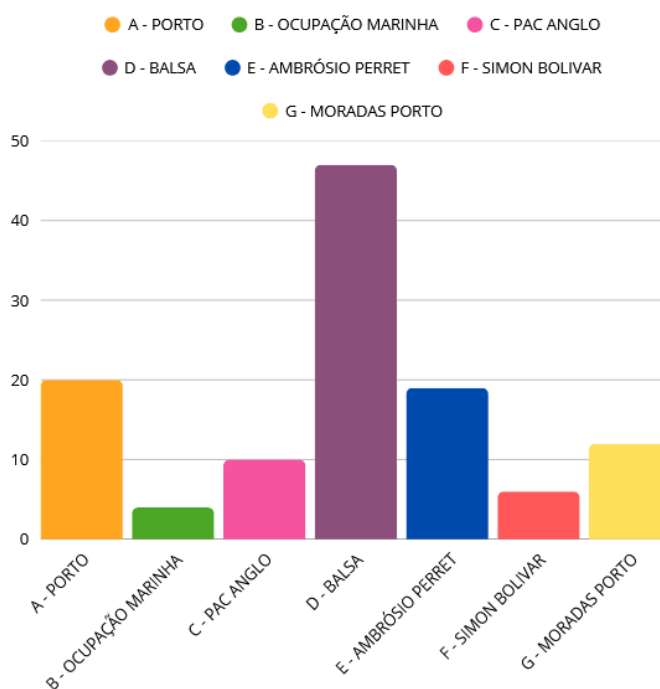


Figura 31: Percentual de entrevistas por região  
Fonte: Autora, 2025

### 5.1.1 Análise e Resultados Gerais da Áreas

Os dados obtidos revelaram que os bairros adjacentes ao Campus Anglo compartilham características socioespaciais semelhantes, embora apresentem especificidades decorrentes de suas histórias de ocupação e da relação estabelecida com o antigo Frigorífico Anglo. A análise dos gráficos e quadros resultantes evidencia tanto as demandas objetivas da população, relacionadas

à infraestrutura urbana, quanto os valores subjetivos vinculados à memória e ao pertencimento.

Entre os principais pontos observados, destacam-se:

- **Tempo de moradia:** grande parte dos entrevistados reside há mais de dez anos na região, o que indica vínculos duradouros com o território e fortalece o apego ao lugar;

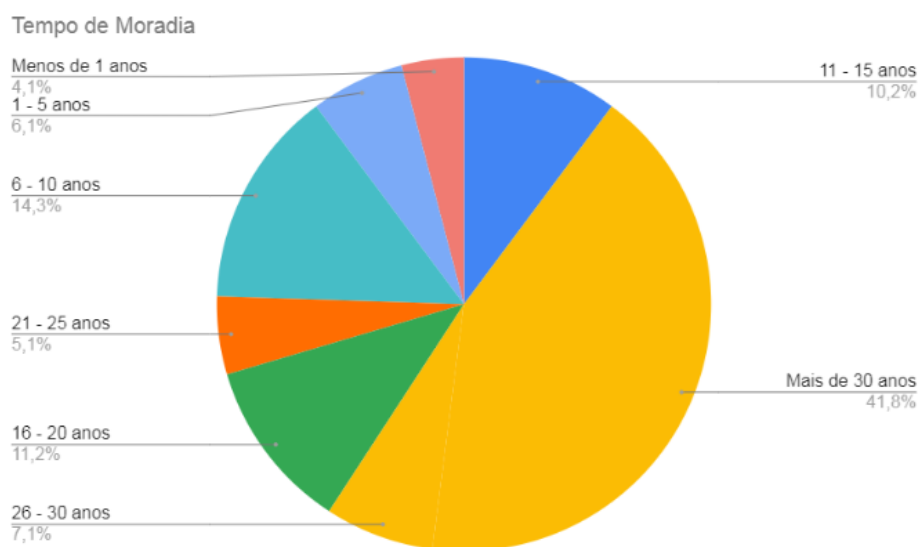


Figura 32: Gráfico do tempo de moradia  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

- **Uso das áreas verdes:** identificou-se que os espaços disponíveis são subutilizados, em razão da falta de infraestrutura adequada, da insegurança e da ausência de manutenção;

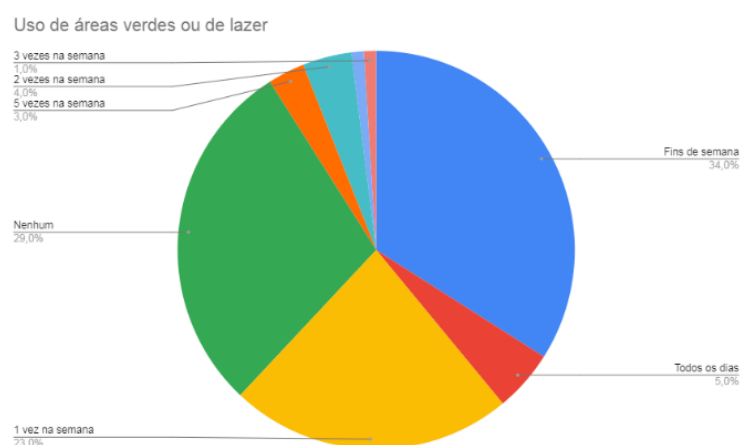


Figura 33: Gráfico do uso de áreas verdes ou de Lazer  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

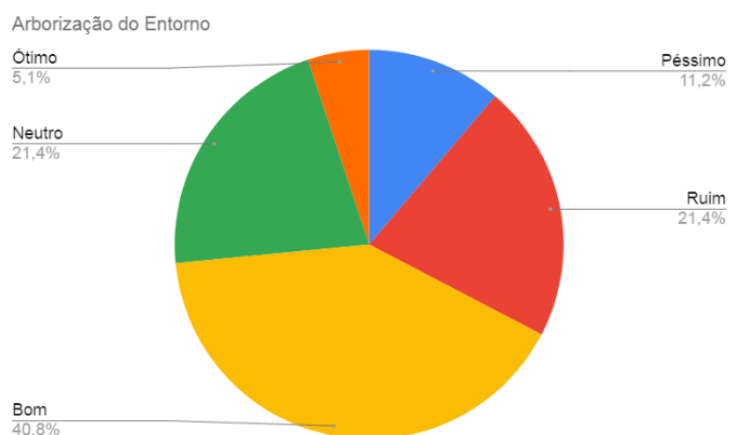


Figura 34: Gráfico das condições de arborização do entorno dos bairros em geral

Fonte: NAURB e Proplan, 2023

- **Percepção da iluminação pública:** o déficit de iluminação foi apontado como um dos principais fatores de insegurança, sobretudo no período noturno;

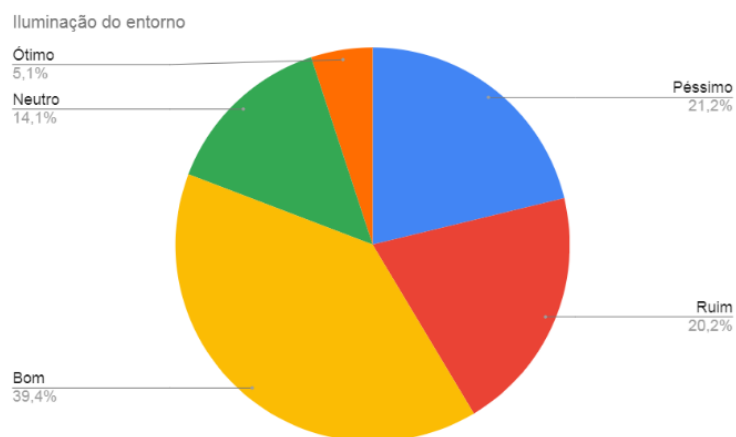


Figura 35: Gráfico da Iluminação do entorno

Fonte: NAURB e Proplan, 2023

- **Memória coletiva:** muitos moradores associam o terreno à antiga função de lazer comunitário existente antes da instalação do campus, reforçando o desejo de ressignificação do espaço por meio de sua requalificação;
- **Expectativas em relação à praça:** emergiram demandas por áreas de convivência intergeracional, espaços esportivos, locais para atividades culturais e de extensão universitária.

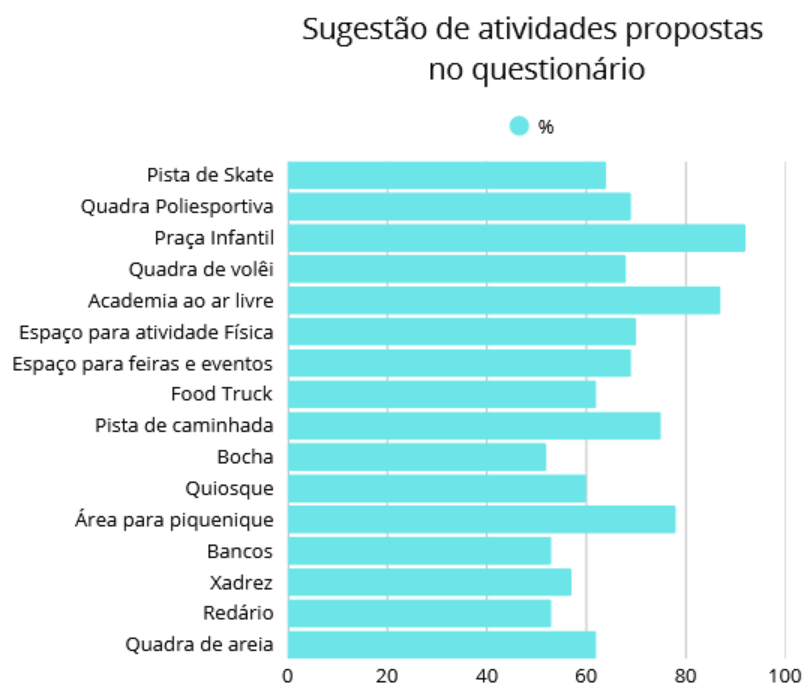


Figura 36: Gráfico das atividades propostas no questionário  
Fonte: Autora, 2025

A sistematização das respostas permitiu identificar padrões de apropriação simbólica e lacunas de infraestrutura urbana que orientam a formulação de recomendações. Observa-se que, mesmo em meio a condições físicas adversas, a comunidade atribui à área um forte valor afetivo, o que evidencia a relevância da proposta de requalificação enquanto oportunidade de reconstrução do pertencimento e do fortalecimento das relações entre universidade e o entorno e da identificação de potenciais para atividades de extensão universitária.

A análise consolidada dos dados do DRUP revelou um conjunto de aspectos recorrentes nos bairros, permitindo a identificação de padrões comuns que caracterizam a relação da comunidade com o espaço urbano. Esses resultados gerais apontam tanto fragilidades estruturais quanto potencialidades sociais e culturais que devem ser consideradas no processo de requalificação da Praça Anglo.

Do ponto de vista da infraestrutura urbana, foram destacados problemas relacionados à arborização, à iluminação pública e ao acesso a áreas de lazer. Os gráficos produzidos a partir das entrevistas evidenciam que a maioria dos moradores percebe uma insuficiência de espaços verdes qualificados, situação

agravada pelo acúmulo de entulhos e lixo (figura 37) no terreno destinado à praça.

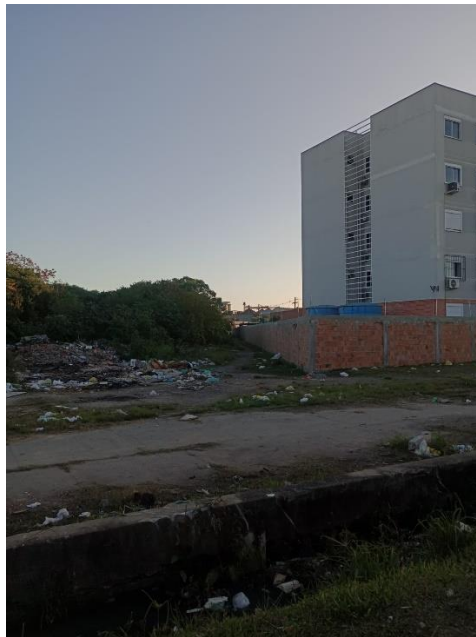


Figura 37: Acúmulo de lixo e entulhos no espaço destinado à Praça Anglo  
Fonte: Autora, 2025

A precariedade na iluminação também foi apontada de forma recorrente, associada diretamente à sensação de insegurança, sobretudo no período noturno. Aproximadamente 88% dos entrevistados responderam que utilizariam o espaço à noite caso fosse requalificado com a infraestrutura adequada.



Figura 38: Gráfico da utilização do espaço durante a noite  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

No que se refere à utilização dos espaços coletivos, verificou-se que, embora existam áreas com potencial para lazer e convivência, sua apropriação é limitada. A ausência de equipamentos básicos, como bancos, quadras esportivas e brinquedos infantis, somada à degradação física, contribui para a baixa frequência da população. Essa realidade faz com que a população se desloque dos bairros a procura de outros espaços que contenham áreas verdes de lazer e reforça a necessidade de que a futura praça seja planejada como espaço multifuncional, capaz de atender diferentes faixas etárias e perfis de usuários correspondendo às necessidades comuns.

Em relação às memórias e percepções comunitárias, observa-se a presença de um vínculo afetivo significativo com o local (figura 39). Muitos moradores recordam práticas anteriores, como jogos de futebol, encontros sociais e atividades culturais realizadas na área quando ainda era utilizada de forma espontânea pela comunidade.

Recorda o Uso do Terreno

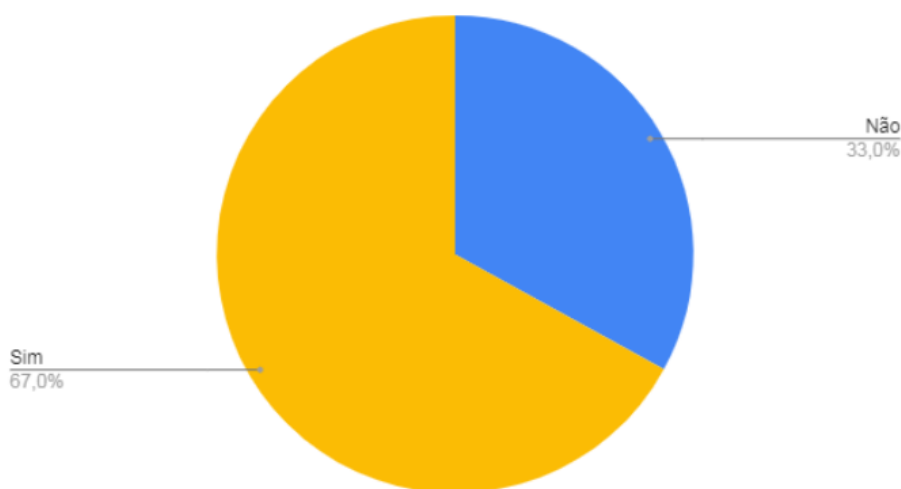


Figura 39: Gráfico da memória sobre o uso anterior do terreno  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

Essa memória coletiva constitui um importante ativo simbólico, pois revela o desejo de ressignificação do espaço, transformando-o novamente em lugar de encontro e pertencimento.

No campo das expectativas futuras, os participantes destacaram demandas voltadas para atividades esportivas, culturais e de extensão universitária. A comunidade demonstrou interesse em estabelecer maior proximidade com a universidade, desde que as ações ocorram em ambiente

acessível, seguro e convidativo ao convívio. Essa abertura evidencia o potencial do espaço como ponte de interação entre universidade e sociedade, em consonância com o papel social da extensão universitária.

Assim, os resultados gerais do DRUP permitem afirmar que a requalificação da Praça Anglo deve ser orientada por dois eixos complementares: (i) melhorias estruturais, que assegurem condições adequadas de uso e que possibilitem atividades extensionistas, e (ii) valorização dos vínculos afetivos e sociais, fundamentais para consolidar o sentimento de pertencimento e promover a efetiva integração entre universidade e comunidade.

A maioria dos terrenos nas regiões estudadas é destinada ao uso residencial, com algumas áreas utilizadas para comércio e lazer. No entanto, problemas de infraestrutura e insuficiência de transporte público, principalmente na região da Balsa (Região D - Roxo), são uma preocupação comum, a presença de uma má pavimentação das ruas afeta negativamente a mobilidade e a segurança dos moradores. Alguns pontos positivos e negativos foram levantados pela população relacionados às áreas gerais do entorno ao terreno. Foram geradas nuvens de palavras contendo os aspectos positivos e negativos em relação à grande região e às áreas verdes frequentadas pelos entrevistados. Inicialmente as respostas foram colocadas de forma geral, sem conter a categorização por região, possibilitando uma leitura generalizada sobre as questões apresentadas.



Figura 40: Nuvem de palavras dos pontos negativos dos bairros em geral  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

De modo geral, as entrevistas também evidenciaram aspectos positivos compartilhados pelas regiões, como o sentimento de comunidade, proximidade de serviços essenciais, tranquilidade, e disponibilidade de áreas para lazer.



Figura 41: Nuvem de palavras dos pontos positivos dos bairros em geral  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023

No entanto, referente às áreas verdes dos bairros, os moradores destacaram pontos negativos, tais quais: problemas de infraestrutura, iluminação insuficiente, e insegurança nestas áreas verdes durante a noite.



Figura 42: Nuvem de palavras dos pontos negativos referente as áreas verdes dos bairros em geral  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023

Assim como destacaram pontos positivos dos bairros em geral referente às áreas verdes:



Figura 43: Nuvem de palavras dos pontos positivos dos bairros em geral referente as áreas verdes  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

Como pontos positivos sobre a grande região, destacam-se as palavras vizinhança, pavimentação e tranquilidade. Em contrapartida, como aspectos negativos, são evidenciadas as palavras limpeza, iluminação e segurança. É possível notar uma certa tendência a homogeneidade das respostas negativas, tendo em vista que não há grande diferença entre o tamanho das palavras, diferente das três principais palavras nos pontos positivos, que apresentam um maior destaque em comparação com as demais, indicando uma maior incidência.

Onde encontra-se a nuvem de palavras que se refere aos pontos positivos e negativos das áreas verdes e de lazer, é possível identificar o movimento oposto: uma leve evidência na palavra sombra, nos pontos positivos, em comparação com o destaque das palavras limpeza, principalmente, segurança e infraestrutura, levantadas como pontos negativos. Além disso, chama atenção da palavra nada que aparece na nuvem de pontos negativos.

### **5.1.2 Resultados Específicos por Região**

#### **Sub-região A - Bairro Porto**

Os resultados do DRUP aplicados no bairro Porto evidenciam um quadro de contrastes entre fragilidades urbanas e potencialidades sociais. A análise das nuvens de palavras construídas a partir das entrevistas revelou que os principais aspectos positivos (figura 44) associados ao bairro estão relacionados à proximidade com a área central da cidade e à identidade histórica do território, marcada pela presença do antigo Frigorífico Anglo.



Figura 44: Nuvem de palavras dos pontos positivos do bairro Porto  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023

Os moradores destacaram ainda o sentimento de pertencimento à comunidade, evidenciado pela forte memória coletiva sobre o uso anterior da área como espaço de lazer.

Por outro lado, os aspectos negativos (figura 45) mais recorrentes referem-se à insegurança, especialmente vinculada à insuficiência da iluminação pública e à degradação dos espaços abertos. A ausência de equipamentos de lazer e a precariedade da infraestrutura urbana foram apontadas como fatores que limitam a apropriação comunitária e contribuem para a ociosidade de áreas potencialmente qualificáveis.



Figura 45: Nuvem de palavras dos pontos negativos do bairro Porto  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023

Em relação às expectativas sobre a futura Praça Anglo, os moradores do bairro Porto manifestaram interesse em atividades que resgatem o caráter coletivo e intergeracional do espaço, como a implantação de áreas esportivas, espaços para apresentações culturais e locais de convivência familiar. Ressalta-se também o desejo de maior integração com a universidade, desde que essa

interação se dê de maneira horizontal, respeitando as demandas da comunidade e promovendo a corresponsabilidade na gestão do espaço.

Assim, observa-se que, para o bairro Porto, a requalificação da praça assume duplo papel: de um lado, atender às necessidades objetivas de infraestrutura e segurança; de outro, resgatar a memória coletiva e valorizar o sentimento de pertencimento, fortalecendo o elo entre comunidade e universidade.



Figura 46: Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do bairro Porto

Fonte: NAURB e Proplan, 2023



Figura 47: Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do bairro Porto

Fonte: NAURB e Proplan, 2023

### **Sub-região B - Ocupação Marinha**

A aplicação do DRUP na Ocupação Marinha evidenciou um cenário marcado por vulnerabilidades socioespaciais significativas, refletidas tanto nas condições físicas do território quanto nas percepções dos moradores. As nuvens de palavras construídas a partir das entrevistas apontam como aspectos negativos (figura 48) predominantes a falta de infraestrutura básica, a precariedade habitacional e a insuficiência de equipamentos públicos, fatores

que impactam diretamente a qualidade de vida local. A insegurança também foi recorrente nas respostas, associada à ausência de iluminação adequada e à carência de espaços comunitários consolidados.

A word cloud with the following words: SEGURANÇA, ILUMINAÇÃO, SANEMAENTO BÁSICO, and MANUTENÇÃO. The words are in green and arranged in a vertical stack, with 'ILUMINAÇÃO' being the largest.

Figura 48: Nuvem de palavras dos pontos negativos da Ocupação Marinha  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

Apesar dessas fragilidades, a comunidade destacou alguns pontos positivos (figura 49), relacionados principalmente à solidariedade entre moradores e ao fortalecimento de redes de apoio no cotidiano da ocupação. Esses elementos revelam a importância do vínculo social como estratégia de resistência e como potencial para futuras iniciativas coletivas de requalificação urbana.

A word cloud with the following words: SEGURANÇA, COMÉRCIO, TRANQUILO, PROXIMIDADE DO CENTRO, SEM BARULHO, TRANSPORTE PÚBLICO, and BAIRRO. The words are in green and arranged in a vertical stack, with 'COMÉRCIO' being the largest.

Figura 49: Nuvem de palavras dos pontos positivos da Ocupação Marinha  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

No que se refere às expectativas para a Praça Anglo, os moradores da Ocupação Marinha enfatizaram o desejo de dispor de um espaço acessível e inclusivo, que possibilite o convívio entre diferentes grupos sociais. Foram mencionadas demandas específicas por áreas de lazer infantil, locais para práticas esportivas e espaços destinados a atividades culturais, capazes de estimular o pertencimento e reduzir a sensação de marginalização territorial.

Os resultados demonstram que, para a Ocupação Marinha, a requalificação da Praça Anglo pode representar não apenas a oferta de infraestrutura urbana, mas sobretudo a construção de um espaço de reconhecimento social, capaz de fortalecer a identidade comunitária e de ampliar

os canais de diálogo com a universidade. De acordo com as figuras 50 E 51, a comunidade também destacou pontos positivos e negativos referentes às áreas verdes do bairro.

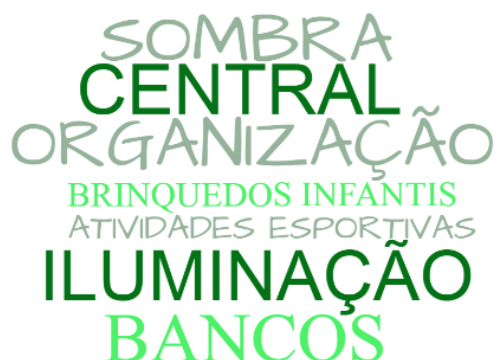


Figura 50: Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes da Ocupação Marinha  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023



Figura 51: Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes da Ocupação Marinha  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

### **Sub-região C – PAC Anglo**

A análise das nuvens de palavras geradas a partir das respostas dos moradores do PAC Anglo evidencia percepções centrais sobre os aspectos positivos da região (figura 52).

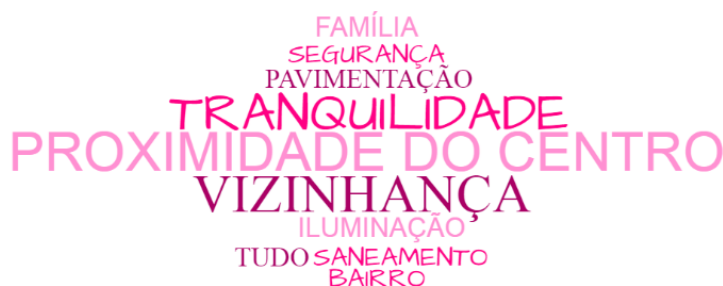


Figura 52: Nuvem de palavras dos pontos positivos do PAC Anglo  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

A proximidade do centro é valorizada pelos moradores, indicando a facilidade de acesso a serviços, comércio e oportunidades de mobilidade, o que

contribui para a integração da comunidade com o restante da cidade. O termo *vizinhança* evidencia a percepção de relações sociais consolidadas, reforçando o sentido de pertencimento e coesão comunitária.

A tranquilidade, a segurança e a iluminação são elementos destacados como essenciais para a qualidade de vida, sugerindo que os moradores atribuem grande importância à sensação de conforto e proteção nos espaços públicos. Já a presença de palavras como *família* e *bairro* indica a valorização do espaço como um ambiente familiar, acolhedor e propício à convivência comunitária.

Outros aspectos estruturais, como *pavimentação* e *saneamento*, aparecem como fatores que contribuem para a funcionalidade e organização do espaço urbano, refletindo a percepção positiva quanto à infraestrutura disponível. Por fim, o termo *tudo*, embora mais genérico, pode ser interpretado como uma síntese da satisfação geral com as condições oferecidas pelo bairro.

Esses dados revelam que os moradores do PAC Anglo associam os pontos positivos da região tanto a atributos físicos e de infraestrutura quanto a fatores sociais e comunitários, indicando áreas de potencial fortalecimento para intervenções urbanísticas e projetos de extensão voltados à melhoria do espaço público.

Em contrapartida a análise das nuvens de palavras referentes aos aspectos negativos da região evidencia preocupações específicas dos moradores quanto à infraestrutura e à segurança.



Figura 53: Nuvem de palavras dos pontos negativos do PAC Anglo  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

O termo *nada*, embora genérico, sugere que uma parcela dos moradores não identifica aspectos negativos específicos ou, de forma interpretativa, indica uma percepção de carência de elementos de lazer e infraestrutura. Já *a praça do bairro* destaca a relevância do espaço público como referência local, mas ao

mesmo tempo sugere insatisfação com sua condição ou manutenção, evidenciando uma demanda por revitalização e melhor aproveitamento.

Saneamento aparece novamente, desta vez como aspecto negativo, indicando que problemas de infraestrutura, como coleta de esgoto ou drenagem inadequada, ainda impactam negativamente a qualidade de vida da comunidade. O barulho reflete questões urbanas relacionadas à poluição sonora, possivelmente advinda do tráfego ou de atividades comerciais, comprometendo a tranquilidade percebida em outros momentos como ponto positivo.

Finalmente, a menção à drogas aponta para uma preocupação com a segurança e a convivência comunitária, indicando áreas vulneráveis que demandam atenção tanto de políticas públicas quanto de projetos de extensão universitária que possam fomentar a integração social e a prevenção de riscos.

Essa análise revela que os pontos negativos do PAC Anglo estão concentrados em questões de infraestrutura, segurança e lazer, oferecendo subsídios importantes para futuras intervenções urbanísticas e ações comunitárias voltadas à melhoria da qualidade de vida dos moradores. A comunidade também destacou pontos positivos e negativos das áreas verdes de lazer do bairro conforme as figuras 54 e 55.



ATIVIDADES ESPORTIVAS  
BRINQUEDOS INFANTIS  
TRANQUILIDADE  
NATUREZA  
TUDO

Figura 54: Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do PAC Anglo

Fonte: NAURB e Proplan, 2023



LIMPEZA  
NADA

Figura 55: Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do PAC Anglo

Fonte: NAURB e Proplan, 2023

### **Sub-região D – Balsa**

A análise das nuvens de palavras referentes aos pontos positivos do bairro Balsa revela percepções dos moradores ligadas tanto à infraestrutura urbana quanto à presença de equipamentos educacionais e à qualidade de vida.

A menção à faculdade e à educação destaca a importância dos equipamentos educacionais para a comunidade, sugerindo que a presença da universidade fortalece a identidade do bairro e amplia oportunidades de aprendizado e integração social. A segurança e a tranquilidade aparecem como elementos centrais da percepção positiva, indicando que os moradores valorizam a sensação de proteção e a qualidade de vida proporcionada pelo ambiente urbano no bairro.

Aspectos de infraestrutura, como saneamento básico, pavimentação e iluminação, são destacados como fatores que contribuem para a funcionalidade e o conforto do bairro, reforçando a percepção de organização e cuidado com os espaços públicos. A menção a *área central*, *vizinhança* e *comércio* evidencia a conveniência e a integração do bairro com o restante da cidade, facilitando o acesso a serviços e fortalecendo o senso de comunidade.

Palavras como *tudo* e *saúde* refletem a satisfação geral com as condições oferecidas pelo bairro e a valorização de serviços de saúde e bem-estar. Essa combinação de fatores revela que os moradores do bairro Balsa percebem sua localidade de forma positiva não apenas pelo acesso a infraestrutura e serviços, mas também pela qualidade de vida e pelo ambiente social propício à convivência.

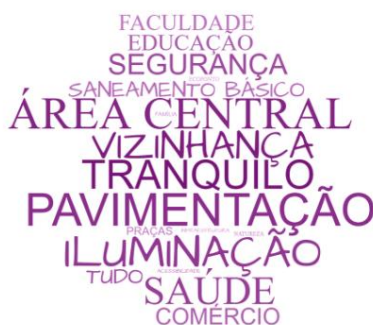


Figura 56: Nuvem de palavras dos pontos positivos do bairro Balsa  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

A nuvem de palavras referente aos aspectos negativos do bairro Balsa evidencia preocupações dos moradores relacionadas à infraestrutura urbana, à segurança e à oferta de serviços básicos. A presença de termos como iluminação, pavimentação e saneamento básico indica que, embora a infraestrutura seja considerada positiva em outros aspectos, ainda existem deficiências que afetam diretamente a circulação, a segurança e o conforto dos

moradores. A recorrência de segurança evidencia preocupações com a proteção individual e coletiva, sugerindo que áreas vulneráveis ou a presença de práticas de risco impactam negativamente a percepção do bairro.

Palavras como saúde, educação e infraestrutura refletem a percepção de carência ou insatisfação com a oferta e a manutenção de serviços públicos essenciais, enquanto *animais* indica problemas com animais soltos que causam desordem em espaços públicos. *Limpeza* e *sinalização* apontam para questões de manutenção urbana e organização do espaço, destacando a importância de políticas de gestão eficazes e de projetos de extensão voltados à melhoria do ambiente urbano e a conscientização ambiental. Essa análise mostra que os pontos negativos do bairro Balsa estão concentrados em deficiências de infraestrutura, serviços urbanos e segurança, oferecendo subsídios importantes para futuras intervenções que busquem equilibrar a percepção positiva e negativa da comunidade e melhorar a qualidade de vida no bairro.



Figura 57: Nuvem de palavras dos pontos negativos do bairro Balsa  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

A comunidade também destacou pontos positivos e negativos referentes à áreas verdes do bairro.



Figura 58: Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do bairro Balsa  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023



Figura 59: Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do bairro Balsa

Fonte: NAURB e Proplan, 2023

### **Sub-região E – Ambrósio Perret**

A análise das nuvens de palavras referentes aos aspectos positivos do bairro Ambrósio Perret evidencia percepções dos moradores relacionadas à qualidade de vida, infraestrutura urbana e conveniência de localização. A valorização da tranquilidade e da segurança reflete a percepção dos moradores quanto à sensação de proteção e conforto nos espaços urbanos, enquanto a presença de praças, sombra e espaço para as crianças indica a importância de áreas de lazer e convivência familiar. Esses elementos sugerem que o bairro é percebido como adequado para atividades comunitárias e para a qualidade de vida de diferentes faixas etárias.

Termos como transporte público, próximo ao centro, comércio e faculdade destacam a conveniência da localização, indicando que o acesso a serviços, equipamentos educacionais e mobilidade urbana é um aspecto valorizado pelos moradores. A menção a pavimentação, iluminação e saúde evidencia a percepção positiva quanto à infraestrutura básica, que contribui para a funcionalidade, conforto e bem-estar da população.

Além disso, a palavra vizinhança reforça o sentido de pertencimento e coesão social, demonstrando que relações comunitárias consolidadas são um fator determinante na avaliação positiva do bairro.

Em síntese, os moradores do bairro Ambrósio Perret associam os pontos positivos da região a qualidade de vida, acessibilidade, infraestrutura urbana adequada e espaços de convivência social, aspectos que podem orientar futuras intervenções urbanísticas e projetos de extensão voltados à melhoria e à valorização do bairro.

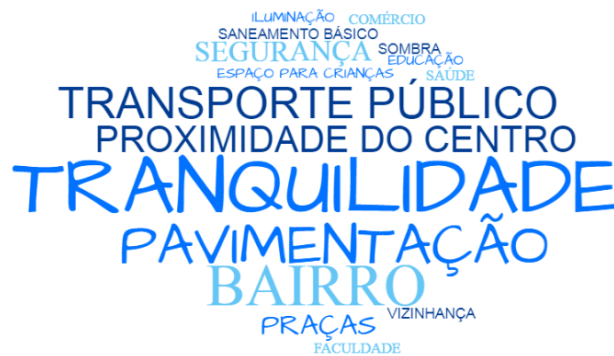


Figura 60: Nuvem de palavras dos pontos positivos do bairro Perret  
Fonte: NAURB e Proplan, 2023

A análise das nuvens de palavras referentes aos aspectos negativos do bairro Ambrósio Perret evidencia preocupações dos moradores relacionadas à infraestrutura urbana, serviços públicos e condições de convivência. Termos como iluminação, sinalização de trânsito, saneamento básico e infraestrutura indicam deficiências percebidas na manutenção de equipamentos urbanos e na funcionalidade do espaço público, impactando diretamente a segurança e o conforto da comunidade. A menção à vizinhança sugere problemas nas relações comunitárias ou conflitos locais por parte dos moradores, enquanto manutenção e limpeza refletem a percepção de negligência na conservação dos espaços públicos.

Preocupações com mobilidade e transporte público evidenciam limitações no acesso e na circulação dentro do bairro, afetando a integração com outras áreas da cidade. Já termos como animais, barulho e áreas de lazer apontam para problemas na utilização e aproveitamento de espaços coletivos, indicando a necessidade de atenção em políticas de gestão urbana e planejamento de atividades comunitárias.

Em síntese, os pontos negativos do bairro Ambrósio Perret concentram-se em infraestrutura deficiente, manutenção insuficiente, questões de mobilidade e convivência social, oferecendo subsídios para intervenções que busquem equilibrar a percepção positiva e negativa da comunidade.

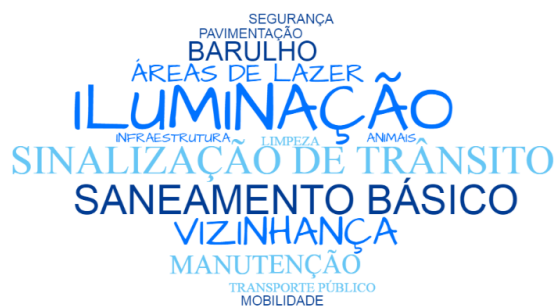


Figura 61: Nuvem de palavras dos pontos negativos do bairro Perret  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023

A comunidade do bairro Ambrósio Perret também evidenciou pontos positivos e negativos referentes às áreas verdes do bairro.



Figura 62: Nuvem de palavras dos pontos positivos das áreas verdes do bairro Perret  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023



Figura 63: Nuvem de palavras dos pontos negativos das áreas verdes do bairro Perret  
 Fonte: NAURB e Proplan, 2023

### **Sub-região F – Conjunto Habitacional Simon Bolivar e Sub-região G – Conjunto Habitacional Moradas Porto**

As sub-regiões que contemplam os conjuntos habitacionais Simon Bolivar e Moradas Porto localizados um ao lado do outro, possuem as mesmas percepções sobre os pontos positivos e negativos da localização. Os moradores valorizam principalmente a proximidade à universidade, a presença de transporte público próximo, a proximidade à área central da cidade, o comércio e a infraestrutura.

A proximidade à universidade é destacada como um fator de valorização, indicando que os moradores percebem benefícios relacionados à educação, mobilidade acadêmica e integração entre comunidade e instituição de ensino. O transporte público próximo e a proximidade à área central reforçam a importância da acessibilidade e da conectividade urbana, elementos essenciais para facilitar o deslocamento diário e o acesso a serviços e oportunidades na cidade.

O comércio é citado como ponto positivo, evidenciando que a presença de estabelecimentos comerciais contribui para a conveniência e para o dinamismo da região, oferecendo serviços essenciais e oportunidades de interação social. Por fim, a menção à infraestrutura indica que os moradores percebem o bairro como equipado com serviços básicos e elementos urbanos que garantem funcionalidade e conforto.

Em síntese, os pontos positivos identificados nas sub-regiões Simon Bolívar e Moradas Porto estão centrados na localização estratégica, acessibilidade e infraestrutura, aspectos que reforçam a integração da comunidade com o entorno urbano e com a universidade, oferecendo subsídios importantes para a definição de políticas de planejamento e intervenções comunitárias.

Os pontos negativos relatados pela comunidade dos conjuntos habitacionais, evidencia preocupações dos moradores principalmente em relação à segurança, à iluminação, às áreas ociosas e ao esgoto aberto.

A menção à segurança revela que os moradores percebem vulnerabilidades relacionadas à proteção pessoal e à convivência comunitária, indicando a necessidade de políticas públicas que promovam segurança e prevenção de riscos. A iluminação insuficiente é identificada como fator que compromete a sensação de segurança e o aproveitamento adequado dos espaços públicos durante o período noturno.

As áreas ociosas, muitas vezes mal aproveitadas ou degradadas, são vistas como um aspecto negativo, sugerindo oportunidades para intervenções urbanísticas e projetos comunitários que transformem esses espaços em locais de convivência e lazer. Por fim, o esgoto aberto refere-se ao mal cheiro advindo do canal pepino, impactando diretamente no bem-estar e a qualidade de vida dos moradores.

Esses dados indicam que os pontos negativos das sub-regiões Simon Bolívar e Moradas Porto se concentram em questões de segurança, infraestrutura urbana deficiente e má utilização do espaço público, oferecendo subsídios importantes para ações de planejamento urbano, revitalização de áreas ociosas como a da Praça Anglo e melhorias nos serviços básicos da comunidade.

#### **5.1.4 Recomendações**

A análise da composição populacional e das necessidades específicas de cada região, revelam uma complexa realidade urbana com variações significativas entre elas. No entanto, a partir das percepções dos moradores, é possível embasar a formulação de medidas que melhorem a qualidade de vida dos residentes, promovam a inclusão social e garantam a sustentabilidade dos espaços urbanos. Essas políticas devem ser adaptadas às características únicas de cada região, garantindo que todas as áreas se beneficiem de forma equitativa das melhorias propostas. A melhoria da infraestrutura nas comunidades envolve diversas ações interconectadas. Primeiramente, é crucial aumentar a iluminação pública nas regiões, visando aprimorar a segurança e incentivar o uso das áreas verdes durante o período noturno. No âmbito da segurança pública, é imperativo intensificar o policiamento nas áreas verdes e espaços públicos, especialmente à noite, para garantir que esses locais sejam utilizados com tranquilidade. Adicionalmente, para promover a inclusão social, devem ser desenvolvidos programas comunitários que fomentem a interação social e o senso de pertencimento, tais como eventos culturais e esportivos nas áreas de convívio social. A acessibilidade através do transporte público também requer aprimoramento, facilitando o deslocamento entre as diferentes regiões e melhorando a integração das áreas mais isoladas. Além disso, a participação ativa dos moradores no planejamento e na implementação das melhorias é fundamental, assegurando que suas necessidades e sugestões sejam devidamente consideradas. Paralelamente, a implementação de projetos de plantio de árvores é essencial, em regiões onde a arborização é insuficiente. A conscientização sobre a importância da arborização e da preservação dos espaços públicos pode ser alcançada por meio de programas de educação

ambiental, garantindo que a comunidade valorize e mantenha esses espaços essenciais para a qualidade de vida.

## 5.2 Resultados do MotivAção

A metodologia MotivAção foi aplicada com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre as percepções e expectativas da comunidade em relação ao terreno destinado à implantação da praça. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete participantes, sendo um morador de cada sub-região previamente delimitada. Cada encontro teve duração média de 1 hora, o que possibilitou um diálogo mais aprofundado sobre diferentes aspectos vinculados ao espaço em estudo.

As entrevistas foram organizadas em três etapas cronológicas — *passado*, *presente* e *futuro* — de modo a abarcar tanto as memórias e experiências anteriores ao uso atual do terreno, quanto as percepções contemporâneas e as projeções para seu potencial de transformação.

Na **etapa Passado**, buscou-se resgatar as memórias relacionadas ao terreno onde se pretende implantar a praça, investigando se os entrevistados possuíam recordações sobre o local antes de ser incorporado pela universidade ou antes de ser tomado pela vegetação densa. Esse exercício de memória coletiva possibilitou compreender a carga simbólica do espaço, assim como os vínculos afetivos estabelecidos ao longo do tempo.

Na **etapa Presente**, o enfoque foi a legibilidade urbana, com base nos conceitos de Lynch (1960) — caminhos, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Para cada um desses elementos, foram formuladas perguntas específicas: (i) *Caminhos*: quais são os principais percursos dentro do bairro?; (ii) *Limites*: em que ponto se define o início e o fim do bairro?; (iii) *Bairros*: quais seriam os possíveis usuários da praça?; (iv) *Pontos nodais*: quais são os principais pontos de encontro do bairro?; (v) *Marcos*: quais são os pontos de referência mais significativos da região? Como recurso metodológico adicional, foi disponibilizado um mapa com as macro-regiões destacadas, no qual os entrevistados puderam identificar visualmente esses elementos por meio da fixação de pinos coloridos. Ao término dessa etapa, foram também apresentados os resultados obtidos na metodologia anterior (DRUP), referentes aos pontos

positivos e negativos identificados em cada bairro, a fim de verificar o grau de concordância dos moradores com as percepções já levantadas.

Por fim, a **etapa Futuro** buscou identificar os anseios e expectativas da comunidade em relação à praça, questionando os entrevistados sobre como visualizavam o espaço e quais atividades desejariam que fossem incorporadas. Para subsidiar as respostas, foi apresentada uma lista de atividades previamente levantadas nos questionários aplicados pela metodologia DRUP, o que possibilitou cotejar as preferências individuais com as propostas coletivas. Em seguida, disponibilizou-se um mapa com o terreno da praça destacado, no qual os participantes puderam realizar desenhos à mão livre, representando a espacialização das atividades desejadas (ou sua setorização), de acordo com as necessidades e expectativas identificadas.

As informações levantadas durante as entrevistas constituíram a base para a configuração de cenários virtuais no aplicativo MotivAção, desenvolvido com o intuito de ampliar a participação comunitária no processo de projeto. Nessa etapa, os moradores puderam se inserir nas cenas ou inserir outras pessoas por meio do uso de “kalungas” — figuras ilustrativas que representavam indivíduos engajados em diferentes atividades. Esse recurso possibilitou traduzir as ideias coletivas em representações visuais interativas, facilitando a compreensão espacial e fortalecendo o caráter participativo da proposta.

### **5.2.1 Análise dos cenários construídos**

#### **Homem, 64 anos:**

*“ Eu lembro daquele espaço antes da universidade, era sempre limpo, nós mesmo que trabalhamos na prefeitura vivíamos limpando ali, e agora limpamos muito mais e parece não ser suficiente. Tem muito bicho ali naquele terreno, junta muito mosquito e aquele espaço necessita sim que a Federal de um jeito, fazendo uma praça a comunidade aqui da volta poderia aproveitar. Mas tem um detalhe muito importante, a comunidade ela também tem que ajudar, a manter limpo né. Quanto a Perret, nós perdemos um campo que tinha ali de futebol, onde as crianças jogavam bola e hoje eu olho ali e sinto muita tristeza, porque não sei, se por ganancia. Então nós estamos perdendo espaço esportivo para as crianças, estamos perdendo muito! E no que que resulta isso, resulta que as*

*crianças não tem opções e acabam jogando bola no meio da rua, na Perret ali tá muito difícil, eles não tem mais onde se divertir, nem aqui (na balsa), nem na Ambrósio Perret. Ba, eu fico muito triste! Se não tem onde essa futura geração se divertir, isso vai levar eles para o mau caminho. O governo municipal tinha que olhar mais por essa parte, não é só as crianças, também para os adultos, tomar chimarrão. Nós temos exemplo ali da Perret sobre os acumulos de lixo, os moradores próximos ali do campo transformaram, onde se botava lixo, colocaram uns pneus e se criou uma espécie de jardim, então ninguém tá botando lixo ali. A comunidade ali se reuniu e trancou esse negócio de lixo, fica muito feio isso aí. Antes nós limpávamos num dia e botavam lixo no outro. A comunidade tem que trabalhar com consciência, eles tem que ter consciência, porque se colcar lixo, vai gerar muito problema, vai gerar mosquito, vai gerar doença, vai acumular rato, tudo isso aí. Aqui na frente é o Ecoponto, durante os domingos não funciona, as pessoas põem o lixo no terreno ao lado do ecoponto. Eu acho que a melhor coisa a se fazer é aprender a cuidar da natureza nas escolas, é ensinar as crianças a ver o quanto é importante cuidar. Tenho amigos que vem de outro estado e olham e dizem, mas tem tanto lixo aqui, até na rua principal. Alguns dizem que é cultura, mas acho que não é. Como as crianças vão ter uma boa educação se eles não tem onde se divertir? Se tiver uma área de lazer na comunidade essas gerações que vem agora, vão aprender a cuidar mais, fazer exercícios também é muito bom pra criança ter a mente cheia de coisas boas. Eu me criei ali praticamente, na Perret, na Balsa, nós tínhamos o campo de futebol ali, o campo do Nacional, era muito bom, todos os domingos tinha jogo. Depois começaram a botar lixo, e no meio daquilo ali tem cobras, cansamos de ver cobras venenosas ali, imagina só, ali tá se criando um viveiro para bichos. Falta uma atenção de muitas partes para aquele lugar. As pessoas precisam ter consciência, nós tiramos aqui da região em torno de 6 a 7 caçambas de lixo por dia, é muito lixo. Imagina se não passasse o lixeiro (...) Há necessidade urgente de uma área de lazer, tanto aqui na área do Anglo, quanto ali na Perret. A gente perde tanto tempo com muitas coisas e não cuida do futuro da geração, os que vão ficar, o que vai ser deles? O que a gente vai deixar para eles? No Planeta, na cidade...tem que começar agora!”*

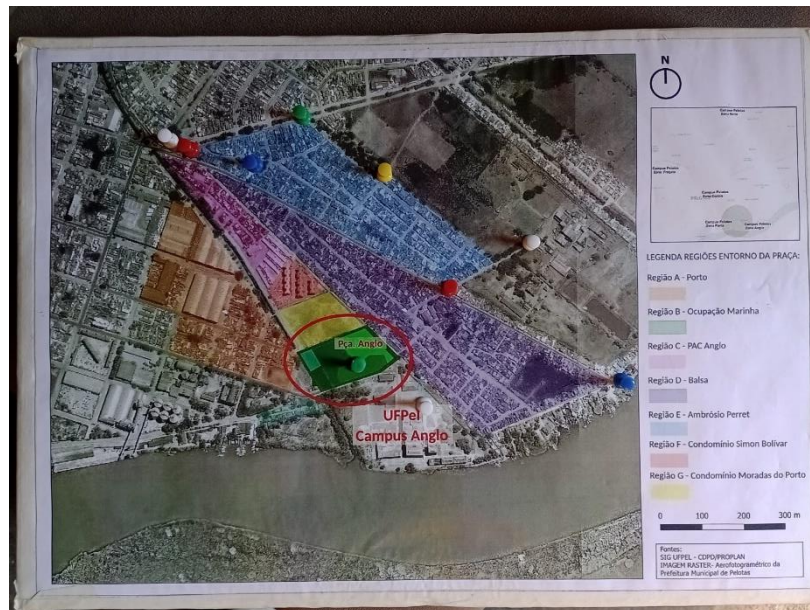


Figura 64: Mapa da legibilidade entrevistado 1  
 Fonte: Fonte: Naurb/ Proplan, adaptado, 2025

O entrevistado usou pinos brancos para identificar os marcos, pinos amarelo para o ponto nodal, pinos vermelhos para os limites, pinos azuis para marcar os possíveis usuários da futura praça, se referindo ao bairro Ambrósio Perret e Balsa, e por fim utilizou os pinos para representar os caminhos.



Figura 65: Mapa de setorização entrevistado 1  
 Fonte: Fonte: Naurb/ Proplan, adaptado, 2025

Dentro do mapa de setorização das atividades, o entrevistado sugeriu, quadra de bocha, academia ao ar livre, área de chimarrão e pracinha infantil. Ao finalizar a contribuição para a pesquisa, o morador respondeu que visualizava o

espaço da praça como um potencial para incentivar a nova geração de jovens a cuidar mais dos espaços, da cidade e do meio ambiente.



Figura 66: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 1  
Fonte: MotivAção, 2025



Figura 67: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 1  
Fonte: MotivAção, 2025

**Homem, 54 anos:**

“ A minha memória desse lugar é a melhor possível né, me lembra meu tempo de infância, hoje eu com 54 anos, mas quando tinha uns 14 ou 16 anos por aí, jogava bola nesse campo de futebol. Tinham dois campos de futebol de 11, o campo do Fiação e do Nacional, e sem contar a área de lazer né, era uma área que a gente conseguia manter limpa, o pessoal vinha no final de tarde no final de semana tomar seu chimarrão, trazia sua churrasqueira e fazia o seu churrasco né, uma área verde, uma área boa. As crianças ficavam soltas né, crescendo e brincando ao ar puro, aproveitando com mais oportunidade de lazer que hoje em dia. Hoje se tornou uma área bem perigosa né, a lembrança de saber como era antes e olhar o como está hoje, é realmente uma necessidade ver essa área novamente para a comunidade dos moradores e a comunidade estudantil. Tem muitas coisas que se pode fazer nessa área, inclusive para os alunos, algum sarau, ideias para se poder usufruir positivamente da área né, um espaço de cultura, porque não? (...) Eu participei desse espaço quando eu era adolescente e graças a Deus, aos meus pais enfim, hoje posso me considerar um cara de caráter né, uma pessoa do bem e eu acho que através desse tipo de recurso e convivendo com pessoas legais, pode-se proporcionar isso aos nossos filhos e netos.”

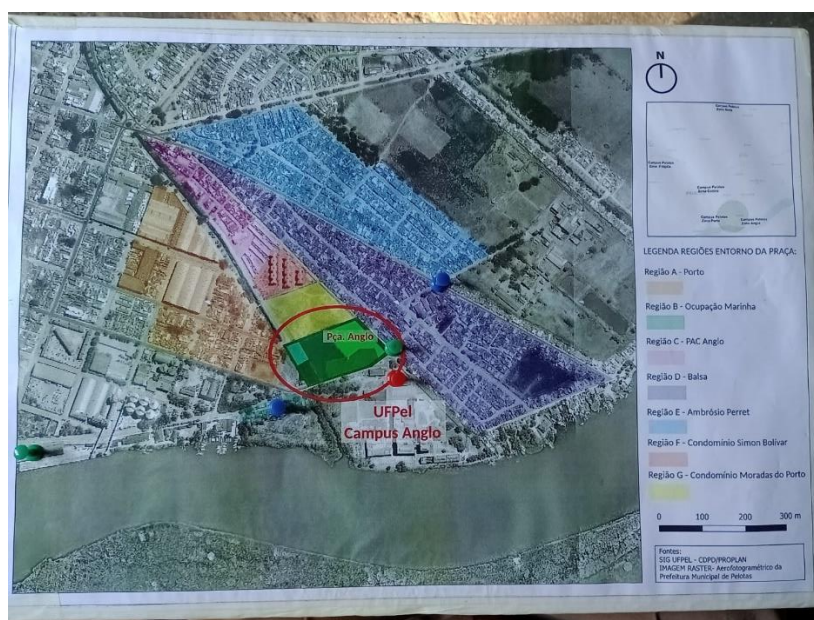


Figura 68: Mapa da legibilidade entrevistado 2  
Fonte: Fonte: Naurb/ Proplan, adaptado, 2025

O entrevistado representou no mapa com pinos azuis, os caminhos. Com o pino vermelho, definiu a universidade como marco, e a entrada do Campus Anglo, definiu como nó utilizando o pino verde.



Figura 69: Mapa de setorização entrevistado 2  
Fonte: Naurb/ Proplan, adaptado, 2025

Dentro do mapa de setorização das atividades, o entrevistado sugeriu bancos dispostos embaixo das árvores para aproveitamento da sombra, espaço para cultura, quadra poliesportiva e pracinha infantil. Ao finalizar a contribuição para a pesquisa, o morador respondeu que espera que a praça volte a oferecer lazer e atividades para a comunidade, assim como, segurança para a região.



Figura 70: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 2  
Fonte: MotivAção, 2025



Figura 71: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 2  
Fonte: MotivAção, 2025

**Mulher, 62 anos:**

*“Eu moro no bairro há cerca de 60 anos, e eu trabalhei no frigorífico Anglo. Esse lugar era tão agradável, na hora do almoço, quando saíamos do frigorífico, íamos para lá. Era bom almoçar de baixo das árvores e descansar. Agora olhar esse lugar assim, dá até uma pena. É triste de ver! O mato tomou conta, o espaço ficou abandonado, inseguro, cheio de lixo e bichos peçonhentos. Ouvei falar que tinha um pessoal morando ali dentro em um barraco (...)”*

Na etapa *Presente* da entrevista, a moradora preferiu não utilizar o mapa mas destacou a importância das vias de ligação direta com a universidade, citando a Rua Gomes Carneiro e a Rua Três de Maio como caminhos relevantes. Quanto aos limites do bairro, apontou a Rua Três de Maio como referência, estendendo-se até a área do Guanabara. Como possíveis usuários da praça, mencionou especialmente as crianças, mas também adultos que poderiam utilizá-la para encontros cotidianos, como o chimarrão. Não identificou pontos de encontro consolidados no bairro, mas destacou o antigo supermercado Fonseca (atual Porto Cinco) como referência. Ao analisar os pontos positivos e negativos

do bairro, concordou com os resultados anteriores da metodologia DRUP, sobretudo quanto às críticas relacionadas à segurança e à limpeza.

Na etapa *Futuro*, enfatizou o desejo de que a praça fosse implantada para oferecer espaços de lazer e bem-estar, sugerindo a instalação de uma praça infantil e um espaço para feiras.

Ressaltou ainda que experiências semelhantes observadas em outras cidades — como academias ao ar livre em Jaguarão, Bento Gonçalves e Canoas — demonstraram o impacto positivo na qualidade de vida da população. Por fim, manifestou concordância com as principais atividades apontadas pela comunidade nos questionários: praça infantil, academia ao ar livre, pista de caminhada, espaço para chimarrão e quadra poliesportiva.



Figura 72: Cenário Virtual criado pela entrevistada 3  
Fonte: MotivAção, 2025



Figura 73: Cenário Virtual criado pela entrevistada 3  
Fonte: MotivAção, 2025

### **Mulher, 26 anos:**

A moradora, residente há quatro meses no bairro, não apresentou lembranças do passado do terreno da futura praça, em razão do curto período de residência.

Na etapa *Presente*, destacou que o espaço atualmente é pouco utilizado e apresenta problemas de acúmulo de lixo. Reconheceu a universidade como principal ponto de referência e considerou a implantação da praça como uma ação positiva, tanto para os moradores do entorno quanto para os estudantes, melhorando o fluxo de pessoas e a segurança. Em relação aos caminhos, mencionou o trajeto até o centro e o uso informal de atalhos pelos estudantes como relevantes. Não identificou pontos de encontro consolidados, mas reconheceu a importância de espaços de convívio na vizinhança. Concordou com os principais pontos positivos e negativos previamente levantados pela comunidade na metodologia DRUP, incluindo vizinhança, tranquilidade, pavimentação e saneamento como positivos, e limpeza, segurança e ausência de áreas verdes como negativos.

Na etapa *Futuro*, sugeriu a criação de áreas de lazer e práticas esportivas, academia ao ar livre, pista de caminhada, espaço para chimarrão, e área pet para animais. No mapa do terreno, posicionou essas atividades considerando a

preservação ambiental das árvores existentes, priorizando a sombra e a circulação confortável, assim como, a disposição de bancos.



Figura 74: Mapa de setorização entrevistado 4  
Fonte: Naurb/ Proplan, adaptado, 2025



Figura 75: Cenário Virtual criado pela entrevistada 4  
Fonte: MotivAção, 2025



Figura 76: Cenário Virtual criado pela entrevistada 4  
Fonte: MotivAção, 2025

Destacou também a relevância de espaços acessíveis, iluminados e bem distribuídos, capazes de atender diferentes públicos e atividades, reforçando o caráter comunitário e de integração com a universidade.

### **Mulher, 61 anos:**

Moradora residente da região há seis anos, relatou algumas memórias do local antes da instalação da universidade, lembrando que a área era predominantemente mato, com mangueiras e campos de futebol. A entrevistada mencionou também a presença de vilas e a organização do espaço antes da urbanização, com ruas não pavimentadas e porteiras para passagem de animais.

Quanto à infraestrutura atual, relatou problemas frequentes de acúmulo de lixo, especialmente em áreas próximas aos apartamentos, e ressaltou a importância de uma guarita ou segurança para preservar o espaço futuro. Ela indicou os principais caminhos importantes no bairro, como vias de acesso próximas ao condomínio, destacando que algumas ruas não foram abertas pela prefeitura, dificultando a circulação.

Identificou pontos de referência locais, como a “casa das bombas” e o “Valetão”, e mencionou pontos de encontro, incluindo lanchonetes e padarias,

mas destacou a dificuldade de mobilidade e a sensação de insegurança, indicando que muitas pessoas dependem de carro ou Uber para se locomover.

Sobre a futura praça, sugeriu atividades e equipamentos, priorizando: Pracinha infantil; Bancos para descanso; Espaço para Chimarrão e convivência; Área de exercício físico e espaço para pets; Iluminação adequada, segurança e manutenção constante. Enfatizou a importância de que o espaço seja bem cuidado e seguro, valorizando a área como potencial ponto de lazer e convivência para moradores do entorno, especialmente para famílias com crianças e donos de animais de estimação. Também comentou sobre a distribuição dos apartamentos e valores de condomínio, relacionando-os à atratividade do bairro.

Em síntese, a entrevista reforça a necessidade de um projeto que respeite a memória local, assegure segurança, ofereça infraestrutura de lazer e atenda à diversidade de usuários do bairro.



Figura 77: Cenário Virtual criado pela entrevistada 5  
Fonte: MotivAção, 2025



Figura 78: Cenário Virtual criado pela entrevistada 5  
Fonte: MotivAção, 2025

**Homem, 68 anos:**

*“Guria, eu moro aqui a minha vida inteira, vi essas crianças crescerem brincando nesse lugar. Pena estar assim hoje. Fui trabalhador do antigo frigorífico Anglo, eu e minha esposa, tempo bom. É triste ver um lugar tão bonito que era, tapado no lixo. Essa nossa área é tranquila dentro de suas possibilidades, mas depois que começou a criar esse mato, acho muito perigoso. Vejo o pessoal cruzando naquele mato pelo lado dos condomínios, as vezes as crianças atravessam ali, eu particularmente acho péssimo. Antigamente antes dos campos, tinham muitas árvores, mas não mato, era limpo. As pessoas passeavam com os cachorros pelo campo, eu gosto muito de cachorros. Tinha gente que levava as redes e colocavam nas árvores para descansar na sombra. Gostaria que esse espaço voltasse a ter vida, que esse mato fosse limpo. A comunidade é carente de espaços assim. Antes para ter esse tipo de lazer era só caminhar uma quadra e pronto, agora só de carro para achar um lugar”.*

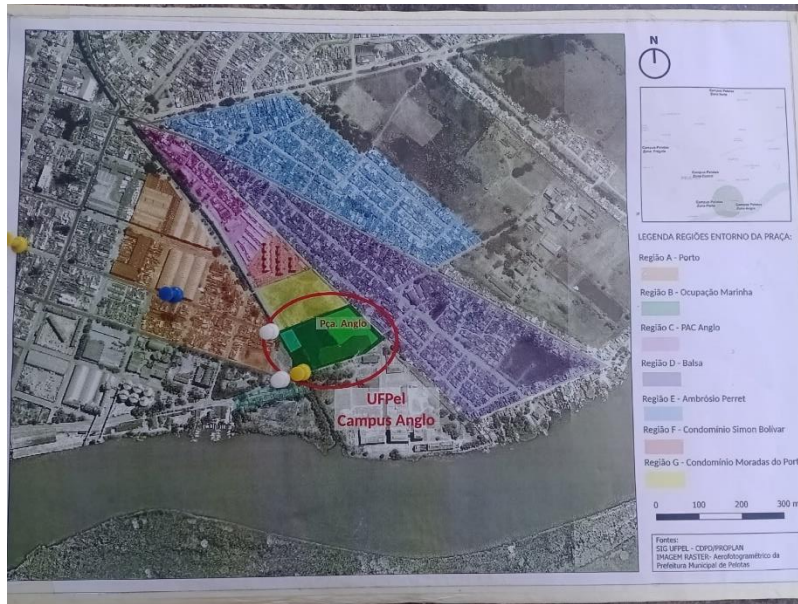


Figura 79: Mapa da legibilidade entrevistado 6  
 Fonte: Fonte: Naurb/ Proplan, adaptado, 2025

O entrevistado identificou no mapa os limites do bairro usando pinos amarelos, os caminhos com pinos brancos, se referindo às ruas Gomes Carneiro e Três de Maio como principais percursos dentro do bairro e para referenciar o ponto de encontro utilizou pino azul.



Figura 80: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 6  
 Fonte: MotivAção, 2025



Figura 81: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 6  
Fonte: MotivAção, 2025

O entrevistado concordou com os resultados apresentados através das núvens de palavras dos pontos positivos e negativos de cada bairro e também com as atividades propostas. Encerrou sua participação relatando que quer para a nova praça um lugar acolhedor, que tenha segurança e ofereça para a comunidade a infraestrutura necessária para abrigar atividades que beneficiem no contexto geral todos os usuários.

#### **Homem, 61 anos:**

O entrevistado, mora no bairro há quase seis décadas, possuindo amplo conhecimento sobre a história e as transformações do local. Reconhecido por sua participação ativa na comunidade, ele relatou que sempre procura contribuir de alguma forma com melhorias no entorno.

Na etapa *Presente*, destacou como principais caminhos do bairro as ruas Paulo Guillayn, Tiradentes e Gomes Carneiro, que estruturam a circulação local e conectam os moradores às áreas centrais. Quanto aos usuários potenciais da praça, afirmou que o espaço seria utilizado por pessoas de todas as idades, mencionando seus próprios filhos e netos como exemplos, além de destacar que ele mesmo faria uso da área para correr, praticar exercícios na academia ao ar

livre, jogar bola e compartilhar momentos de convivência social, como o chimarrão.

*“Eu sou bem ativo, meus netos adoram. Queria ver essa praça sair do papel para ver eles brincar, isso seria muito legal, eu voltaria no tempo”.*

Para o entrevistado, a Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) Campus Anglo constitui o principal ponto de referência do bairro, dada sua centralidade e influência no cotidiano da região. Contudo, ele ressaltou que a implantação da praça teria potencial para se consolidar como o principal ponto de encontro entre todos os bairros do entorno, fortalecendo a integração comunitária, oferecendo espaços de lazer e incentivando hábitos saudáveis.



Figura 82: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 7  
Fonte: MotivAção, 2025



Figura 83: Cenário Virtual criado pelo entrevistado 7  
Fonte: MotivAção, 2025

### **5.2.2 Potencialidades da ferramenta como instrumento participativo**

A utilização da ferramenta MotivAção demonstrou grande potencial enquanto instrumento de apoio aos processos de participação comunitária, especialmente por possibilitar a tradução das percepções e expectativas dos moradores em representações visuais e interativas. Por meio das entrevistas e da utilização de mapas e cenários virtuais, os participantes puderam identificar caminhos, limites, pontos nodais, marcos e possíveis usuários do espaço, além de propor atividades e setorização para a futura praça.

Um dos aspectos mais relevantes da ferramenta é a sua capacidade de aproximar a linguagem técnica da arquitetura e do urbanismo da linguagem cotidiana dos moradores. Através dos “kalungas” — figuras ilustrativas que representam pessoas realizando atividades diversas —, o público pôde visualizar-se dentro do espaço projetado, experimentando situações de uso e convivência. Essa dinâmica amplia o engajamento, facilita a compreensão do projeto e incentiva a expressão de ideias de forma acessível e criativa.

Além disso, a ferramenta favorece a coletivização das decisões, permitindo que diferentes perfis de moradores — variando em idade, tempo de residência e vínculos com o bairro — expressem seus pontos de vista. Essa pluralidade contribui para a construção de um projeto mais democrático e

inclusivo, em sintonia com a perspectiva de que os processos participativos devem incorporar múltiplas vozes e interesses (SANOFF, 2000).

Outro ponto de destaque é o potencial da ferramenta em estimular a corresponsabilidade da comunidade com o espaço público. Ao visualizar suas propostas representadas nos cenários virtuais, os moradores tendem a reconhecer-se como coprodutores do projeto urbano, fortalecendo laços de pertencimento e aumentando as chances de apropriação e manutenção futura da praça. Essa dimensão está em consonância com a noção de participação cidadã como empoderamento, apresentada por Arnstein (1969), ao propor a inclusão efetiva da comunidade nas decisões que afetam seu cotidiano.

Nesse sentido, o *MotivAção* configura-se não apenas como um recurso de simulação espacial, mas como um dispositivo pedagógico e participativo, capaz de mediar o diálogo entre universidade e comunidade. Tal prática está alinhada à concepção de extensão universitária como via de mão dupla, onde o saber acadêmico e o saber popular se encontram, promovendo transformações sociais concretas (BRANDÃO, 2007).

## **6. CONCLUSÃO**

A presente dissertação teve como objetivo central o desenvolvimento de um projeto de praça que pudesse se constituir em suporte para atividades de extensão universitária, articulando a universidade com a comunidade do entorno e promovendo a construção coletiva de um espaço público qualificado. Ao longo da pesquisa, buscou-se não apenas propor um desenho urbano, mas sobretudo fomentar processos participativos capazes de fortalecer o senso de pertencimento e de apropriação por parte da população local.

Os resultados alcançados evidenciam a relevância da participação ativa da comunidade em todas as etapas da pesquisa. O uso da ferramenta *MotivAção*, ainda que adaptada, mostrou-se eficaz na criação de cenários virtuais, permitindo aos moradores visualizarem possibilidades para o espaço e contribuírem de forma concreta para a definição do projeto. O levantamento das memórias afetivas associado às entrevistas e ao DRUP possibilitou a identificação dos principais pontos positivos e negativos do terreno e das áreas do entorno, além de registrar percepções e expectativas que fundamentaram a construção de uma proposta coletiva. Essa experiência revelou a importância de

metodologias que articulam dados técnicos e subjetivos, demonstrando que a comunidade, ao perceber-se dentro do espaço urbano, assume papel central na sua transformação.

No campo prático, a pesquisa possibilitou à comunidade contribuir com seus saberes cotidianos, transformando-os em insumos para o projeto urbano. Do ponto de vista acadêmico, a experiência reforça o papel da extensão universitária como mediadora de processos participativos, capazes de articular demandas locais e conhecimento técnico. O debate teórico também é ampliado, sobretudo no que diz respeito à valorização do espaço de convívio social, ao fortalecimento do senso de lugar e ao reconhecimento das memórias coletivas como elementos estruturantes para a construção do futuro das cidades.

Algumas limitações foram enfrentadas no decorrer da pesquisa, especialmente relacionadas à inacessibilidade física do terreno, devido à densa vegetação e à presença de entulhos, o que dificultou a realização de um levantamento fotográfico mais preciso e inviabilizou o uso do aplicativo MotivAção em sua forma original. Além disso, a aplicação do programa em campo enfrentou restrições quanto ao suporte físico para os equipamentos, já que em muitas residências não havia condições adequadas para a utilização do notebook, exigindo adaptações durante a condução das entrevistas.

Por fim, é importante destacar as perspectivas futuras que emergem a partir desta pesquisa. A praça Anglo, concebida de forma participativa, poderá se tornar espaço privilegiado para a realização de novos projetos de extensão universitária, fortalecendo a integração entre a comunidade acadêmica e os moradores dos bairros adjacentes. Nesse sentido, iniciativas como o projeto *Rua da Ciência*, atualmente em desenvolvimento na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apresentam grande potencial para dar continuidade ao processo de popularização da ciência e ampliação das interações entre universidade e sociedade. Além disso, recomenda-se a realização de um trabalho conjunto com a própria UFPel para analisar os dados de uso e de demandas da comunidade acadêmica, de modo a subsidiar a elaboração final do projeto da praça e sua futura implementação. Dessa forma, a experiência aqui apresentada poderá consolidar-se em uma proposta efetiva, fortalecendo o papel da universidade como agente ativo na promoção do bem comum e na construção de cidades mais inclusivas e participativas.

## 7. REFERÊNCIAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*. Rio de Janeiro: ABNT, 2015.

ALTMAN, I., Baixo. S. (1992). **Comportamento humano e ambientes: Avanços na teoria e pesquisa**. V. 12, Place anexo, Plenum Press, Nova York.  
BANDEIRA, M. TEXTO 3: **CONTEXTO TEÓRICO E EMPÍRICO: A REVISÃO DA LITERATURA**. Laboratório de Psicologia Experimental, Departamento de Psicologia – UFSJ, 2005.

ARNSTEIN, Sherry R. **A Ladder of Citizen Participation**. Journal of the American Institute of Planners, v. 35, n. 4, p. 216-224, 1969.

BARBOSA, Matheus Gomes. **Infraestrutura de saneamento básico do Conjunto Habitacional Lindóia: análise sob uma perspectiva de sustentabilidade do Sistema Condominial de Esgoto**, 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas, [S. l.], 2020.

BARNS, Sarah et al. **Digital infrastructures and urban governance**. Urban Policy and Research, v. 35, n. 1, p. 20-31, 2017.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA – BCo. **Serviços e informações**. 2024. Disponível em: <https://www.sibi.ufscar.br/unidades/bco>. Acesso em: 12 abril. 2025. Disponível em: [sibi.ufscar.br](https://www.sibi.ufscar.br)

BONDI, L. (1993). **Localizando a política de identidade**, em M. Keith e S.

BORDA, A.; MEDVEDOVSKI, N.; SOPENÃ, S.; BROD, G.; TEODORO, T. Construção de cenários motivacionais sob a perspectiva de tecnologias sociais. In: SIGRADI XVIII, Montevideo, 2014. Design in freedom... Montevideo: Manuel Carballa, 2014. p.493-496

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é extensão universitária**. Campinas: Autores Associados, 2007. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/438045.pdf> >. Acesso em: 13 de junho de 2022.

BRASIL, **Decreto-lei nº 750, de 8 de agosto de 1969**. Provê sobre a transformação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e dá outras providências. Diário Oficial da União. Seção 1. 11/08/1969. P.6825. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Decreto-Lei/1965-1988/De10750.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Decreto-Lei/1965-1988/De10750.htm). Acesso em: 25 jun. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.  
Brasília: Secretária da Agricultura Familiar, 2006. Disponível em: [www.mda.gov.br/saf](http://www.mda.gov.br/saf). Acesso em: 18 de agosto de 2015.

BRIA, Francesca; MOROZOV, Evgeny. **A cidade inteligente: tecnologias urbanas e democracia**. Ubu Editora, 2020

Brown, BB, Perkins, DD (1992). **Interrupções no apego ao local**. Em I. Altman e S. Low (Eds.), *Comportamento humano e ambientes: avanços na teoria e pesquisa*. Volume 12: Colocar Anexo (pp. 279–304).

CANTER, D. (1997b). **As facetas do lugar, em GT Moore e RW Marans**, (Eds.), *Advances in Environment, Behavior, and Design*, vol. 4: Rumo à Integração de Teoria, Métodos, Pesquisa e Utilização. Nova York: Plenum, p. 109-147.

CARR, S.; FRANCIS, M.; RIVLIN, L.; STONE, A. **Public Space**. 1st ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. 398p.20

CAVALCANTE, Sylvia; Elali, A. Gleice. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (p. 63-68)

CCH Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. **VIII Ciência na Praça**, 2023. Unversidade Federal de Viçosa. Disponível em: <https://cch.ufv.br/eventos/viii-ciencia-na-praca/>

CHAWLA, L. (1992). **Anexos do lugar da infância**. Em I. Altman e S. Low (Eds.), *Comportamento humano e ambientes: avanços na teoria e pesquisa*. Volume 12: Coloque os anexos (pp. 63–84). Nova York: Plenum Press.

CHOMBART DE LAUWE, P. H. **Appropriation de l'espace et changement social**. In: KOROSÉC-SERFATY, P. *Appropriation de l'espace – Actes de la 3<sup>a</sup> Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace Construit*. Estrasburgo, 1976, p. 25-33.

COSTA, Heloisa Soares de Moura. **A cidade universitária e seus impactos na configuração urbana: o caso de Viçosa/MG**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 13, n. 1, p. 107-121, 2011.

CRESSWELL, Tim. **Place: A Short Introduction**. Blackwell Publishing (2004).  
DE CERTEAU, Michel. **The Practice of Everyday Life**. University of California (1984). **The inhabited space according to Michel de Certeau**. Tradução e publicação ArtCultura, Uberlândia, 2004, p. 85-96.

DUTRA, Janice Jara Conceição. **Construindo a cidade e a cidadania: avaliação da implementação e da satisfação do usuário do PAC Urbanização de Assentamentos Precários no loteamento Anglo, Pelotas-RS**. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas, 2017. Disponível em: Precários no loteamento Anglo, Pelotas-RS. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas, 2017. Disponível em:

[http://quaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5244/1/Janice%20Jara%20Conceicao%20Dutra\\_Dissertacao.pdf](http://quaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/5244/1/Janice%20Jara%20Conceicao%20Dutra_Dissertacao.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

FAUNDEZ, A. – **O poder da participação**. São Paulo: Cortez. 1993.  
FISHER, G. N. **La notion de territoire**. *Psychologie des Espaces de Travail*. Paris: Armand Colin. 1989)

FLUSSER, V. **Towards a Philosophy of Design**. In: **Theories of Design**. 1966.

FRANZ, Norbert & VAN DER BURGT, Danique. **Claiming Urban Space: Street Vending, Power, and Contestation**. Routledge (2020).

FREITAS, C.; CARDOSO, A.; CARDOSO, J.; SILVEIRA, P.; BORDA, A.. **Requalificação dos espaços públicos por meios digitais**: Oficina na Escola Municipal Padre Rambo, Pelotas/RS. Pelotas: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, 2017: CEC IV, Pelotas, 2017, Anais..., p. 117-122, 2017. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2017>> Acesso em: 11 mar. 2021.

FREITAS, C.; ROQUE, P.; BORDA, A.; MEDVEDOVSKI, N. **Uma Interface Lúdica para Intervir na Fotografia: Relato de ações extensionistas para promover a reflexão sobre imagens da cidade**. 3 Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território. Disponível em: <[https://wp.ufpel.edu.br/3ciecit/files/2022/03/ANAIS\\_3CIECIT\\_RV13.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/3ciecit/files/2022/03/ANAIS_3CIECIT_RV13.pdf)> . Acesso em: 13 de junho de 2022.

GARCIA, D.; CECCONI, R.; PINTO, G.; BORDA, A.; MEDVEDOVSKI, N. **Técnicas participativas de incentivo e conscientização dos moradores na região da balsa para o manejo adequado dos resíduos sólidos**. Pelotas: CEC III, Pelotas, 2016, Anais..., p. 1-4, 2016.

GIERYN, TF (2000). **Um Espaço para Lugar em Sociology**. *Anual. Rev. Sociol.*, 26:463-96. Hidalgo, MC, & Hernandez, B. (2001). Local anexo: questões conceituais e empíricas. *Jornal de Psicologia Ambiental*, 21, p.273-281.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GOULART V. D.; ESSINGER V. C.; PERES M. O. (2019). **UFPEL, Espaço Urbano e a Cidade de Pelotas**. Patrimônio Industrial da cidade de Pelotas, RS, p.61-67.

GRAUMAN, C.F. **Le concept d'appropriation (aneignung) et le modes d'appropriation de l'espace**. In: KOROSÉC-SERFATY, P. *Appropriation de l'espace – Actes de la 3<sup>a</sup> Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace Construit*. Estrasburgo, 1976 (p. 127-132).

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **A inclusão da ociosidade: uma metodologia para inventariar imóveis urbanos ociosos: o caso de Pelotas (RS): relatório final de pesquisa.** [Brasília]: CNPQ, 2006.

Disponível em:

[http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Problemas\\_Habitacionais\\_Assent\\_Precarios\\_Urbanos\\_Rmc.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Problemas_Habitacionais_Assent_Precarios_Urbanos_Rmc.pdf). Acesso em 10 de agosto de 2015.

[https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/7508/Dissertacao\\_Matheus\\_Gomes\\_Barbosa.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/7508/Dissertacao_Matheus_Gomes_Barbosa.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 13 set. 2023.

IPARDES. **Problemas habitacionais dos assentamentos precários urbanos na Região Metropolitana de Curitiba:** Relatório I. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Curitiba: 2010.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 510p.

JORGENSEN, B., & Stedman, R. (2001). **Sentido de lugar como apego: atitudes dos proprietários de Lakeshore em relação às suas propriedades.** *Journal of Environmental Psychology*, 21, 233– 248.

JORNAL FOLHA DA MATA. **Campus Viçosa da UFV ganhará espaço interativo de fomento à ciência,** 2023. Site:

<https://www.folhadamata.com.br/campus-vicosa-da-ufv-ganhara-espaco-interativo-de-fomento-a-ciencia>

KYLE, GT, Bricker, K., Graefe, AR e Wickham, TD (2004). **Um exame das relações dos recreacionistas com atividades e ambientes.** *Ciências do Lazer*, 26, 123-142.

KOSTER, R. **The Theory of Fun for Game Design.** O'Reilly Media, 2005.

KURZWEIL, Ray. **The law of accelerating returns.** In: TURING, Alan. **Life and legacy of a great thinker.** Springer, Berlin, Heidelberg, 2004. p. 381-416.

LAFLOUFA, Jacqueline. **Cidades Inteligentes não passam de conto de fadas, provoca Evgeny Morozov.** Disponível em: . Acesso em: 27 mar. 2020.

LAGEMANN, Eugênio. **O Banco Pelotense e o sistema financeiro regional.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 251 p.

LALLI, M. (1992). **Identidade urbana relacionada: teoria, medição e resultados empíricos.** *Jornal de Psicologia Ambiental*, 12, 285-303.

LAMAS, J. M. R.G. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993. p.102.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space.** Oxford: Blackwell. (1974).

LIMA, A. de D. M. J. (2017). **Conversações: encontros entre as artes, a cidade e a universidade.** *Vazantes*, Vol. 1, p.97-111

LOW, Setha M. & ALTMAN, Irwin. **Place Attachment.** Springer (1992).

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.

MARCUS, CC (1995). **A casa como espelho de si mesmo: explorando o**

MARCUS, CC, & Barnes, M. (1999). **Jardins de cura: benefícios**

MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer et al. **(DRUP): Um Relato sobre a Ferramenta como Instrumento para Processos Participativos em Habitação de Interesse Social – Uma Ação Extensionista**. Revista Expressa Extensão, Pelotas, v.20, n.2, p. 99-116, 2015.

MICHELON, Francisca Ferreira: **Sociedade Anônima Frigorífico Anglo de Pelotas, trabalho do passado nas fotografias do presente**. Editora e Gráfica Universitária, 2012.

NAM, Taewoo; PARDO, Theresa A. **Conceptualizing smart city with dimensions of technology, people, and institutions**. In: Proceedings of the 12th Annual International Conference of Digital Government Research: Digital Government Innovation in Challenging Times. Maryland, USA, 2011. p. 282-291.

NOVISKI, A.; ROMAN, G.; MEDVEDOVSKI, N.; THELHEIMER, V. FREITAS, C.; BORDA, **A Capacitação em Métodos Participativos em Tempos de Pandemia COVID19: o Motiv-ação e suas possibilidades**. VII Simpósio Brasileiro de Qualidade de Projeto do Ambiente Construído. 2021 Disponível em: < <https://even3.blob.core.windows.net/anais/438045.pdf> >. Acesso em: 13 de junho de 2022.

OBSERVATÓRIO CIDADANIA, CULTURA E CIDADE. **Como a universidade estende as mãos para a sociedade**. 2018. Disponível em: <https://www.observatorioculturaecidade.ufscar.br>. Acesso em: 10 fevereiro, 2025.

OLIVEIRA JUNIOR, W.; GARCIA, D.; BORDA, A. **Desenvolvimento de aplicativo dirigido à motivação para a requalificação urbana baseado em interfaces naturais**. Pelotas: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, 2016 : CIC XXV, Pelotas, 2016, Anais..., p. 1-4, 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cic/anais/anais2016/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

OLIVEIRA, Livia de. **O espaço público e o sentido de lugar: uma leitura fenomenológica**. São Paulo: Annablume, 2011.

POL, E. **A apropiación del espacio**. In: INIGUEZ, L.; POL, E. *Cognición, representación y apropiación del espaci*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996, p. 45-62.

POLIDORI, Maurício C. **Aquisição e reciclagem do prédio da antiga fábrica Fiação e Tecidos: projeto de extensão**. Pelotas: Pró-Reitoria de Extensão, 1989

Pró-Reitoria de Extensão da UFES. **O que é extensão universitária**. Campus de Goiabeiras, Vitória – ES, 2013. Disponível em: <https://proex.ufes.br/o-que-e-extensao-universitaria> Acesso em: julho de 2024.

RHEINGANTZ, P. De Corpo Presente. In: NUTAU'2004. Anais... São Paulo: FAU/USP, 2004. RHEINGANTZ, P. et al. **Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a Avaliação Pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Proarq/FAU-UFRJ, 2008 (no prelo).

REIS, A.T.; LAY, M.C.D. **As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído**. In: III Encontro Nacional e I Encontro Latino-americano de Conforto no Ambiente Construído – ANTAC – Grupo de Conforto Ambiental e Conservação de Energia, Gramado. 1995.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

ROQUE, P. T. do N. M., BITTENCOURT, G. da S., & SILVA, A. B. A. da. (2024). **Desenvolvimento de interface para a construção de jogos digitais com fotografia com foco na acessibilidade para leigos em programação: o projeto motivação**. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 17(13), e13629. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.13-223>

SANOFF, Henry. **Community participation methods in design and planning**. New York: John Wiley & Sons, 2000.

SANTOS, Luísa de Azevedo dos. **Ecoponto Pestano e Cartilhas Informativas Pestano. 2018**. Trabalho de Conclusão (Especialização Em Assistência Técnica Para Habitação E Direito À Cidade Residência Profissional Em Arquitetura, Urbanismo E Engenharia) - Universidade Federal da Bahia, 2018.

SEAMON, D. (Ed.) (1993). **Mundos diferentes se unindo: uma fenomenologia do relacionamento como retratado nos diários de Jane Somers de Doris Lesing**. Em D. Seamon (Ed.), *Habitar, ver e projetar: Rumo a uma ecologia fenomenológica*. Nova York: State University of New York Press.

SEMED – **Secretaria de Museus e Espaços de Ciência** da UFV, 2022. Disponível em: <https://semec.ufv.br/museus/>

SERFATY-GARZON, O. **Chez soi – Les territoires de l'intimité**. Paris: Armand Colin, 2005. L'Appropriation. In: SEGAUD, M.; BRUN, J.; DRIANT, J. C. **Dictionnaire Critique de l'habitat et du logement**. Paris: Armand Colin, 2003. (p. 27-30)

SGAS – SECRETARIA DE GESTÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE. **Projetos: Trilha da Natureza**. 2024. Disponível em: <https://www.sgas.ufscar.br/deaea/projetos>. Acesso em: 12 abril. 2025. [sgas.ufscar.br](https://www.sgas.ufscar.br)

SILVA, Guilherme Zitzke Cardoso da; ECHEVENGUÁ, Kaynã Faria; SANTOS, Luana Helena Loureiro Alves dos; DINIZ, Maíla Machado. **Estudo de caso sobre a utilização de inteligência artificial na geração de mobiliário**

- urbano para a revitalização da praça anglo, pelotas/RS. XXXIV CIC.** Pelotas. 2024
- SHAMAI, S. (1991). **Senso de lugar: uma medida empírica.** Geofmm, 22: p.347-358. **significado mais profundo do lar.** Berkeley, CA: Conari Press.
- SOUZA, Gustavo Almeida Silveira de; CAMPUS FURTADO, Edgar; EVILÁSIO CAMPOS, Leandro José; QUINTÃO, Cristiane Medina Finzi. **Identificação do modelo dinâmico de uma turbina eólica: estudo de caso da Nordtank NTK 330F.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENGENHARIA E TECNOLOGIA, 2021, São Paulo. Anais... São Paulo: Atena Editora, 2021. p. 199-210.
- SOUZA, J. G. **Evolução histórica da universidade brasileira:** abordagens preliminares. Revista da Faculdade de Educação, Campinas, v. 1, n. 1, p. 42-58, ago. 1996.
- SPELLER, G. M. **A importância da vinculação aos lugares.** In: SOCZKA, L. (org.). Contextos humanos e Psicologia Ambiental. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005. (p. 133-167)
- STEDMAN, RC (2003). **Senso de lugar e ciência florestal: rumo a um programa de pesquisa quantitativa.** Forest Science, 49(6): p.1-8.
- STEELE, F. (1981). **O sentido do lugar.** Editora CBI, Inc.
- TEODORO, Thales; VEIGA, M.; GOMES, Hector; BORDA, A.B.A. Experiências divertidas: visões sobre um design com caráter social. In: XXI CIC 2012- Congresso de Iniciação Científica da UFPel, 2012, Pelotas. Pelotas: 200 anos. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2012. v.01. p. 01 – 04
- terapêuticos e recomendações de design.** Nova York: John Wiley and Sons.
- THIOLLENT, M. (1986). Coleção “temas básicos de...” **Metodologia da Pesquisa-ação.** Editora Cortez, Autores Associados. São Paulo, 1986, p.8
- TORNATORE, J. L . **Patrimônio, tradição, etc: discussões e algumas situações francesas da relação com o passado.** Universidade de Metz, França. Revista Memória em Rede, 2010, p.7-20
- TRUJILLO, Francisco. **Metodologia da pesquisa.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.
- TUAN, Yi-Fu. **Space and Place: The Perspective of Experience.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1980.
- TUAN, Yi-Fu (1974). **Topofilia. Penhascos de Englewood.** Prentice-Hall, NJ.
- UFMG. **Projeto de Extensão Universitária: como funciona?.** Biblioteca Prof. Lydio Machado Bandeira de Melo, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5133> Acesso em: julho de 2024.
- UFSCar. **Projeto Compartilhando Menos Lixo.** 2024. Disponível em: <https://www.gestao.ufscar.br>. Acesso em: 22 abril. 2025.

UFSCar. **Somos Cultura: Mapeamento de Cultura na UFSCar**. 2025. Disponível em: <https://www.mapadecultura.ufscar.br>. Acesso em: 22 abril. 2025.

UFSCar. *Universidade Federal de São Carlos*. 2025. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade\\_Federal\\_de\\_S%C3%A3o\\_Carlos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Federal_de_S%C3%A3o_Carlos). Acesso em: 22 abril. 2025.

UFV **Ciência na Praça**, 2022. Disponível em: <https://emredevicosa.ufv.br/ciencia-na-praca/>

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático DRP**.

VILELA-PETIT, M. **Espace aproprie – espace appropriant**. In: KOROSEC-SERFATY.P. *Appropriation de l'espace – Actes de la 3<sup>a</sup> Conférence Internationale de Psychologie de l'Espace Construit*. Estrasburgo, 1976, p.219-226.

## 8. ANEXOS



Universidade Federal de Pelotas  
Núcleo de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo  
Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo



### DRUP - DIAGNÓSTICO RÁPIDO URBANO PARTICIPATIVO PRAÇA ANGLO 2022

Essa é uma consulta que a UFPel está fazendo com a população vizinha e usuária do Campus Anglo para saber das necessidades sobre áreas de lazer. Em frente ao "Campus Anglo" existe um terreno que foi adquirido pela Universidade, no qual há alguns anos foram depositados restos de demolição. Atualmente a Universidade está trabalhando para fazer a limpeza desse terreno, para ocupá-lo como mostra o desenho em anexo. Para o projeto da praça, estamos buscando informações com a comunidade vizinha e usuários do Campus Anglo, para que a praça possa contemplar atividades que sirvam tanto à comunidade da UFPel quanto a sua vizinhança.

COR		QUADRA/ZONA		Nº Questionário	
ENDEREÇO - Rua:			nº Casa: nº Sanep		
Data da entrevista:    /    /					
Nome do entrevistador				Nome do entrevistado	
Tempo de moradia				Telefone	
<b>LOTEAMENTO/BAIRRO</b>					
Pontos positivos					
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
Pontos negativos					
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					
<b>ÁREA VERDE/LAZER</b>					
Qual você costuma frequentar?					
Pontos positivos					
1.					
2.					
3.					
4.					
5.					

Pontos negativos
1.
2.
3.
4.
5.

QUESTIONÁRIO	ÁREA VERDE/LAZER				
Você recorda o uso deste local? Qual?					
Quais usos/atividades você gostaria que este local tivesse?					
Sugestões de usos e atividades	ótimo	bom	neutro	ruim	péssimo
Pista de Skate					
Quadra Poliesportiva					
Praça Infantil					
Quadra de Vôlei					
Academia ao ar livre					
Espaço para atividade física guiada					
Espaço para Feira Livre/Eventos					
Food Truck					
Pista de Caminhada					
Bocha					
Quiosques					
Piquenique/Chimarrão/Gramado					

Bancos					
Xadrez/Damas					
Redário					
Quadra de Areia (Beach Volei / Tênis)					
Como você considera a arborização das áreas do entorno?	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Como você considera a iluminação das áreas do entorno?	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Você usaria esse espaço durante a noite? Como?					
Com que frequência você utiliza os espaços de lazer e áreas verdes públicas?					

Questionário Socioeconômico

Morador	Sexo	Idade	CD*	ESC**
Respondente				
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				

- ( ) família nuclear (pai E mãe + filhos)  
 ( ) família nuclear **expandida** (pai E mãe + filhos+ parente)  
 ( ) família **monoparental** (pai OU mãe + filhos)  
 ( ) família **monoparental expandida** (pai OU mãe + filhos + parentes)  
 ( ) **DINC** (casal sem filhos)  
 ( ) **coabitação** (sem vínculo familiar)

\*Condição no domicílio

1. Chefe
2. Cônjuge
3. Filho
4. Avô/ô
5. Neto/a
6. Outro parente
7. Agregado
8. Locador de cômodo

\*\*Escolaridade

- A. Sem instrução
- B. Ensino fundamental Incompleto
- C. Ensino fundamental cursando
- D. Ensino fundamental completo
- E. Ensino médio Incompleto
- F. Ensino médio cursando
- G. Ensino médio completo
- H. Ensino superior Incompleto
- I. Ensino superior cursando
- J. Ensino superior completo

Condição de propriedade:

( ) Própria ( ) Alugada ( ) Cedida

Renda total do domicílio: \_\_\_\_\_

Recebe algum auxílio:

( ) Não ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_

Possui alguém na família que seja PNE?

( ) Não ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

“Da memória, ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel – A interação comunidade e universidade através da extensão

”

Pesquisador responsável: Maíla Machado Diniz

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Telefone: (53) 981299586

---

**CONVITE:** Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Da memória, ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel – A interação comunidade e universidade através da extensão”, cujo objeto de estudo é o projeto da Praça Anglo localizado em frente ao *Campi* Anglo da UFPel. Esta pesquisa é acadêmica e desenvolvida no mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. Sua participação é muito importante para o desenvolvimento dessa pesquisa e você estará contribuindo para a produção de conhecimento científico.

**OBJETIVO DO ESTUDO:** O objetivo principal da pesquisa é desenvolver ferramentas para a construção de espaços compartilhados pela comunidade universitária e comunidades do seu entorno por meio da proposta da qualificação da Praça Anglo. Dentro do contexto geral de objetivo da pesquisa, está o foco em relacionar potencialidades existentes dentro e fora da Universidade, e fazer com que estas potencialidades sejam compartilhadas e benéficas para ambas as partes, tendo em vista futuras propostas de atividades de extensão universitária.

**PROCEDIMENTOS:** O procedimento consistirá em responder a um questionário, que envolve questões relacionadas à memória sobre o lugar, as necessidades da comunidade com relação às atividades e mobiliários esperados, bem como percepções gerais. O questionário tem um tempo previsto de aproximadamente 30 minutos. Outro procedimento a ser adotado são as entrevistas para levar os resultados dos questionários para a comunidade e assim, a partir de um aplicativo chamado *MotivAção* realizar a criação de cenários virtuais para visualização das demandas escolhidas pela população.

**RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES:** Os riscos são mínimos ao participar da pesquisa, como sentir algum desconforto ou constrangimento em responder aos

questionamentos, podendo suspender sua participação em qualquer momento, sem ter nenhum prejuízo ou custo em relação à desistência.

**BENEFÍCIOS:** Os benefícios de participar da pesquisa estão relacionados à possibilidade de identificação das necessidades comunitárias, contribuindo para possíveis projetos de qualificação do espaço urbano comum.

**DANOS RELACIONADOS A PESQUISA:** A participação na pesquisa não apresenta danos.

**DESPESAS:** Ao participar da pesquisa você não terá que pagar por nenhum procedimento, nem receberá compensações financeiras.

**PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA:** Sua participação neste estudo é voluntária e você poderá interrompê-la a qualquer momento.

**CONFIDENCIALIDADE:** Sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a), assegurando assim sua privacidade.

**RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA:** Mestranda Maíla Machado Diniz - maaimachadodiniz@gmail.com. Professora Nirce Saffer Medvedovski - nirce.sul@gmail.com. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis através do telefone (53) 981299586 ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Medicina (FAMED), pelo telefone (53) 3221.3554, cujo endereço é Avenida Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03 - Pelotas/RS.

**CONSENTIMENTO:** Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Sendo assim, ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e outra será arquivada pelo investigador principal. Concordo em participar do estudo "O projeto de extensão como ponto chave para a interação entre Universidade e

comunidade no compartilhamento espacial– Da memória, ao pertencimento, caso da Praça Anglo UFPel”. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

NOME DO PARTICIPANTE: \_\_\_\_\_

ASSINATURA:

\_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR:** Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa.

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

\_\_\_\_\_